

Rodrigo Amorim

**OS NEOLOGISMOS DE SAGARANA E SUA
TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA**

Rodrigo Amorim

**OS NEOLOGISMOS DE SAGARANA E SUA
TRADUÇÃO PARA A LÍNGUA INGLESA**

Dissertação de Mestrado apresentada à
Faculdade Ciências e Letras da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”,
Câmpus de Assis, para a obtenção do título
de Mestre em Linguística (Área de
Concentração: Linguística e Filologia
Portuguesa)

Orientador: Prof.º Dr. Paulo Fernandes
Zanotto

Assis/2002

BANCA EXAMINADORA

TITULARES:

Nome dos membros	Instituição
Dr. Paulo Fernandes Zanotto – Orientador Especialista em Tradutologia Assinatura:	Unesp – Assis
Dra. Cleide Antonia Rapucci Especialista em Tradução Literária Assinatura:	Unesp – Assis
Dra. Maria Cecília Pires Barbosa de Lima Especialista em Tradução Assinatura:	Unesp - Araraquara

SUPLENTE

Dra. Diva Cardoso de Camargo Especialista em Tradução Assinatura:	Unesp – São José do Rio Preto
Dra. Maria do Rosário Gomes de Lima Silva Especialista em Tradução Assinatura:	Unesp - Assis

OUTROS:

Dra. Marlene Holzhausen Especialista em Tradução Assinatura:	Unesp – Assis
Dra. Heloísa Costa Milton Especialista em Tradução Assinatura:	Unesp - Assis

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

A524n Amorim, Rodrigo
Os neologismos de *Sagarana* e sua tradução para a língua
inglesa / Rodrigo Amorim. Assis, 2002
161 f.

Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências e Letras
de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Lingüística aplicada. 2. Tradução. 3. Neologismos. 4.
Rosa, João Guimarães, 1908 – 1967. I.Título.

CDD 418.02
869.93

*À minha mãe, Elznora Maria Amorim, pelo amor,
paciência e confiança inabalável em minha vitória.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. ° Dr. Paulo Fernandes Zanotto por sua confiança, tranqüilidade e orientação precisa e inteligente.

À Prof. ª Dr. Jeane Mari Sant'Ana Spera por sua generosidade e incentivo que fizeram brotar este projeto.

À Fundação de Amparo e Incentivo à Pesquisa do Estado de São Paulo, FAPESP, pelo apoio financeiro durante os dois anos iniciais deste projeto.

Aos amigos que prefiro não mencionar para evitar injustiças, mas que sabem da importância de seu carinho, amparo e incentivo durante as idas e vindas desta realização.

Ao Criador por pela vida e oportunidade de realizar algo construtivo.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo realizar um estudo comparativo entre *Sagarana* de Guimarães Rosa e sua respectiva tradução para o inglês, realizada por Harriet de Onís, analisando as **soluções tradutórias** encontradas por esta última para os neologismos criados pelo autor, buscando encontrar elementos que possibilitem o entendimento da produção textual e do processo tradutório. A compreensão das soluções tradutórias será pautada por a) um estudo dos conflitos e contradições inerentes e implícitos à tradução: o paradoxo relativo à impossibilidade inerente vs. necessidade absoluta e a dicotomia tradução literal vs. tradução livre; b) analisar a prosa roseana enfocando a produção-recepção de um texto literário e da função estética do neologismo no texto literário; c) uma análise da formação das palavras para determinar os fatores operados e viabilizadores da construção neológica; e d) a produção de sugestões de tradução para as soluções tradutórias oferecidas pela tradutora ora estudada. Este estudo comparativo seguirá uma orientação funcionalista de tradução aliada a uma perspectiva simpática às correntes Contemporâneas da Recepção, procurando entender os papéis dos elementos envolvidos na produção/recepção textuais: o autor, o texto-oferta, a leitura, o leitor, o tradutor e o texto-tradução.

UNITERMOS: 1. Tradução e Interpretação; 2. Lingüística Aplicada; 3. Neologismo; 4. Estilística; 5. Rosa, J. Guimarães; 6. Língua Portuguesa; 7. Língua Inglesa

ABSTRACT

This dissertation was carried out as a comparative study of J. Guimarães Rosa's *Sagarana* (1946) and its respective translation by Harriet de Onís (1966), specifically focused on the translation solutions provided by her to the neologisms created by him, in order to find out elements which make possible both textual production and translation process understanding. The understanding at issue will comprise a) the inherent and implicit conflicts and contradictions of translation: the inherent impossibility vs. absolute necessity paradox and literal translation vs. free translation dichotomy; b) an analysis of Rosa's prose style focusing on the literary text production-reception and the neologism aesthetic function within the literary text; c) an analysis of word formation for determining neological construction at work and feasible factors; and d) the suggestion of translation equivalents instead of the solutions provided by Onís. A translation functionalist approach will be taken in association with an engaging perspective on the Contemporary reception theories meant to explain the roles of the elements involved textual production/reception: the source language text (SLT), the reading process, the translator's mediation the target language text (TLT) and the reader (R²), the translator, and the translation-text.

KEYWORDS: 1. Translation and Interpretation; 2. Applied Linguistics; 3. Neologism; 4. Stylistics; 5. Rosa, J. Guimarães; 6. Portuguese Language; 7. English Language

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	08
CAPÍTULO 1 – A TRADUÇÃO: CONFLITO E CONTRADIÇÃO ...	12
CAPÍTULO 2 - A PROSA POÉTICA DE GUIMARÃES ROSA E OS NEOLOGISMOS.....	37
CAPÍTULO 3 – FORMAÇÃO VOCABULAR E NEOLOGISMOS....	59
CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS DADOS.....	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	119
APÊNDICE – NEOLOGISMOS: FORMAÇÃO VOCABULAR, MADALIDADES DE TRADUÇÃO E CLASSIFICAÇÃO ETNOLINGÜÍSTICA.....	126
ANEXO – FOTOCÓPIA DA NOTA DA TRADUTORA HARRIET DE ONÍS.....	159

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo de línguas sempre me acompanhou em razão do fascínio de proferir palavras detentoras de uma força estranha àquelas ditas no dia-a-dia: era como conhecer a senha para um outro universo. A busca pelo conhecimento do idioma e o prazer de aprender novas línguas e entrar em contato com novas culturas constituem as forças motrizes para o empreendimento do atual estudo da tradução dos neologismos criados por Guimarães Rosa (1984) em *Sagarana*.

A tradução é uma área de estudo controversa e fecunda de conflitos, oferecendo material para inúmeras discussões e polêmicas e colocando o estudante iniciante em constante questionamento a respeito das orientações tradutórias, metodologias, conceitos teóricos e aplicações práticas desse conjunto na produção de um texto traduzido.

Dois pontos de conflito parecem ser centrais no que tange a tradução: o paradoxo, entre Logocentrismo e as Correntes Contemporâneas da Recepção e a dicotomia tradução literal vs. tradução livre. O primeiro conflito versa sobre o paradoxo ou os limites da tradução: impossibilidade inerente de se realizar a tradução e a necessidade absoluta de se fazê-la; e, o segundo, aborda a dicotomia relativa ao posicionamento do tradutor e a concepção de ato tradutório implícita. Ambos pontos de conflito acabam por remeter aos conceitos de autor (produção e criatividade) texto (produção e recepção), leitor (recepção e re-produção) e de leitura (contato / encontro).

O Logocentrismo estabelece o texto como uma realidade objetiva, um fato invariável e não sujeito à diversidade de transformações/influências exteriores e, por conseqüência, impedindo a diversidade de leituras, variando, digamos, a capacidade/habilidade de penetração/compreensão do texto por diferentes leitores. Na contramão teórica colocam-se as Correntes Modernas da Recepção, como a Desconstrução de Jacques Derrida, a Arqueologia de Michel Foucault e a Semioclastia de Roland Barthes, por sua vez fundamentadas nas teorias de Sigmund Freud e de Friedrich Nietzsche; movimentos do pensamento humano que instauram uma visão de homem e de realidade relativizada pelas inúmeras forças centrípetas e centrífugas que

influenciam a forma como um indivíduo aborda, integra e analisa os fatos a sua volta; propondo, assim, que a realidade é uma construção do pensamento humano e que, como o homem se diversifica e se transforma ao longo de sua evolução pessoal e social, essa construção do real também modificar-se-á. As leituras, portanto, nunca serão iguais porque os homens nunca são os mesmos, ainda que um único indivíduo leia um único texto, as condições de influência que estão envolvidas nesse ato de leitura inevitavelmente serão outras a cada novo momento de leitura.

A dicotomia tradução literal vs. tradução livre que propõe duas vertentes tradutórias, respectivamente: a primeira de reprodução do texto dito matriz, no sentido de preservar as idéias, formas e conteúdos impressos pelo autor. A leitura, segundo tal orientação tradutória, constitui-se em uma busca pelos sentidos originais, pela tentativa “utópica” de imitar a genialidade do autor e por um apagamento do tradutor que subordina sua força criativa aos desígnios do autor.

Já a vertente da tradução livre privilegia a alteração, a modificação e a adaptação do texto original de forma que o leitor do texto traduzido nem perceba tratar-se de uma tradução, como se o texto fora escrito originalmente em sua língua. A leitura aqui é um processo de reestruturação textual e de ativa atuação do tradutor.

Tais conflitos/contradições constituem um dos elementos centrais na discussão teórica sobre a tradução e, além disso, impõem reavaliações de conceitos e posicionamentos teóricos que enriquecem não só a área de tradução e literatura especificamente, mas a relação entre povos e suas respectivas línguas e culturas, pois, ao definir e pôr em relevo suas respectivas individualidades/identidades, as aproxima em razão repensar os pontos de contato e o processo que as envolve.

Por sua vez, Guimarães Rosa é um ícone no cenário literário brasileiro, misto de sagrado e profano, absolutamente fascinante e desafiador. Celebrado por sua genialidade criativa, por sua inventividade literária, é apontado com um dos mais brilhantes autores nacionais e sua figura surge como um marco na literatura do país como um revolucionador e inaugurador de uma nova fase de nossa literatura ao lado de Clarice Lispector. Em contra partida, era condenado e criticado por aquela mesma linguagem que, segundo muitos, tornava a leitura de seus livros uma empreitada agreste e espinhosa, quase um convite ao abandono da mesma.

Dados esses elementos de fundo, com o presente trabalho pretendo iniciar a compreensão tanto dos processos de tradução quanto da produção/recepção textual de *Sagarana*, pautando-me pela análise das **soluções tradutórias** encontradas por Harriet de Onís para os neologismos, especificamente os oriundos dos processos de derivação e composição, criados no referido texto. O objetivo geral é, portanto, retirar do estudo comparativo entre texto língua de partida (original) e texto língua de chegada (tradução) elementos que possibilitem o entendimento da produção textual e do processo tradutório.

Essa compreensão das soluções tradutórias orientar-se-á pela abordagem de quatro pontos, a saber:

- I. Um estudo dos conflitos e contradições inerentes e implícitos à tradução para vislumbrar um conceituação de tradução que me possibilite o entendimento dos procedimentos adotados pela tradutora em questão, possibilitando-me propor considerações a respeito da tradução realizada e assumir posicionamentos como estudante de tradução.
- II Um leitura analítica da prosa roseana enfocando a questão da produção-recepção de um texto literário e da função estética do neologismo dentro dessa conjuntura de fatores que envolvem os textos ora analisados, para obter subsídios que possam concorrer positivamente para a compreensão das relações entre autor e leitor (tradutor).
- III Uma análise da formação das palavras com o intuito de compreender quais instrumentos, estratégias e elementos da língua são utilizadas na criação de um vocábulo e, em específico, de um neologismo. E
- IV Uma prática de análise comparativa entre os textos língua de partida e de chegada para evidenciar as soluções tradutórias encontradas por Harriet de Onís no sentido de compreender as escolhas feitas pela referida tradutora relativamente à tradução de neologismos esteticamente motivados como os encontrados em *Sagarana*

Cada um desses pontos constituir-se-á, respectivamente, em capítulo deste trabalho que, quanto à tradução, será norteado por uma concepção funcionalista de tradução (para quê e para quem traduzir) obtida em Nord (1991) e complementada por Arrojo (1992a e 1992b; 1993), Aubert (1981a e 1981b; 1994; 1998a e 1998b), dentre

outros, e, quanto à análise textual e formação vocabular, seguirá as proposições de Riffaterre (1973; 1989), Guilbert (1987), Sandmann (1988; 1991); Alves (1990) e outros.

A orientação funcionalista de tradução, salvo melhor juízo, minora as tensões entre os conflitos/contradições/paradoxos mencionados anteriormente à medida que aponta soluções de acordo com um referencial concreto de trabalho tradutório por a) admitir a realização da tradução em nível de texto (*parole*) e não em nível de língua (*langue*) (Cf. COSERIU, 1982), refutando, assim, a premissa da impossibilidade; b) resgatar importância da posição do tradutor como peça fundamental do processo tradutório; e c) criar um conjunto de referenciais de trabalho capazes de viabilizar a tradução de acordo com conceitos inerentes ao ato tradutório em si, mas sem desconsiderar a conjuntura de fatores que o envolvem e interpenetram.

A tradução, entendida aqui como uma leitura estabelecida entre dois complexos língua-cultura, para ser melhor compreendida, segundo creio, remete à análise do processo de produção/recepção do texto, cuja abordagem oferecida especialmente por Riffaterre permite-me analisar a criação lingüística de um recurso de estilo, o neologismo, sob um ponto de vista mais amplo o qual permita-me compreender o papel do autor, do leitor e, principalmente, do tradutor.

A adoção dessa perspectiva de leitura viabiliza analisar as relações textuais entre as diversas esferas da produção e recepção textuais, nos planos intralingual e interlingual e, sobretudo, compreender os fatores ocorrentes nos meandros do processo tradutório que levam o tradutor a materializar esta ou aquela opção de tradução.

Assim estruturado, este trabalho pretende atingir sua meta primordial de compreender o processo de produção-recepção de texto entre dois complexos língua-cultura distintos tendo por elo de ligação em texto literário.

CAPÍTULO 1

A TRADUÇÃO: CONFLITO E CONTRADIÇÃO

(...) (T)he multi-dimensional character of language with its dynamic tension of paradoxes and seemingly conflicting forces becomes the basis for translation. (SNELL-HORNBY, 1988, p 02)

Em minhas leituras sobre a problemática da tradução, percebi haver uma recorrência a respeito da dicotomia tradução literal vs. tradução livre e também, como sugere Rosemary Arrojo (1993), divergências entre o Logocentrismo e as Correntes do Pensamento Contemporâneo da Recepção.

Tal discussão acerca da natureza conceptual da tradução também foi percebida por Roncaratti (2000) em sua dissertação de mestrado *As modalidades da tradução aplicadas ao conto “The cask of amontillado” de Edgard Allan Poe*. Em seu estudo, a autora (Id., p. 11) discute as diversas abordagens teórico-metodológicas da tradução, traçando um panorama da década de 50 até a atualidade, observando que há “(...) uma busca dialética pela conceituação teórica da tradução sem optar[-se] definitivamente por uma ou outra abordagem.”

Outro ponto relevante na discussão acerca da tradução versa sobre o conceito central de equivalência, cuja adoção parece ser um imperativo por falta de uma terminologia mais adequada. A maioria dos autores tem tal conceito implícito em suas teorias e suas construções teóricas refletem e permeiam tal idéia de equivalência.

Tal discussão sobre a orientação tradutória e a busca de equivalências diacronicamente produziu uma série de posições teórico-metodológicas, oportunamente pontuadas em um quadro didático-explicativo por Zanotto (informação verbal)¹, quando ministrou a disciplina “Tradutologia: teoria e prática”, junto ao Curso de Pós-graduação em Letras, Área de concentração: Filologia e Lingüística Portuguesa. Tomo emprestado, então, do Prof. ° Dr. Zanotto seu quadro para ilustrar o

¹ O referido quadro informativo foi apresentado pelo Profº Dr. Paulo Fernandes Zanotto, como já informado no corpo do texto, em sua disciplina junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Ciências e

desenrolar da discussão dicotômica acerca da tradução e sua inerente busca de equivalentes:

Evolução do conceito , postura, orientação, intenção, objetivo ou escopo tradutório (Para quê e para quem?)	
TEÓRICO DA TRADUÇÃO	CONCEITUAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA
55 a.C. Cícero	Ut interpres vs. Ut orator
317-419 A.D. São Jerônimo	Ad verbum vs. Ad sensum
1813 Schleiermacher, F.S.	$R1 \leftarrow R2$ vs. $E \rightarrow R2$
1911 Ortega y Gasset	Centrípeta vs. Centrífuga
1922 Postgate, J.P.	Retrospectivamente vs. Prospectivamente
1958 Vinay & Dalbernet	Direta vs. Oblíqua
1964 Nida, E. A.	Correspondência formal vs. Equivalência dinâmica
1965 Catford, J.C.	Parcial vs. Plena (volume) Restrita vs. Total (nível) Limitada vs. Não limitada (ordem) Literal vs. Livre (tipo)
1969 Schadewaldt, W.	Documentária vs. Instrumental
1977 Vázquez-Ayora, G.	Direta vs. Oblíqua
1978 Diller, H.J. & Kornelius, J.	Secundária vs. Primária
1981 Newmark, P.	Semântica vs. Comunicativa
1981 House, J.	“Overt” vs. “Covert”
1986 Delille, K.H.	Dissimiladora vs. Assimiladora
1992 Venuti, L.	Estrangeirizadora vs. Nacionalizadora

Como se pode perceber, cada estudioso/teórico da tradução pretende abordar a questão da conceituação da tradução e a dicotomia elementar permanece, grosso modo , inalterada: uma vertente busca preservar o conteúdo e, se possível, o estilo, mantendo

o estranhamento do texto língua de partida; e a outra intenta “facilitar” a leitura do texto para o leitor texto língua de chegada, como se o texto não fosse uma tradução mas tivesse sido escrito em sua própria língua.

Arrojo (Idem: 1993) discute a contradição sobre a (im)possibilidade da tradução e posiciona-se contra concepções do logocentrismo e a favor das correntes contemporâneas da recepção (Nietzsche, Freud, Saussure, Barthes, Foucault, Derrida) em que se destacam a plurivocalidade do signo intermediada por seus interpretes, não havendo acesso a um referente único, exclusivo, concreto e real, pois o interprete é um elemento de interferência e a significação realiza-se graças a um equilíbrio frágil de forças básicas opostas e simultâneas: forças centrípetas (estabilidade, a norma) e forças centrífugas (instabilidade, variantes)

A autora (Id., p.17) expõe as divergências sobre a tradução entre os conceitos defendidos pelo Logocentrismo e pelas Correntes Contemporâneas da Recepção:

(...) as teorias da linguagem que emergem da tradição intelectual do Ocidente, alicerçadas no Logocentrismo e na crença no que Jacques Derrida chama de ‘significado transcendental’, têm considerado o texto de partida como um objeto [definido, congelado], receptáculo de significados [estáveis], [geralmente] identificados com as intenções de seu autor”.

Para Derrida: um signo não é estável em razão de conter traços de um signo anterior residual e emergente – o novo contém o velho, assim não há o novo propriamente dito, pois neste último encontram-se resíduos remanescentes do velho. Contrariamente ao proposto por Derrida, a proposição logocêntrica acerca da estabilidade do significado leva a crer que uma tradução deve tomá-lo como pedra fundamental para estabelecer o significado “correlato” ou “equivalente” de acordo com os padrões e elementos constituintes originais, sem modificações; e, de acordo com a autora, tal postura teórica pretende “(...) [proteger] os significados originalmente produzidos por um autor.” (Ibid., p.16), justamente por deter uma visão univocal, linear, estática e estável da realidade.

A esse pensamento cartesiano/logocêntrico opõe-se uma visão na qual o texto só se constitui na relação entre texto-oferta e leitor. O tradutor, como leitor privilegiado em razão de seu biplurilingüismo e constituindo-se um árbitro ou mediador ciente da relatividade de seu trabalho condicionado por sua conjuntura de recepção, entende que a tradução é – em nível de língua – inerentemente impossível mas absolutamente necessária. Aqui opõe-se àquela visão logocêntrica univocal uma visão interativa, intermediada pelo leitor, centralizada na relação entre o signo e seus interpretes. Nas palavras de Arrojo (op. cit., p. 17)

(...)opõem-se (...) implicitamente ou explicitamente, algumas correntes do pensamento contemporâneo: [sobretudo] a ‘desconstrução’ de Jacques Derrida, a ‘arqueologia’ de Michel Foucault, a ‘semioclastia’ de Roland Barthes, que trazem em maior ou menor grau, a influência do pensamento brilhante e demolidor de Friedrich Nietzsche e dessa revolução intelectual que Freud instalou no centro da reflexão do homem sobre si mesmo.

Para tal corrente de pensamento, o ponto central, o cerne de tudo, reside na definição do próprio pensamento, concebido enquanto uma metáfora da realidade, sendo o significado, que é resultado do pensamento, tão metafórico quanto sua matriz e tão sujeito a variações e modificações quanto a suposta estabilidade que se desfaz no ato em si da criação:

(...) [o] significado é (...) sempre ‘atribuído’ e nunca imanente, o que implica dizer que esse significado é sempre ‘produzido’ por convenções e nunca ‘descoberto’ e que mudará à medida que mudarem as sociedades e as convenções que as regem. (op. cit., p.17)

Essa contradição ou paradoxo – impossível mas necessário – refere-se, obviamente, à afirmação sobre a impossibilidade da tradução em nível de língua (significado) mas não de texto (designação, sentido): há textos traduzidos, decorrentes de uma orientação voltada à preservar a sua alteridade (conteúdo e estilo) ou

resultantes de concepção teórico-metodológica que privilegie assimilações ao contexto lingüístico e cultural da língua de chegada.

Traduzir, segundo creio, não implica tão somente em ater-se ao texto original, no sentido de transpor-lhe os significados com um mínimo de “alteração” para o texto traduzido. Em primeiro lugar, porque não há equivalência entre os elementos analisados no ato tradutório de duas ou mais línguas dadas (Cf. COSERIU, Id., p. 159). A própria utilização do termo *equivalência* consiste em uma problemática da tradução, pois “(...) implica uma simetria, uma transitividade e uma flexibilidade que não são aplicáveis à tradução(...)” (RODRIGUES, 2000; p.20), como observou muito apropriadamente Cristina C. Rodrigues em seu *Tradução e diferença*. Basear a tradução no conceito de equivalência reafirma a pretensa estabilidade do significado ou, em outras palavras, propõe como verdadeira a reversibilidade de mensagens textuais entre duas línguas distintas. Entretanto, parece ser mais interessante e racional do ponto de vista da tradução a assertiva proposta por Rodrigues (Id., p. 23) que “(...) a tradução e o texto de partida são produtos de leituras contextualizadas(...)”, ou seja, na relação texto-oferta/leitor, o signo é intermediado por seus interpretes justamente porque o ser humano vive mergulhado num conjunto plural de elementos que compõem seu mundo e sua realidade e a língua, enquanto parte indissociável desse conjunto, contribui para com essas diferenças, porquanto identifica e materializa uma visão desse mundo e dessa realidade diferente para cada povo ou grupo de falantes: em outras palavras, a plurivocalidade dinâmica do signo quanto aos seus interpretes.

Em segundo lugar, o texto como realidade objetiva não existe, só se constitui na relação entre leitor e texto-oferta. A noção de significado estável do texto vincula-se uma concepção de absolutismo científico: a de que o homem “domina” o conhecimento e o mundo em que vive e que deve estar sempre em busca da certeza, da verdade. Segundo Nietzsche (apud Arrojo: 1992b, p. 53-4), com base na visão de relatividade mediada pelo interprete, o desejo do ser humano de aplacar a sua insegurança frente a um mundo de que conhece muito pouco leva-o a criar conceitos para explicar essa realidade, conceitos originados de uma metáfora, de uma criação.

(...) [O] homem não é um descobridor de ‘verdades’ independentes (...) mas sim um produtor de significados e, portanto, de conhecimentos que se consagram através das convenções que disciplinam os homens em grupos sociais. Consequentemente, a leitura – tanto em seu sentido restrito como em seu sentido mais amplo – enquanto produtora de significados é a única forma possível de relação entre homem e mundo.

(...)Portanto, a literaridade – a neutralidade, a razão, o puramente objetivo – é a grande metáfora, a metáfora primordial criada pelo homem que, entretanto, precisa se esquecer de que a inventou para não se lembrar de sua finitude e de suas limitações humanas.

E em terceiro e último lugar, a tradução, em termos de designação e sentido, não se faz somente no nível do conteúdo, como afirma Nida (1945, p. 194-212) mas também, dentro do possível, em nível de estilo: a forma de comunicar um significado, como no caso da poesia, sobremaneira, e no da prosa literária, entendendo estilo como o uso característico habitual de certos padrões gramaticais por determinado autor, o qual pode ser identificado e percebido pelo leitor sensível (intuição estilística) e até mesmo ser parodiado, existindo independentemente do conteúdo. (Cf. HAYES, 1969; p.184)

A fidelidade, cuja base principal é a literaridade, revela-se uma ilusão na medida em que todo texto constitui-se como real no ato da leitura, numa fusão de horizontes em que o leitor integra em seu horizonte aquele oferecido pelo texto-oferta, condicionado por sua própria conjuntura de recepção em determinado momento de sua vida (Cf. GADAMER: 1975). Sendo assim, cada leitura de um texto é uma espécie de “atualização” do mesmo, logo, não há homogeneidade de leituras – nenhuma leitura é igual a outra que a tenha precedido ou que a suceda – e, por consequência, nem de traduções.

A tradução, assim, não pode ser fiel ao *original* simplesmente porque o texto de partida enquanto produto do gênio criador do autor está sujeito a leituras diversas que o atualizam de acordo com o momento, e com todos os elementos lingüísticos e extra-lingüísticos nele envolvidos, em que se dá o ato da leitura. Ler aqui é produzir conhecimento, é estabelecer relações de poder com a matéria e com os outros seres

vivos que nos rodeiam, é afirmar a existência de algo, é, enfim, inserir e inserir-se em uma realidade que aparentemente dominamos mas que, de fato, é construída. Como afirmou Heráclito (540-480 a.C.; Fragmentos): um homem não pode atravessar duas vezes o mesmo rio: muda o homem e mudam as águas a cada novo encontro.

A produção de um texto por um autor é um processo único e exclusivo do que só ele, naquele determinado contexto criativo, tem conhecimento, sendo impossível a outra pessoa ou, em certa medida, até mesmo ao próprio autor refazer este percurso da criação *a posteriori*: eis aí originalidade do texto – o seu *Fiat Lux*, o seu momento de criação (conjuntura de produção)². A leitura (e a tradução) já é outro momento, já faz parte de outro conjunto de fatores criadores que produzem um **texto lido** cujo *Fiat Lux* é diverso daquele vivido pelo autor mas não inferior (conjuntura de recepção). Embora diversos, ambos momentos de criação estão indissolivelmente atados pois, para que haja comunicação entre autor e leitor, é preciso haver um encontro entre texto-oferta e leitor: a leitura.

A tradução se posiciona nessa relação entre leitor e texto-oferta quando texto e leitor pertencem a complexos língua-cultura diferentes, cabendo ao tradutor o papel de elo comunicativo ou árbitro privilegiado, comparado à cabeça de Janus (REISS, 1951; p. 36). Segundo Hatim e Mason (1997, p. 2),

[t]he translator is, of course, both a receiver and a producer; (...) [belongs to] a special category of communicator, one whose act of communication is conditioned by another, previous act and whose reception if that previous act is intensive. (...) [He or she] interacts(s) closely with [his/her] source text, whether for immediate response (as in the case of simultaneous interpreter) or in a more reflective way (as in the translation of creative literature).

Segundo Wandruszka (1972) o tradutor é um leitor privilegiado, bi-plurilingüe, cujo conhecimento de dois polissistemas lingüísticos permite-lhe aproximar os dois complexos língua-cultura e realizar o que Gadamer (Cf. Id.) denomina de fusão de

horizontes: o tradutor integra ao seu horizonte aquele oferecido pelo autor, condicionado por sua conjuntura circunstancial de recepção. A decorrência dessa fusão de horizontes/leitura implica uma produção de significado, logo, como nenhuma leitura é igual à outra, anterior ou posterior, texto de partida e tradução são, por direito e mérito próprios, diferentes, porém ligados por uma relação peculiar e estreita de intertextualidade.

É através dessa relação de peculiar e estreita intertextualidade que o tradutor institui um campo de interseção entre texto língua de partida e texto língua de chegada, viabilizando a tradução em nível de texto (parole: designação, sentido) e não no de língua(Cf. Id.).

John Milton (1993, p. 49-50), em seu *O poder da tradução* trata o processo tradutório discutido neste capítulo, separando de um lado tradutores que, partidários da corrente tradutória francesa denominada de *Les Belles Infidèles*, “(...) a fim de chegar à clareza de expressão e à harmonia de som, muitas vezes faziam acréscimos, alterações e omissões nas suas traduções (...)”; e do outro, os tradutores pertencentes à tradição alemã, “(...) favoráve(is) a um tipo de tradução completamente oposto às *belles infidèles*, ou seja, um tipo de tradução que seguisse o mais fielmente possível as formas morfológicas e sintáticas do original”. (p. 49-50)

Ambas as vertentes tradutórias são logocêntricas e privilegiam aspectos estanques da tradução e se encaixam no que Schleiermacher propõe: ou “(...) o tradutor deixa o leitor em paz e leva o autor até o leitor; em outras palavras, a tradução deveria parecer fluente na língua-alvo (...)” ou “(...) o tradutor deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; isto é, as formas estrangeiras do original são transferidas para o alemão (...)”(apud, idem: 1993, p. 58), não havendo possibilidade de se trilhar o que popularmente os chineses chamam de “caminho do meio”. Segundo Reiss (Id., p. 35), essa alternância do meio seria uma coexistência entre literal e livre dentro de um mesmo texto desde que o tradutor, estabelecendo compromissos, logre construir um texto coerente com os propósitos estabelecidos para a tradução de um texto (teoria funcional: para quê e para quem): ou literal ou livre e ainda literal e/ou livre.

² Esse momento único da produção textual remete à conjuntura de produção e informação estética de Bense e à frase absoluta de Fabri discutidas por Campos (1967) em seu artigo “Da tradução como criação e como crítica”, oportunamente discutido em momento posterior neste trabalho.

Milton (Id.) aborda várias correntes da tradução e vai ampliando a discussão sobre tradução refletindo sobre Pound, Borges, Benjamin, Derrida, de Man e Meschonnic. Em suas páginas dedicadas aos irmãos Campos e a José Paulo Paes, o autor revela uma postura aberta e crítica, propondo uma desvinculação dessa dicotomia literal vs. livre para descortinar um novo horizonte de possibilidades tradutórias: as da recriação literária.

Em seu “Da tradução como criação e como crítica”, ainda inserido no logocentrismo, Haroldo de Campos (1967) parte do conceito do ensaísta A. Fabri (apud CAMPOS, 1967, P. 21) de “sentença absoluta” cuja postulação é a de que

[por ser] ‘a essência da arte (...)a tautologia’, (...) as obras artísticas ‘não *significam*, mas são’. Na arte, (...) ‘é impossível distinguir entre representação e representado, [sendo própria da linguagem literária] a ‘sentença absoluta’, aquela ‘que não tem outro conteúdo senão sua estrutura’, a ‘que não é outra coisa senão o seu próprio instrumento’.

À sentença absoluta de Fabri, Campos acrescenta o conceito de “informação estética” de Max Bense (apud, CAMPOS, 1967, p.22). Tal informação caracteriza-se por possuir um ordenação de signos plena de imprevisibilidade, surpresa e improbabilidade, decorrendo dessas seu traço mais marcante e fundamental: a fragilidade. “[A] informação estética não pode ser codificada senão pela forma em que foi transmitida pelo artista (...); [sendo] talvez mais exato dizer que a informação estética é igual a sua codificação original [.]”.

De ambos os conceitos abordados por Campos, impõe-se a idéia de impossibilidade tradutória de textos concebidos esteticamente, já que a tradução opera na linha divisória entre significante e significado, reforçando a dicotomia do signo lingüístico e a obra literária pressupõe uma indissociabilidade entre as duas faces do signo. Eis aí que surge a grande virada, *the great deal* da proposta de Campos (Id., p. 24): partir do aparentemente impossível para concretizar essa mesma realidade negada.

Admitida a tese da impossibilidade em princípio da tradução de textos criativos, parece-nos que esta engendra o corolário da possibilidade, também em princípio, da recriação desses textos. Teremos, como quer Bense, em outra língua, uma outra informação estética, autônoma, mas ambas estarão ligadas entre si por uma relação de isomorfia: serão diferentes enquanto linguagem, mas, como os corpos isomorfos, cristalizar-se-ão dentro de um mesmo sistema.

[...] [P]ara nós, a tradução de textos criativos será sempre recriação, ou criação paralela, autônoma porém recíproca.[...] Numa tradução dessa natureza, não se traduz apenas o significado, *traduz-se o próprio signo*, ou seja, sua fisicalidade, sua materialidade mesma (propriedades sonoras, de imagética visual, enfim [...] a *iconicidade* do signo estético, entendido por *signo icônico* aquele ‘que é de certa maneira similar àquilo que ele denota’). O significado, o parâmetro semântico, será apenas e tão somente a baliza demarcatória do lugar da empresa recriadora. Está-se pois no avesso da chamada tradução literal.”

A possibilidade tradutória apontada por Campos, embora privilegie uma orientação criativa e uma tradução livre, acaba por alinhar-se com o Logocentrismo justamente por afirmarem a “imutabilidade” do texto de partida, tido com intangível devido à sua qualidade primeira de informação estética. Segundo Arrojo (op. cit.), anteriormente discutida aqui, tal sentença absoluta constitui, como toda criação humana, um metáfora atualizada na já referida fusão de horizontes definida por Gadamer (Cf. Ibid.).

Embora, como sugere Arrojo (op. cit.), o ponto de vista de Campos tenha um prisma alinhado ao Logocentrismo, este longo trecho de citação esclarece, salvo melhor juízo, os balizadores do que denomino de campo de interseção intertextual-tradutória: signo lingüístico enquanto ícone; o significado enquanto bússola e a ação tradutória enquanto tomada de decisão pessoal e motivada por um ideal de criação/recriação textual – o tradutor deixa de ser um agente passivo, invisível e neutralizado e passa a ocupar um papel decisivo dentro do processo de concepção/recepção da obra literária.

Especificamente quanto ao ponto de tomada de decisão do tradutor, faz-se pertinente a inclusão, dentro do conjunto de diretrizes esboçado até aqui, o conceito de *funcionalidade tradutória* (para quem e para quê traduzir) proposto por Nord (1991, p. 92), remetendo-se Vermeer:

(...) In a particular culture, at a particular time, the users of translation as well as the translators themselves expect a translated text to meet certain standards as far as the relationship between the translation and the original is concerned (e.g. **fidelity**), or the relationship between the translation and its purpose (e.g. **functionality**), or the reception of the translated text (e.g. **strangeness**). But different standards may be valid in another culture, or even in the same culture at another time (e.g. **equivalence**, **adequacy**, and **fluency**, respectively).

Segundo a autora (Id., p. 92), o tradutor deve procurar estabelecer um conjunto de conceitos teórico-metodológicos norteadores relativos à tradução, no sentido de harmonizar-se com as convenções regentes dos conceitos tradutórios pertinentes ao seu contexto cultural e ao seu momento histórico; ao tomar essa postura o tradutor estará pondo em prática a categoria moral da *lealdade* que: “(...) permits the integration of culture specific conventions into the functionalist model translation.”

Ser leal e não fiel, preocupar-se com o processo e com a orientação tradutória coerente desse processo, comprometer-se com a comunicação/recepção da obra e não com um modelo/tipo de texto estanque é o que significa conjugar modelo funcionalista da tradução com as convenções culturais específicas do público leitor da língua de chegada.

A tradução, sob esse ponto de vista funcional, implica, sobretudo, produção de texto, mas uma produção de texto condicionada, em primeiro lugar, a um texto pronto oriundo de um complexo língua-cultura de partida e, em segundo, a um contexto de um complexo língua-cultura diverso – nem superior nem inferior –, o de chegada, que oferece um conjunto de convenções estabelecidas histórica, social, econômica e culturalmente pelos padrões de leitura do público leitor de chegada.

O texto de partida deve ser respeitado enquanto elemento *si ne qua non* da tradução, o que implica dizer que o tradutor não irá escrever o que lhe der na cabeça ou cometer distorções como verter o inglês *physician* pelo português *físico* (physicist).

O tradutor enquanto leitor privilegiado, capaz de penetrar em dois complexos língua-cultura, deve manter-se leal ao seu objetivo de tradução, deve ter em mente para quê e para quem está traduzindo, lançando mão dos mais variados recursos para produzir um texto coerente com seus princípios internos (do próprio texto) e com os externos (estabelecidos pelo tradutor e suas relações contextuais)

Traduzir significa, pois, produzir um texto de acordo com um conjunto de convenções estabelecidas³, permitindo-me esta afirmação inferir que a polêmica equivalência tradutória, como já comentado anteriormente, também é uma convenção, também é um conceito criado pelo homem para relacionar-se com o mundo. Snell-Hornby (Id., p. 22), em seu *Translation Studies: an integrated approach*, coloca que

(...) the term *equivalence*, apart from being imprecise and ill defined (even after a heated debate of over twenty years) presents an illusion of symmetry between languages which hardly exists beyond the level of vague approximations and distorts the basic problems of translation.

O estabelecimento da intertextualidade entre texto de partida e de chegada tem se baseado, em grande parte, nesse conceito de equivalência tomado por uma linha mestra do ato tradutório, como crêem vários teóricos da tradução, dentre eles Nida e Taber: “[t]ranslation consists in reproducing in the receptor language the closest natural equivalent of the source language message, first in terms of meaning and secondly in terms of style” (apud, RODRIGUES, 2000; p. 15).

Contudo, a equivalência surge não porque haja uma “correspondência natural aproximada” entre texto de partida e de chegada, mas porque o tradutor constrói esse paralelo a partir de sua leitura. “From the point of view of the target literature, all translation implies a degree of manipulation of the source text for a certain purpose.” (apud, Rodrigues: 2000; p. 23)

³ É preciso não confundir convenções preestabelecidas com o compromisso ideológico de tradução etnocêntrica, nacionalizadora como aponta Venuti (VENUTI: 1986: p. 148)

O tradutor manipula elementos do texto de partida para construir um paralelo com outros elementos no de chegada, assim a intencionalidade e a não-neutralidade envolvidas nessa busca por “equivalências” despontam como fatores fundamentais subjacentes ao ato tradutório: o tradutor faz escolhas, se coloca diante do texto de partida enquanto leitor e produz um texto lido que então será tomado como base para a realização de um outro texto em outra língua.

Para Snell-Hornby (Ibid., p. 31; 32-6)), a essas escolhas do tradutor devem ser feitas de acordo com um “system of relationships (...) established between basic text-types – as prototypes – and the crucial aspects of translation.”, ou seja, a autora estabelece uma espécie de quadro ou escala com os diversos aspectos envolvidos em uma tradução e lança mão desse recurso para relativizar o processo de tradução e situar o tradutor em meio à extrema diversidade de convenções e forças antagônicas de que se compõe a área de tradução.

A autora abandona uma visão dicotomizada da tradução em favor de uma abordagem que compreenda todas as variantes e tensões inerentes à dinâmica da tradução no sentido de que “(...) the emphasis and the orientation (of the translation) should vary according to the constellation of text-type, stylistic profile and extent of non-linguistics constraints.” (idem: p. 111)

A abordagem de um texto literário, segundo essa perspectiva tradutória, levará sempre em conta a relação situacional que mantém com a realidade, pois o texto “(...) is created on the one hand through the dynamics of the individual act of reading, as described by Iser, and the other by virtue of the literary work of art being absorbed into this cultural heritage”. (idem: p.112)

A realidade do texto literário implica, além dos elementos pertinentes à leitura de qualquer texto, o diferencial do cânone artístico adotado ou da tradição cultural seguida em cada país, povo ou grupo humano. Essa *cultura literária* determinará, sobremaneira, os padrões e convenções de leitura e, conseqüentemente, os de tradução levados em conta quando de uma tradução literária. Por sua vez, as escolhas a serem feitas pelo tradutor integrarão os aspectos do nível microtextual – tipo de texto: narração em prosa ou em poesia, conto, romance, etc. – e do nível do sistema textual – cânone literário, tradição artística, etc. (cf.: idem, p.113).

O critério fundamental a ser observado quando do estabelecimento da intertextualidade entre texto de partida e de chegada deve ser o da funcionalidade literária: Que público está recebendo a tradução?, Qual a relação que a cultura desse público mantém com a cultura do texto de partida? As tradições culturais e os cânones artísticos tendem à semelhança ou, ao contrário, tendem à diversidade?

Hatim e Mason (Cf. Id.), em *The translator as communicator*, ao discutirem a ideologia da e na tradução logram responder as questões proposta no parágrafo anterior apontando para o fato de, inalienavelmente, haver uma ideologia implicada em qualquer texto e tradução. Todo ato tradutório, constituindo-se em uma tomada de decisão por parte do leitor-tradutor, remete a uma conjuntura macroestrutural envolta e edificada segundo padrões de pensamento, tradições culturais, história do povo, ou seja, “[t]he extent of the translator’s mediations is itself an ideological issue affecting both (1) [the ideology of translating] and (2) [the translation of the ideology].” (Ibid., p.143)

O discurso empregado por uma comunidade comunicativo-interpretativa reflete uma ideologia, orienta-se por ela, reforça e é reforçado pela mesma, em uma relação de determinação mútua:

“(…) a two way process is involved, in which users are ‘at the same time an active subject (agent) in the Discourse and passively subjected to its authority’ (Gee 1990,174).” (op. cit., p. 144).

Constitui essa ação discursiva ideologicamente motivada o pano de fundo para a instituição de um escopo tradutório conjuntamente com o que os autores denominam público receptor e efeitos pretendidos. A tríplice estrutura tradutória proposta materializa o ato tradutório em três vertentes tradutórias: mediação mínima, mediação máxima e mediação parcial.

A tradução realizada enquanto mediação mínima orienta-se para o que tradicionalmente chamamos de literal e que Venuti denomina estrangeirizadora, preservando o estranhamento e a ideologia subjacente ao texto língua de partida: “(…)

the strategy of minimal mediation relays features of genre and discourse intact from source text to target text reader. (op. cit., p. 152)

A mediação máxima da tradução promove o que Venuti denomina domesticação do texto língua de partida, operando uma transformação das estruturas textuais para ser fluente junto ao leitor texto língua de chegada, constituindo a tradução “(...) a radical departure from the source text in terms of register membership, intentionality, socio-cultural and socio-textual practices.” (op. cit., p.153).

Por fim, a mediação parcial orienta a prática tradutória no sentido de produzir uma tessitura textual em que os fios ideológicos do texto língua de partida não sejam subvertidos ao serem combinados com as linhas ideológicas do texto língua de chegada, criando assim uma organização estrutural em que “(...) significant discursual shifts occur between source text and target text throughout the work (...)” (op. cit., p. 159).

Essas três possibilidades tradutórias revelam a importância da ação do tradutor na condição de selecionador e mediador entre ideologias, destruindo a pretensa isenção, neutralidade ou invisibilidade do mesmo. Como já afirmado anteriormente aqui, a figura do tradutor está para o texto traduzido e para o leitor texto língua de chegada assim como está a do autor para o texto original e para o leitor texto língua de partida: cada texto, por direito e mérito próprios, possui seu valor.

Assim, a funcionalidade literária pauta-se por uma orientação de trabalho tradutório visando criar um texto traduzido coerente com uma estrutura básica tríplice (escopo, público receptor e efeitos pretendidos), oportunizando ao leitor texto língua de chegada o contato com um romance, um poema, um conto, etc., leitura essa que, sem a mediação de um terceiro indivíduo capaz de penetrar nos dois complexo língua-cultura distintos, seria impossível para aquele primeiro.

O texto, em especial o literário, desta forma

(...) cannot be considered as a static specimen of language (an idea still dominant in practical translation classes), but essentially as the verbalized expression of an author’s intention as understood by the translator as

reader, who then recreates this whole for another readership in another culture. This dynamic process explains why new translations of literary works are constantly in demand, and why *the* perfect translation does not exist. (Snell-Honrby, Id., p. 02)

A dicotomia literal vs. livre apontada no início deste capítulo e a busca de equivalências que lhe é inerente, ganha um novo contorno a partir do conceito de ação mediadora do tradutor pautada por dois grupos articulados: o primeiro delimitando a funcionalidade (escopo, audience design e efeitos pretendidos); e o segundo a configuração de produção/recepção textual-tradutória (ideologia da e na tradução, visibilidade/atuação do tradutor e complexos língua-cultura envolvidos). A ação mediadora do tradutor constitui a peça chave na demarcação da área de intertextualidade/traduzibilidade entre texto língua de partida e de chegada e opera a materialização do ato tradutório em si, fornecendo alternativas capazes de comunicar os itens textuais do texto de partida em um complexo língua-cultura diverso, aproximando-se do já mencionado caminho do meio dos chineses.

Tomando os conceitos abordados até o presente momento deste trabalho, pauto minha análise da tradução de Harriet de Onís segundo a delimitação do que anteriormente denominei de campo de interseção intertextual-tradutória cujos referenciais baseiam-se nos conceitos de a) ação mediadora do tradutor, b) funcionalidade e c) configuração de produção/recepção textual-tradutória. Em acréscimo a esses três conceitos, utilizo-me, ainda, dos conceitos teórico-metodológicos obtidos mais especificamente em “Linguistics and ethnology in translation problems” de Nida (1945) e “Modalidades da tradução: teoria e resultados” de Aubert (1998b), além da interessante análise empreendida por Ramos (1998) sobre a tradução de *Vida secas*, dentre outros.

A teoria classificatória de Nida (Id., p. 196) de agrupar os fatos lingüísticos a serem traduzidos em cinco grupos (cultura ecológica, cultura material, cultural religiosa, cultura social e cultura lingüística) procura contemplar o aspecto super significativo da marca sociocultural impressa na língua, tratando as palavras enquanto “(...) (fundamental) symbols for features of culture.”. Tal proposição teórica implica em um procedimento de análise comparativa particularizada das duas línguas

envolvidas no processo tradutório não apenas em termos morfossintáticos e semânticos gerais, mas em recortes culturais que contextualizam o conteúdo significativo de determinado vocábulo e regulam suas relações dentro do texto e entre o texto, seu autor e seus possíveis leitores. Para este autor a aproximação entre os campos de estudo da Lingüística e da Etnologia põe à disposição do pesquisador da área de tradução um maior espectro de fatores referenciais e de embasamento de análise do que o disponível para um outro estudioso que só se ativer à primeira das disciplinas.

(...) Almost all would recognize that language is best described as part of culture, and it soon becomes evident to those doing field-work in descriptive linguistics that one who has some training in social anthropology has a distinct advantage in dealing with many types of semantic problems, particularly those in which the culture under consideration is quite different from his own. Nevertheless, despite a well-recognized relationship between linguistics and ethnology on the part of some, the practical value of the relationship is often overlooked or vaguely defined. (Idem: p.194)

Em seu texto, Nida não define exatamente o que seja cada uma dessas culturas utilizadas para classificar os componentes textuais, mas discute cada uma delas com exemplos de tradução obtidos na realização de traduções da Bíblia através de um trabalho desenvolvido junto ao Summer Institut of Linguistics em associação com a American Bible Society. A partir de suas reflexões sobre exemplos práticos e problemas de tradução, pude depreender as seguintes definições para cada um dos tipos elaborados pelo autor para classificar os fatos textuais:

- a) cultura ecológica refere-se ao conjunto de elementos pertinentes ao meio ambiente (ecological features) de forma geral: diferenças climáticas, vegetação, topografia, estações do ano, ritmos das chuvas, etc. (Cf. op. cit. p. 196-8);
- b) cultura material refere-se ao conjunto de elementos pertinentes às técnicas e instrumentos e/ou materiais utilizados pelo ser humano: processos agrícolas de plantio, produtos agrícolas (e por extensão, os manufaturados e industrializados,

como por exemplo a farinha de trigo); estrutura das cidades, utilização de estradas, etc. (Cf. op. cit., p. 198-9);

- c) cultura social refere-se ao conjunto de elementos relativos a: organização e controle sociais: família e relações entre seus membros, indicações de casta e classe social, estratificação social e econômica; grupos sociais, modo de vida das pessoas, práticas sociais (como o divórcio, por exemplo), estrangeiros, etc. (Cf. op. cit., p. 199-201);
- d) cultura religiosa refere-se ao arcabouço de referenciais espirituais de um dado grupo ou sociedade em termos de: designação das divindades/deuses, conceituação de sagrado e santidade, de forças vindas do sobrenatural, de espíritos bons e/ou maus, os tabus religiosos e/ou dogmas, poderes místicos, etc. (Cf. op. cit., p. 201-2); e
- e) cultura lingüística refere-se aos traços característicos e específicos de uma dada língua nos níveis (1) fonológico, (2) morfológico, (3) sintático e (4) lexical: sons ou traços fonológicos distintivos, notas e/ou tons musicais, categorias morfológicas obrigatórias e não-obrigatórias, voz ativa e voz passiva, combinação sintática de orações em períodos, campo semântico de inserção vocabular, palavras isoladas e associações/combinções de palavras, expressões, situação de ocorrência do item lexical, etc. (Cf. op. cit., p.202-7)

A discussão proposta por Nida tenta elucidar as razões de ser a atividade tradutória algo tão complexo, fazendo referência a fatos como o de as traduções no Ocidente se darem geralmente entre línguas indo-européias, por haver “desníveis” entre línguas de culturas complexas e línguas de culturas simples, por “(...) our habit of discussing words almost in terms of psychological entities rather than in terms of social ones(...)” e por se supervalorizar o fator estilístico-literário fazendo-se crer constituir-se a tradução mais uma arte do que uma ciência (op. cit., p. 194). O autor tenta lançar luz sobre os obstáculos da tradução colocando em plano de destaque a natureza social do signo lingüístico, ampliando a discussão de uma plano puramente abstrato-mental (a palavra é fruto da mente) para um de relações coletivas onde os limites da concretização do discurso, embora fruto de relações mentais individuais, só ganha valor comunicativo dentro do jogo das regras sociais estabelecidas pelo grupo de

falantes envolvido. Dessa forma, o fator cultural deixa de ser um mero apêndice ilustrativo e passa a desempenhar papel fundamental na definição do significado e na sua interpretação dentro um mesmo complexo língua-cultura ou entre complexos distintos.

Nida procura “elevar”, ou ao menos distinguir, a tradução do campo das artes para o das ciências que, tradicionalmente, tem um status privilegiado quando diante da comunidade acadêmica, construindo uma espécie de norma ou diretriz “científica” com sua aproximação entre lingüística e etnologia. Entretanto, parece-me que postular bases científicas para a tradução não implica em uma incompatibilidade entre esta última e as artes, haja vista que traduções existem e continuarão a existir não importa qual o tipo de texto, seja ele jornalístico, científico ou literário, de modo que me parece um tanto injustificada essa proposição pois a tradução, enquanto estudo entre complexos língua-culturas não pode se furtar a utilizar-se de recursos estilístico-literários, dentre outros, para lograr a realização de sua atividade. Acredito haver nesta “distinção” entre arte e ciência uma visão positivista ideologicamente motivada de atribuição de valor e importância superior ao “produto” da ciência em face da obra de arte como se o primeiro fosse de alguma forma de conhecimento mais verdadeiro ou mais crível que o segundo, corroborando a tese do senso comum de ser arte uma dádiva algo divina, advinda da inspiração do artista; enfim, como se a ciência em si possuísse um caráter mais “sério” e “confiável” (mais próximo da verdade) do que a “superficial” e “diletante” arte.

Pondo à parte essa concepção equivocada de Nida, atendo-me ao fato de sua proposição de conjugar etnologia e lingüística torna mais relevante o caráter social da linguagem e da comunicação humanas, evidenciando nelas haver primordialmente um conteúdo cultural do povo que delas faz uso, conteúdo que determina e é determinado pela língua, sendo esse imbricamento, quase uma simbiose, o fator mais relevante na distinção e diferenciação de uma língua de outra; não é o sistema, o conjunto de palavras, a gramática mas a relação de mútua influência indiscutível entre língua e cultura que identifica um idioma, estando ambas, língua e cultura, irmanadas como o yin e o yan, princípios opostos e complementares do Taoísmo: uma complementa a outra, tendo em si, respectivamente, a outra em semente.

E, mesmo Nida (op. cit., p. 194) reconhecendo, de certa maneira, a relação patente entre língua e cultura, postula que os problemas de tradução são “(...) essentially problems of equivalence(...)”. Tal afirmação desloca a discussão do âmbito do estudo entre línguas e suas respectivas culturas para uma discussão mormente tecnolingüística, entre correspondentes de significados, como se entre duas línguas houvesse uma estrutura elementar abstrata e comum às diferentes línguas passível de ser concretizada em significantes próprios em cada língua. Em seu *Tradução e diferença*, Rodrigues (Ibid., p. 97) trata especificamente da questão da equivalência, tomando-a por inadequada no âmbito da tradução pois o termo, etimologicamente falando, pressupõe que haja paralelos entre dois ou mais idiomas, pois Nida, como outros teóricos da tradução parte

(...) de uma concepção vaga de equivalência como igualdade de valores, provavelmente derivada da etimologia do termo e de seu uso em matemática. A falta de definição da noção indica, por um lado, que se aborda abstratamente a questão, e por outro, que se concebe a tradução como uma espécie de reprodução, em uma língua, de um valor expresso em outra.

A autora analisa diversos autores, apontando que padrões ideológicos influenciam a leitura de qualquer texto e que a atribuição de valores sobre o que é “mais ou menos correto” do ponto de vista da tradicionalmente estabelecida equivalência, carrega em si toda uma carga social, histórica, política e cultural que orienta e determina, ainda que indiretamente, essa atribuição de valor e essa tipificação de equivalente ou não-equivalente.

Da mesma maneira pela qual os padrões do inglês influenciam a análise lingüística de Nida, os padrões da cultura “original” serão contaminados por uma certa ideologia. Não se pode evitar que o conjunto de idéias dominantes em uma comunidade social contaminem uma leitura, uma análise e determinem o que os membros dessa comunidade devem valorizar. (op. cit., p. 91)

A discussão de Rodrigues a respeito da equivalência abre caminho para o estabelecimento de um novo pensar sobre a tradução enquanto entidade social e valorativa e por isso relativa, questionando o papel do tradutor e tradução: o tradutor não é um analista que resgata sentidos e transcodifica-os em outra língua, nem tampouco a tradução resume-se a um ato de dar um novo invólucro ao significado como quer Nida. Sendo a tradução uma leitura/produção de texto entre línguas e culturas diferentes, a influência das próprias idéias e concepções do leitor/tradutor indiscutivelmente estarão presentes e determinarão escolhas e atitudes de todos os elementos e fatos inerentes e decorrentes do ato de traduzir.

Embora calcada em um conceito – o de equivalência – que sob certo ângulo não é sólido e envolta em por um aparato valorativo divergente do adotado neste estudo, a proposta de agrupamento dos vocábulos ou expressões em cinco tipos, o teórico supracitado possibilita ao tradutor uma orientação de leitura/interpretação mais contextualizada e organizada. De posse de um referencial teórico-metodológico como esse, o tradutor pode realizar seu trabalho tendo em mãos uma espécie de roteiro que o faz pensar em situações onde se inserem os termos ou expressões a serem traduzidos, e situações implicam contextos culturais mais amplos do que simplesmente comparar palavras e/ou sintagmas, por exemplo, entre duas línguas como se essas duas fossem entidades supranaturais, pertencentes a uma esfera do puramente mental que virtualmente inserem-se em um contexto real.

A autora, ao analisar uma passagem na qual Nida comenta a legitimidade da tradução proposta por seu grupo de tradutores da Bíblia em face a uma outra, sobre um trecho referente à passagem bíblica da figueira, propõe que a atribuição da função do item no texto, depende de uma ideologia que condiciona a atribuição do valor investido na respectiva função.

(...) Assim em um contexto em que, por exemplo, uma figueira não tivesse valor simbólico especial, a palavra poderia ser traduzida pelo termo genérico ‘árvore’, ou por uma palavra que designasse uma planta com valor funcional igual; em outros casos, seria necessário fornecer uma explicação sobre o valor da figueira. Ora, essa determinação de ‘valor’ é

totalmente dependente da doutrina da Igreja, representada por um exegeta, ou pela própria instituição religiosa, no caso da Bíblia.” (op. cit., p. 85)

A perspectiva tradutória proposta pela autora pressupõe uma participação ativa do tradutor no processo, implicando escolhas lingüísticas relacionadas com o contexto cultural onde está inserido o mesmo. A teorização da equivalência e a pretensa objetividade/isenção do tradutor (aspiração ingênua de objetividade) (Cf. GADAMER, op. cit.) constituem equívocos tendo-se em vista que a própria evolução da língua desenvolve-se dentro de um movimento conjunto com as transformações da sociedade como um todo. As regulamentações funcionais do processo de codificação/decodificação de um texto sobrepõe-se aos outros fatores e corroboram a posição de Rodrigues (op. cit., p. 100) em afirmar que a prática tradutória “(...) se revela produto da interpretação do sujeito.”

Assim posto, a adoção da anteriormente mencionada classificação de Nida abre uma perspectiva mais interessante de uma análise comparativa entre dois complexos língua-cultura para este trabalho e o conceito de interpretação de Rodrigues permite entender melhor as opções tradutórias realizadas pelo tradutor sem julgá-las, mas procurando referenciais capazes de ampliar a compreensão do processo em um nível mais abstrato e mais amplo, o da tradução.

À essa idéia de estudo comparativo, trago para a discussão o artigo *Barren lives: análise da transposição cultural*, no qual Ramos (Id., p. 183) empreende uma leitura comparativa dos textos de Graciliano Ramos, original e tradução, apontando para a importância dos estudos comparativos no entendimento da tradução de modo geral.

O estudo comparativo da tradução é, portanto, um importante exercício de percepção lingüística e cultural. é interessante observar como foram transpostos para um outro contexto cultural, os aspectos inseridos na temática de um clássico da literatura brasileira. O fato de a obra traduzida ter sido agraciada, nos Estados Unidos da América, com o prêmio William Faulkner de literatura estrangeira (1962) deixa patente a importância do

tradutor como fomentador e instaurador de um processo de reflexão sobre questões que ultrapassam os limites geográficos e socioculturais de sua gente e de sua própria língua.

O papel do tradutor, como anteriormente aferido, tem fundamental importância no estabelecimento do contato não somente entre duas línguas, mas vai além: ele intermedia o contato entre povos diferentes que, porventura, não tenham a menor idéia da cultura e condições geográficas do outro povo, realizando uma ação enriquecedora, ampliadora e, se não necessariamente unificadora, ao menos aproximadora de pessoas que passam a valorizar mais seus co-habitantes de planeta justamente porque conhecem-nos menos superficialmente.

As modalidades de tradução de Vinay & Dalbarnet, revistas por Aubert , finalizam o conjunto de perspectivas analíticas sobre o processo tradutório levada a cabo pela tradutora ora estudada Segundo Aubert (Id., p. 105-10) , o referido modelo prático de tradução contém 13 pontos, sinteticamente arrolados abaixo:

1. *Omissão*. Ocorre omissão sempre que um dado segmento textual do Texto Fonte e a informação nele contida não podem ser recuperados no Texto Meta.(...)
2. *Transcrição*. Este é o verdadeiro ‘grau zero’ da tradução. Inclui segmentos de texto que pertençam ao acervo de ambas as línguas envolvidas (por exemplo. algarismos, fórmulas algébricas e similares) ou, ao contrário, que não pertençam nem à língua fonte nem à língua meta, e sim a uma terceira língua e que, na maioria dos casos, seriam considerados empréstimos no texto fonte (como, por exemplo, frases e aforismos latinos – *alea jacta est*). (...)
3. *Empréstimo*. Um empréstimo é um segmento textual do Texto Fonte reproduzido no Texto Meta com seus marcadores específicos de empréstimos (aspas, itálico, negrito, etc.). Nomes próprios (inclusive topônimos) constituem objetos privilegiados de empréstimo, bem como termos e expressões tendo por referentes realidades antropológicas e/ou etnológicas específicas. (...)

4. *Decalque*. Uma palavra ou expressão emprestada da Língua Fonte mas que (i) foi submetida a certas adaptações gráficas e/ou morfológicas para conformar-se às convenções da Língua Fonte e (ii) não se encontra registrada nos principais dicionários recentes da Língua Fonte, como *corporativo* no sentido de *societário, empresarial*.
5. *Tradução literal*. No modelo descrito aqui apresentado, o conceito de *tradução literal* é sinônimo de *tradução palavra-por-palavra* (...).
6. *Transposição*. Esta modalidade ocorre sempre que pelo menos um dos três primeiros critérios que definem a tradução literal deixa de ser satisfeito, ou seja sempre que ocorrem rearranjos morfosintáticos . (...)
7. *Explicitação/Implicitação*. São duas faces da mesma moeda, em que informações implícitas contidas no texto fonte se tornam explícitas no texto meta (...) ou ao contrário (...).
8. *Modulação*. Ocorre modulação sempre que um determinado segmento textual for traduzido de modo a impor u deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no co-texto específicos. (...)
9. *Adaptação*. Esta modalidade denota uma assimilação cultural; ou seja, a solução tradutória adotada para o segmento textual dado estabelece uma equivalência parcial de *sentido*, tida por suficiente para os fins tradutórios em questão (...).
10. *Tradução intersemiótica*. Em determinados casos da tradução, particularmente na tradução ‘juramentada’, figuras, ilustrações, logomarcas, selos, brasões e similares constantes do texto fonte vêm reproduzidos no texto meta como material textual (...).
11. *Erro*. Somente os casos evidentes de ‘gato por lebre’ incluem-se nesta modalidade (...).
12. *Correção*. Com certa frequência o texto fonte contém erros fatuais e/ou lingüísticos, inadequações e gafes. Se o tradutor optar por ‘melhorar’ o texto meta em comparação com o texto fonte, considerar-se-á ter ocorrido uma *correção*. (...)
13. *Acréscimo*. Trata-se de qualquer segmento textual incluído no texto alvo pelo tradutor por sua própria conta, ou seja, não motivado por qualquer conteúdo explícito ou implícito do texto original.(...)”

A classificação de Nida visa atender mais particularmente os aspectos do contexto cultural implicados e inerentes a todo ato de comunicação, especificamente direcionados para ato de comunicação interlingual.

O conceito de interpretação tradutória de Rodrigues retoma a questão primordial do uso lingüístico, esclarecendo ser a tradução um produto de relações sociais, deslocando os problemas tradutórios da esfera da pretensa equivalência para a da relações culturais e lingüísticas entre duas comunidades que, embora possam ter pontos de convergência, constituem universos particulares, distintos passíveis de se inter-relacionar, mas nunca se igualar, afinal a diferença entre ambos constitui-lhes essencialmente a identidade e unidade.

E, por fim, as modalidades de tradução de Vinay e Dalbernet oferecem um parâmetro prático de tradução complementar, ainda que calcado no conceito de equivalência⁴, balizando minha análise em critérios concretos para a produção de uma análise quantitativa em primeira instância, capaz de fornecer elementos para uma compreensão de ordem qualitativa do processo.

Desta maneira, intento uma aproximação de conceitos que me permitam compreender melhor a tradução de uma forma geral na medida em que constróem caminhos mais interessantes, criativos e seguros para meu crescimento enquanto estudante de línguas e textos.

⁴ Devo esclarecer que o conceito de equivalência, embora controverso e fortemente criticado por vários estudiosos da Tradução, tal como Rodrigues, permanece em uso porque talvez ainda não se tenha cunhado um termo mais apropriado (e se o houver, desconheço-o) e de uso corrente e generalizado. A criação de um termo que permita denominar mais acuradamente a relação entre o segmento textual de partida e seu , digamos, “segmento lingüístico-funcional decorrente” (para não utilizar a denominação *equivalente*), ainda constitui-se um dos desafios da área. Aceitá-lo aqui, com as ressalvas relativas à concepção interpretativo-funcional a qual me propus adotar, parece, assim, a solução mais prática para tal problemática.

CAPÍTULO 2

A PROSA POÉTICA DE GUIMARÃES ROSA E OS NEOLOGISMOS

A palavra, *la juste mot*, que serve de senha, *keyword*, para o mundo literário de Guimarães Rosa me parece ser *linguagem*: vários estudiosos, desde críticos, passando por tradutores até lingüistas, concordam constituir ela o alicerce da literatura roseana – a criação de um *sertão lingüístico*, cujas histórias

(...) apresentam de uma maneira viva e simpática a gente, paisagem, animais, rivalidades, diversões e problemas daquela região (sertão mineiro), revelando a profunda absorção do autor na sua matéria e sua empatia com os personagens que tem criado ou lembrado dentre os seus conhecidos do passado. (DANIEL, 1968; p.6)

De todos os fatos literários e lingüísticos a se considerarem na obra de Guimarães Rosa, a singularidade de sua linguagem, sua expressividade classificada de neobarroca, expressionista ou mesmo hermética e até ininteligível constitui elemento de valor indiscutível, mesmo por aqueles críticos adversos que percebem seu valor, apesar de detratores, “(...)pois a sua alta categoria de estilista é visível através do nevoeiro de incompreensão(...) (Id.; p.4). Para Coutinho (Org.) (1983) reside nesse universo complexo de linguagem a monumentalidade e a importância gigantesca das *estórias*, como quer o próprio autor, daquele povo do interior, com seus maneirismos e sua particular forma de encarar os fatos da vida, a vida e os fatos.

Para entender esse fato da linguagem, é preciso fazê-lo no âmbito do texto e suas implicações decorrentes. Segundo Riffaterre (1989, p. 4), a análise textual não

deve partir de uma postura estilístico-normativa como quer a retórica tradicional, mas deve-se levar em conta a característica principal da obra literária: a *literaridade*.

O texto é sempre único em seu gênero. E essa unicidade é, ao que me parece, a definição mais simples que podemos dar de literaridade. Essa definição verifica-se instantaneamente se refletirmos que o apanágio da experiência literária é ser um deslocamento, um exercício de alienação, uma perturbação de nossos pensamentos, de nossas percepções, de nossas expressões habituais.

Essa unicidade, essa força unificadora que exige a imersão do leitor no seio do texto se dá na obra de Rosa pelo poder de burilar, lapidar e transformar em pedra preciosa o vocábulo vulgar e corrente, fazendo-o diferente, *diferenciado* aos olhos do leitor que obrigatoriamente se vê diante do estranho e, ao mesmo tempo, familiar, do paradoxo textual de ler o *novo* que intuitivamente percebe já ter uma existência prévia. A leitura, se levada ao âmbito estrito da análise retórica, produz, segundo pude compreender junto à Riffaterre (Id., p. 4) uma generalização, uma postulação classificatória que só faz distanciar o texto de seu elemento primordial: a unicidade, a literaridade.

“A explicação é mesmo uma máquina de domar, de despedaçar a obra, quando traz de volta aos hábitos, à ideologia corrente, à mitologia conhecida, ao que tranqüiliza.”

Parece-me que tentar uma explicação ou classificação oferece grande risco de impropriedade, de erro puro e simples diante de um fato que só pode ser compreendido dentro dos limites impostos pelas próprias margens que encerram a mensagem textual e, ainda assim, qualquer comentário sem dúvida carregará uma espécie de julgamento: nenhum texto está livre de intenções, especialmente quando trata-se desse texto de um estudo da natureza deste que aqui se empreende. Assim a reflexão que norteará as inferências e comentários a respeito de *Sagarana* (1984) e *Sagarana: a cycle of stories* (1966) deve partir portanto do próprio texto enquanto entidade individual, ser vivo e relacional porquanto comunica-se com o leitor.

A comunicabilidade entre texto e leitor, essa relação multifacetada, a priori lingüística, dá-se no âmbito do encontro de dois horizontes: o da obra e o do leitor. Há um certa tendência a separar-se o autor da obra, o indivíduo criador da obra criada – e isso no que tange especificamente a Rosa é deveras impossível, ao menos assim o afirma o próprio : (...) *é impossível separar minha biografia de minha obra.*(apud, COUTINHO - Org., 1983; p.66). Considerando tal posição de Rosa, parece-me possível afirmar que a obra impregna-se do autor e a existência desta é decorrência da existência daquele, de modo que, o leitor ao fundir seu próprio horizonte ao da obra por certo estará apropriando-se de uma parte do mundo do autor, de um pedaço só seu, indiscutivelmente único por si mesmo e também único enquanto materialidade da obra em si. Tal participação ou “presença do indivíduo autor” é notoriamente vista em função da extensa e conhecida parceria que Rosa realizava com seus tradutores, participando ativamente do processo de escolha lexical, solução de problemas de tradução de determinados termos e trechos, enfim, da reconstrução de seu texto em um outro complexo língua-cultura, tendo- se em vista sua vastíssima cultura e domínio invulgar de vários idiomas.

Embora Riffaterre (Ibid., p. 5)coloque que “(...) *ou o autor é representado no texto ou não figura nele.*”, fazendo com isso uma reflexão sobre a orientação da análise literária no sentido de esta partir das estruturas internas do textos, de dentro para fora e não o contrário, impõe-se aqui a necessidade de apontar a existência premente do autor na obra, enquanto artífice da linguagem, enquanto burilador do material lingüístico: o autor não passa incólume pelo texto e a realidade dos fatos lingüísticos é a realidade de suas escolhas, de seu trabalho, de sua postura diante da língua e diante do mundo.

O fenômeno analítico dentro dessa perspectiva, então, deve centrar-se no caráter relacional do texto literário, e portanto da linguagem literária, antes de mais nada enquanto *troca de informações, embate de idéias e de linguagens*; afinal a *língua do texto*, tomada enquanto elemento singular da unicidade e individualidade do texto, é **diferente** da *língua do leitor*.

“(…) O fenômeno literário não é somente o texto, mas também o leitor e o conjunto de possíveis reações do leitor ao texto, (sendo que o) texto é um código limitativo e prescritivo”. (op. cit., p. 4-6)

Os limites, as regras do jogo comunicativo estão, em essência, encerradas próprio texto, espécie de tabuleiro de xadrez autogerenciado que indica as possibilidades e as impossibilidades desta ou daquela jogada: a prescritividade do texto dentro dessa perspectiva teórica incide sobre o recorte do sistema lingüístico tomado na seqüência textual nos níveis morfossintático e semântico na medida em que se articulam lingüisticamente para engendrar a realidade textual. Para realizar essa articulação, é preciso levar em conta as implicações decorrentes do ato de leitura que impõe, por sua vez, uma perspectiva outra diante do fato lingüístico-textual já estabelecido na obra. Reafirma-se, assim, que a análise deve ser orientada de acordo com as possibilidades intrínsecas do texto e não de acordo com um modelo externo ao qual enquadra-se o texto para daí extrair-se postulados, explicações e classificações.

O texto de Rosa, especialmente *Sagarana* (Id.), se tratado dessa forma, orientará o leitor no sentido de apropriar-se da linguagem sertaneja para compreender a vida sertaneja do ponto de vista do sertanejo, sem correr o risco de parecer um turista em viagem a um terra exótica, onde tudo é preparado para causar estranheza e deslumbramento superficial: o leitor é co-participante (embora guarde indiscutivelmente em si uma estranheza natural e notória de não ser *o sertanejo* da obra, mesma que venha a ser um sertanejo na vida real) da aventura de conduzir uma boiada, de travar um duelo, de vivenciar quase que *in loco* a reza brava, enfim de conhecer *conhecendo* a intimidade do sertão – a linguagem não constitui obstáculo, mas veículo, *passaporte* para essa realidade.

Ouvir, porque é assim que se lê – ou pelo menos é assim que eu próprio li – as narrativas de *Sagarana*, em certos momentos, especialmente para o leitor nascido no interior, mesmo que pouco afeito ao *modus vivendi* e à linguagem dos sítios, fazendas e similares, é sentir-se um tanto “em casa”, ao deparar-se com expressões como “*de madrugada*” (Ibid:, p.88), tão sonora, tão familiar, tão real ao meu ouvido como quando a escutei da boca de minha própria avó ao contar sua história de filha de imigrantes italianos, trabalhando fazendas afora pelo interior paulista.

Sou precisamente um escritor que cultiva a idéia antiga, porém moderna, de que o som e o sentido de uma palavra pertencem um ao outro. Vão juntos. A música da língua deve expressar o que a lógica língua obriga a crer. Nesta Babel espiritual de valores em que hoje vivemos, cada autor deve criar seu próprio léxico, e não lhe sobra nenhuma alternativa: do contrário, simplesmente não pode cumprir sua missão. (apud MARTINS, 2001; p. ix)

Ouve-se, ao longo das novelas, a conversa dos vaqueiros, dos bois e das gentes uma palavra estilizada, misto de erudição e regionalismo, de modo tão próprio e natural que, no fim de tudo, ao final da estória, pensa-se ter passado uma temporada ao lado deles. A intimidade de Rosa com essa linguagem sertaneja, em parte por meio sertanejo que era e em outra porque era um grande intelectual e conhecedor das línguas, possibilitou-lhe uma imersão tal na cultura dessa povo e no seu bem mais precioso – a língua - que o texto roseano tanto enquanto expressão lingüística quanto literária possui uma singularidade incomum, *sui generis*, criando uma atmosfera textual que foge do exótico mas, ainda assim, cria estranhamento. Segundo Franklin de Oliveira (apud DANIEL, 1969, P. 14-5) Rosa era

(...) o grande manipulador de uma metalinguagem. Toda sua língua passa pelo crivo do mais vigoroso e rigoroso artesanato....

É na matriz mineira de arquétipos lingüísticos que Sr. Guimarães Rosa busca os ingredientes de sua revolução sintática, combinando, dialeticamente, o dialetal ao arcaico, o residual ao novo, obtendo o milagre vivo de uma língua, de uma fala e de um estilo que apesar de rigorosamente seu não perde os dons da comunicabilidade humana. Não se esvazia de substância semântica. Daí a autenticidade, a genuinidade, a legitimidade de sua obra. (...).

A construção do texto e posterior análise constituem processos relacionais: o primeiro do autor com a língua e com a atividade literária, a rigor a produção do texto que contempla de qualquer forma um ato de comunicação. – se alguém escreve

pressupõe ser lido por outrem – e o segundo processo, o de análise, é o do leitor que põe em contato sua linguagem e também sua concepção de linguagem com a matéria comunicada pelo texto, ou seja, nas palavras de Riffaterre (op. cit., p. 5)

(...) o ato da comunicação literária (...) apresenta cinco elementos (...) (estando apenas) dois fisicamente presentes como coisas, a mensagem e o leitor. Os outros três só existem como representações. O código lingüístico é, de fato, representado sob a forma e dentro dos limites de sua realização no texto (a qual pode ser conforme ou transgressiva). (...) O contato é assegurado não através de uma comunicação passiva como na comunicação normal, mas através da execução (no sentido musical da palavra) ativa da partitura que o texto representa.

A conformidade ou transgressividade da representação do código lingüístico no âmbito do texto literário aproximam-se demasiado, em virtude da própria condição do texto de literatura: a de obra de arte. Lançando mão de vários recursos lingüísticos, expressivos e textuais, o autor da obra literária quer criar seu recorte de realidade e, no caso de Rosa, esse recorte tem raízes profundas na transgressão lexical com fins estéticos, transgressão “controlada”, pois transgride formas e usos mas não contraria as regras gerais e fundamentais do sistema lingüístico, mas utiliza dessas mesmas regras para criar de formas ainda realizadas por outros, em outras palavras “(...) elabora recursos tradicionais para transformá-los enquanto permanece sempre fiel ao ‘espírito da língua’ com a qual trabalha.” (idem: p. 40)

Limitados pelo texto, o leitor e o crítico, e também o tradutor (leitores privilegiados), “reconstruem” mentalmente as imbricações lingüísticas do texto, refazem o caminho da criação, perseguindo o *sentido* da obra; e este sentido, tratando-se pois de uma obra artística, advém da delicada junção de forma e conteúdo, do equilíbrio incomum entre *significante* e *significado*. Toda palavra, sintagma ou grupamento qualquer de vocábulos só “faz sentido”, só pode ser pertinente literariamente se observados do ponto de vista das relações que mantém entre si na tecitura maior do texto.

O modo de compor a partitura textual, de amarrar a trama de fios lingüísticos constitui o *estilo*, fato literário e motivador da literaridade por excelência. O estilo do autor funde-se à obra, *é a própria obra*. De modo que estilo de obra e estilo de autor referem-se praticamente à mesma unidade literária. A percepção do estilo da obra pelo leitor, através do ato comunicativo literário, produzido pelo entrecruzamento de dois horizontes e gerador de um choque entre duas linguagens, tomadas aqui como variantes de uma mesma Língua, permite uma *interpretação da obra*.

Essa interpretação gera sentidos ou, mais especificamente, o sentido textual: significação oriunda das relações microtextuais entre elementos lexicais inseridas na macroestrutura textual, em outros termos, das palavras entre si ao longo do texto. O sentido do texto, então é decomposto em unidades de significação, relativas a esse embate de variantes, que dividem-no em dois tipos: o superficial e o profundo, divisão essa calcada na “ (...)contradição arquetípica entre aparência e realidade.”(idem: p.10). A tendência a aplicar os conceitos de “sentido superficial” e “sentido profundo”, pressupondo sentidos ocultos, está há muito arraigada na crítica literária e instaurada no senso comum, possibilitando ao crítico, nas palavras de Riffaterre (op. cit., p. 10) “(...) (ir) mais longe do que você e eu(...)”, ser “melhor leitor” de ter o poder de alcançar tais sentidos ocultos, penetrando na *latência* dos significados.

Entretanto, a noção de sentido oculto do texto desaparece diante do aspecto relacional dos elementos constituintes da obra de arte, cuja matriz geradora de sentido aponta para uma atualização de variantes, além do simples fato de estilo, e isto sim revela significados:

A decodificação do texto é controlada de tal modo que o leitor capta um dado segmento da seqüência verbal não apenas como marcado estilisticamente, mas também em sua função de variante: ele o percebe como corolário de alguma outra coisa (;) (pois) (a) variante é codificada de modo a: 1) *revelar* que ela esconde alguma coisa; 2) indicar como se pode *encontrar* essa alguma coisa. Nesse sentido, e apenas nesse sentido, pode-se se falar em latência. Eis a profundidade do texto! (op. cit., p.11)

A relação significante/significado arquitetada sob a forma de correspondência entre elementos lingüísticos interrelacionados na esfera do entrecruzamento de horizontes permite ser a interpretação do texto não uma experiência esotérica, compreendida mais acuradamente por um iniciado – o crítico – na decodificação de hieróglifos, mas a todo leitor atento e dedicado que centralizar seus esforços no texto e pelo texto, a todo aquele capaz de perceber ser a beleza da obra literária uma conjunção *sui generis* que representa uma realidade unindo, nas palavras do poeta, o engenho e a arte.

A representação literária não “fotografa”, no sentido imitativo e reprodutivo do termo, a realidade: ela constrói uma realidade. Se o texto corrobora ou não os fatos vida mundana ou se os transforma, isso, dentro desta linha de pensamento, pouco importa. A realidade da representação literária advém da “lógica interna” do texto, das relações microtextuais (léxico) e macrotextuais (morfossintaxe) produtoras de sentido (semântica textual), dos fatos lingüísticos presentes no texto, da forma como foram arranjados, suas variações em relação ao padrão lingüístico, à concepção de padrão lingüístico do leitor e ao padrão lingüístico do próprio leitor.

(...) (No âmbito da) comunicação literária (...) a realidade é um sucedâneo do texto. (...) De fato, daí resulta que *o referente não é pertinente à análise*, e que não há vantagem alguma para o crítico em comparar a expressão literária à realidade e avaliar a obra em função dessa comparação.” (op. cit., p.13)

Com isso, valida-se a afirmativa de que só o texto pode fornecer o referencial para sua análise, para se chegar ao âmago da obra: a beleza, o prazer estético oferecido ao leitor, tendo-se em mente a infrutífera ação analítica, a rigor, da crítica retórica tradicional. A estética da obra de arte, conjugação *sui generis* de forma e conteúdo, especificamente no que tange a obra literária e mais especificamente a de Guimarães Rosa, só pode ser observada e apreciada partindo, como já afirmado, das relações intratextuais entre os dois elementos primordiais da língua: *significante* e *significado* (em nível de texto – parole : designação e sentido).

(...) Se é verdade que toda palavra é ligada a uma mitologia, a um sistema de lugares-comuns, cada combinação de palavras e, portanto, cada unidade de estilo, mistura esses sistemas, anula certos aspectos da mitologia. Haja imitação de um sistema ou substituição em seu interior, ela só é definida pelas combinações dos significantes. Para que o leitor perceba essas eliminações ou substituições, é preciso primeiramente que possa identificar o sistema, reconhecer qual mitologia foi empregada. Ora, essa própria identificação só é possível através da existência, no texto, de estereótipos cuja leitura, mesmo sob forma de fragmentos, é uma espécie de isca: esta desencadeia em nosso espírito o desenvolvimento do sistema de lugares-comuns ou pelo menos nos predispõe a decifrar a seqüência em plena consciência da presença desse sistema como texto verbal.

Insisto nesse ponto: o próprio mecanismo de deciframento dessa partitura que é o texto subordina inteiramente o significado ao significante. (op. cit., p.13)

O autor elucida, na passagem imediatamente anterior, o motivo principal de a crítica tradicional analisar infrutiferamente a obra de arte: ela direciona seu olhar analítico do exterior para o interior do texto, impondo padrões pré-concebidos sobre a linguagem, a imagética e a representação literária, tentando por o texto dentro uma forma que não é a dele – enquadrá-lo, amoldá-lo – em razão de privilegiar o tratamento do significado em primeiro lugar e depois partir para significante. O poder do clichê, do sistema extra-textual, baseado no arbitrário e no pré-julgamento propõe a análise dos significados em primeira instância, supervalorizando o conteúdo numa tentativa de apreender o sentido oculto, de decifrar o hieróglifo.

A mitologia criada por Rosa em seu texto alia o conhecimento que o próprio tinha da região geográfica, do povo e do complexo língua-cultura inerente a ambos com o conhecimento do código lingüístico português e de outras línguas, daí que o anulamento resultante, a saber a transgressão lingüística quanto as formas lexicais (neologismos) e quanto ao estilo narrativo (uma espécie de contar “causos” típico do povo sertanejo), oferece ao leitor, como já afirmado anteriormente, uma prosa

promotora de certo estranhamento, mas que não constitui algo exótico – tomando-se o termo *exótico* como algo estranhamente diferente que é belo porém do qual não se faz parte, tal qual a postura dos colonizadores europeus diante de algumas culturas asiáticas e mesmo pré-colombianas.

(...) Il se peut dire que Guimarães Rosa ait réalisé le rêve de Mario de Andrade: créer une langue et une expression spécifiquement brésiliennes. Tout en évitant les régionalismes balourds, Guimarães Rosa met dans la bouche de ses primitifs, et jusque dans la narration, une langue régionale qu'il a recrée grâce à son étonnante adresse d'hypercivilisé, les tréfonds du Brésil en émergent, envelopés d'un halo mythique. On pourrait dire, aussi bien, mystique.[...] (FAUS apud, DANIEL, op. cit., p. 16)

O estranhamento resultante dessa transgressão de fato aproxima o leitor, especificamente no caso de *Sagarana*, e constitui fascinante desafio como quer Spera (1995) em seu *As ousadias verbais em Tutaméia*.

Bem, se todo texto é feito em primeiríssima instância por palavras, símbolos gráficos, signos emblemáticos é de se supor que a abordagem principie pelo *significante*. A palavra, a sua organização, suas relações, a maneira como vai delineando e conduzindo os olhos do leitor, a seleção vocabular, a composição dos sintagmas, a modificação desta ou daquela frase, tudo imbricando-se, tocando-se mútua e reciprocamente, entrelaçando-se, levando a boiada estrada adiante, com seus mugidos, reviravoltas, contendas e surpresas. O significante mostra a moldura do quadro, determina e indetermina a informação, gera conflitos, paradoxos, deduções e reflexões porque é dessa tecitura lexical que brota o significado do texto: o significante é a raiz, a matriz do significado, sua cápsula protetora ou destruidora, seu veículo fantástico, cujas manobras transformam o *sentido textual* que cada palavra, em cada sintagma formador de cada frase e oração, possui e que é, finalmente, confrontado com o arcabouço lingüístico presente na mente do leitor e ativado pelo ato da leitura.

O poeta escolhe cada palavra de acordo com o metro, com a sonoridade, com a potencialidade significativa que aquela encerra e que, principalmente, desprenderá em meio à seqüência verbal na qual será inserida para controlar o efeito, para atingir um

ideal estético, uma proposta artística que se figura fonte de motivação para o trabalho do artista da palavra. A literatura, no âmbito estrito da língua, é arte porque se preocupa com, focaliza o não-óbvio e pretende ir além do vulgar; não basta comunicar simplesmente, é necessário encontrar *a forma ideal* de fazê-lo. As palavras parecem ter uma aura mística, em função de diversas e inumeráveis associações desenvolvidas ao longo da vida e do exercício de uso da língua, sendo que para cada indivíduo essas motivações interiores, psíquicas e emotivas, interferem quando da materialização do significante no texto, revelando predileções e intenções comunicativas que precisam, especialmente no caso do texto literário, estar marcadas, concretizadas na folha de papel. Só através da análise dos significantes, assim, pode alguém empreender uma compreensão positiva, frutífera e verdadeira do texto.

Aqueles que duvidam de que a literatura é uma máquina que controla a atenção e a imaginação deveriam refletir no fato de que pouco importa que a referência ao real ditado pelo texto seja conceptível ou não; nos dois casos, os símbolos que programam nossa ‘ginástica’ são os mesmos.” (op. cit., p.15)

As palavras anteriores de Riffaterre lançam luz sobre toda a questão: escrever um texto, ainda que seja referencial e pragmático exige a realização de uma “ginástica” que consiste em combinar cada palavra de acordo com um paradigma, com o uso mais comum e corrente desse paradigma – clichês – dentro da ordem imposta pelo texto. O significado pretendido, mais ou menos referencial, preso ao *real*, independerá desse mesmo real porquanto a *realidade textual* far-se-á de significantes, de palavras – imagens acústicas – que arbitrariamente, como postulou Saussure em seu *Curso de Lingüística Geral* (1969), são associadas à significados – conceitos. Essa arbitrariedade impede que se queira uma referencia ao real, mesmo tratando-se de um texto sobre a contaminação por HIV, por exemplo, tendo-se em vista que o próprio vírus é invisível a olho nu e assim por diante.

Seguindo essa linha de pensamento de Riffaterre, fica fácil compreender que a utilização da palavra enquanto meio de representação possui, a priori e antes de qualquer outro fator, um caráter essencialmente *motivado*: engendrar uma formulação

lingüística, mesmo a mais banal e simples possível, requer motivação, está sob o poder de escolha do indivíduo produtor do texto e revela suas intenções, pretensões, desejos e tudo o mais que possa haver quando se está envolvido em um ato de comunicação.

Comunicar literariamente, portanto, irá exigir do escritor uma sutileza, uma capacidade de manipular e combinar, conjugar, associar, opor e harmonizar o léxico, segundo as regras dos sistema da Língua e, sobretudo, de acordo com as regras estabelecidas pelo texto, invulgarmente poderosas, pois o fato literário, a saber *o texto de literatura*, indiscutivelmente concebido e tratado enquanto *obra de arte*, atado está à moldura vocabular que lhe serve de suporte e que, muito mais e além disso, penetra e interpenetra cada fibra, cada traço da composição textual, ou da partitura com quer Riffaterre.

Assim entendido o processo de criação literário, a leitura e a análise do texto literário, pode-se compreender, como compreendi, porque Rosa utiliza-se sobremaneira de processos de inovação de linguagem, tais como os *neologismos*: pela necessidade premente e imperativa de propor ao leitor uma leitura esteticamente sensível e bela e, também, o prazer originado desse ato de comunicação. Segundo Rónai (Cf., 1978), Guimarães Rosa estabelece uma relação muito pessoal, beirando o físico, o concreto com o idioma. Percebia ele a importância substantiva do significante e, entendendo muitas vezes estar esse símbolo em si desgastado pelo uso ou insatisfatório para os propósitos estabelecidos e exigidos pelo texto, reinventa-o, descobrindo uma infinidade de *novas nuances significativas*, tanto por transformar graficamente uma palavra quanto por a ela restituir um significado esmaecido ou atribuir-lhe nova força representativo-significativa. Ainda nas palavras de Rónai (Id., p. xiii)

(a) opulência da linguagem deliciou leitores e crítica. O novo prosador conhecia a fundo a língua literária e a popular, fundindo-as num amalgama particularmente feliz.

Com um universo de seres e coisas de inesgotável riqueza a espicaçar-lhe os sentidos, e outro não menos infindável, a extrair de dentro de si, constante, milhões de sensações nunca formuladas e de pensamentos ainda não expressos, *a língua não lhe bastava em sua riqueza*

estática:⁵ele amalgamava, forçava-a, torcia-a, submetia-a a experiências as mais audazes. Desejava dotá-la das opulências de todos os idiomas, transformá-la – paradoxalmente – num idioma só dele, mas entendida, apreciada de todos.

O desejo de Rosa construir algo além do trivial fez surgir em seu texto uma espécie de experimentalismo lingüístico através do qual procurava compor de maneira única o retrato do sertão e de seus sertanejos, captando-lhes a riqueza lingüística e cultural e ao mesmo tempo transformar a própria Língua Portuguesa, propondo novas formas e novos sentidos capazes de satisfazer suas necessidades e intenções comunicativas, literárias e estéticas. Essas novas associações arbitrarias entre imagem acústica e conceito, a saber os *neologismos*, constituem, segundo creio, um dos aspectos mais peculiares e marcantes da obra do autor, principalmente porque essas criações são comumente indicadas enquanto fatores emblemáticos da obra roseana. Ao longo da leitura do texto, os neologismos integram-se à partitura textual de modo tão natural, tão tranqüilo que não parecem ser frutos de um *trabalho de manipulação intelectual da língua*, talvez porque o próprio Rosa, meio sertanejo que era, tenha conseguido captar o uso da língua pelos sertanejos e deles tenha emprestado o *modus operandi* de utilização da língua, fazendo de cada nova palavra inventada uma criação bastante pertinente dentro do contexto lingüístico e cultural escolhido para localizar as estórias.

A produção dos neologismos, baseada na captação do *linguajar e do universo sertanejo* sob o filtro da imensa cultura lingüística e humanística de Rosa, advém de um processo lingüístico distinto daquele vulgarmente utilizado na produção de uma nova terminologia, como por exemplo o termo *inicializar* do jargão da informática, produzido através de empréstimo do inglês *inicialize* que seria perfeitamente representado em português pela palavra *iniciar*. A criação de *inicializar* procurava atender a uma especificidade da área de informática e a uma dominação dessa área por empresas norte-americanas ou estrangeiras que adotam o inglês como língua oficial. Segundo Riffaterre (op. cit., p. 53) o neologismo de língua é

⁵ Grifos meus

(...) forjado para exprimir um referente ou um significado novo; seu emprego depende, portanto, de uma relação entre palavras e coisas, em suma de fatores não lingüísticos; é antes de mais nada portador de uma significação, e não é necessariamente captado como forma insólita.

O linguajar sertanejo coloca um estranhamento paradoxal ao leitor que percebe seu caráter diferenciado do léxico padrão e ao mesmo tempo internaliza-o enquanto produção cultural e artística: o leitor sabe estar diante de um invenção extra-padrões, transgressora e, no caso específico do texto de Rosa, abstrai essa produção lexical inovadora, morfossintática ou semântica, como parte inalienável e muito pertinente do contexto cultural e lingüístico delineado pelo autor. Ainda segundo Riffaterre (op. cit., p. 53), a referencialidade ao real, no sentido de se atender a uma necessidade representativa imposta pelo surgimento um novo fato ou ser material dentro de um contexto dado, inexistente em Rosa, pois, de certa forma e em grande parte, não surgiram novos ou fatos ou “coisas”: o que há, isto sim, é uma forma lexical *nova* para especificar, qualificar, recriar o já existente de maneira mais bela, apurada, completa, artística.

O neologismo literário (...) é sempre captado como uma anomalia e utilizado em virtude dessa anomalia, às vezes até independentemente de seu sentido. Ele não pode deixar de chamar atenção porque é captado em contraste com seu contexto e porque seu emprego, assim como seu efeito, dependem das relações que se situam inteiramente na linguagem. Quer se trate de uma nova palavra, quer de um sentido novo, ou de uma transferência de categoria gramatical. Ele suspende o *automatismo perceptivo*⁶, obriga o leitor a tomar consciência da forma da mensagem que está decifrando, tomada de consciência que é própria da comunicação literária. Devido à sua própria forma singular, o neologismo realiza idealmente uma condição essencial da literaridade.

⁶ Grifo meu.

A estranheza causada pelo neologismo revitaliza, portanto, a leitura e torna o texto literário um objeto estético e não apenas um arcabouço de significados ou veículo mero e simples de uma mensagem. No caso específico de Rosa esse estranhamento é paradoxal porquanto mostra ao leitor uma nova forma de língua mas também leva-o a acreditar que, apesar de ir contra um padrão de língua aceito como “correto”, a novidade é tão-somente uma parte da língua que antes não estava “materializada” ou “disponível” para o uso.

Esse estranhamento paradoxal deve-se ao fato de Rosa ater-se aos padrões morfológicos e sintáticos oferecidos e utilizados na língua, como os de justaposição, sufixação e aglutinação, só aplicando esses padrões em situações inusitadas e de tal forma que esse inusitado insira-se harmonicamente no texto de acordo com a proposta do próprio texto: pensar literariamente o homem sertanejo em seu próprio complexo lingüístico e cultural sem com isso encerrá-lo num pedaço do interior de Minas Gerais, mas tornando, através dessa mesma *linguagem nova, revitalizada*, um elemento da literatura universal. Nas palavras de Spera (Id., p. 13)

(a) abordagem dos textos de João Guimarães Rosa requer do leitor uma ‘adesão’ lingüística que o aproxime deste discurso diferente, subversor do habitual, dada a distância das formas e estruturas já moldadas da língua dita normal. O leitor ‘simpático’ – no sentido grego do termo – percebe, de imediato, que se encontra diante de um universo lingüístico singular que, não obstante, não ultrapassa os limites do sistema da língua, visto que os mecanismos utilizados são reconhecíveis e decomponíveis pelo usuário da língua portuguesa. A leitura dos textos roseanos é, ao mesmo tempo, fascínio e desafio.

O neologismo, embora primariamente seja um fato lingüístico, é tomado por Guimarães Rosa como fator de estilo: a criação neológica é um dos pontos mais importantes da criação literária deste autor porquanto corporifica em seu texto, paradoxo do regional/universal refletido numa língua particular, soma do português e de outros idiomas (Cf. op. cit., p. 70).

A perspectiva estilística de tratamento dispensada à inovação lingüística de Rosa ora adotada baseia-se na referência à literaridade definida por Riffaterre enquanto fator diferenciador da prosa vulgar e da prosa literária ou do texto poético. O conceito de poesia e de texto literário, a meu ver, fundem-se num só, levando-se em conta que a dita literaridade marca a linha divisória entre uma vertente da produção lingüística voltada ao pragmático e outra voltada ao estético. A primeira visa a comunicação, o transporte de um conteúdo com o menor *desvio* possível, pois o desvio levaria a uma ambigüidade comprometedora da *clareza* e da *objetividade* do texto (a não ser que a própria ambigüidade seja o objetivo do texto, como no caso de reportagens jornalísticas que insinuem fatos, por exemplo). A segunda, na contramão, vai de encontro ao ambíguo, privilegia a não-clareza, quer antes a forma da mensagem do que o conteúdo da mensagem, pois o *conteúdo literário* só pode ser alcançado através da expressividade da forma: desvio do padrão, das regras de gramática, do bem aceito segundo as normas de uso da língua preestabelecidas socialmente dentro de uma dada sociedade num dado contexto histórico, cultural, político e econômico; isso tudo constitui a força da linguagem poética – ser diferente, sair do comum, ser original.

A busca da originalidade faz com que os artistas tentem criar sua própria linguagem, uma forma única de expressão capaz de atingir o público, levando-o a conhecer um mundo novo. Mesmo os realistas, como Azevedo e seu *Cortiço*, que procuravam retratar a realidade nua e crua, buscavam uma forma própria de expressão artística, queriam fazer da literatura um painel da sociedade e usaram uma linguagem específica para tal. Não cabe aqui julgar os méritos ou deméritos de sua arte ou da arte de outros; quero sim, apontar, enquanto fato literário, o uso particular e diferenciado da língua, independente da perspectiva adotada pelo artista. A arte literária, especificamente, usa a língua tanto como instrumento quanto como matéria prima, assim, estudar ou empreender um trabalho lingüístico no terreno da arte da palavra implica em tomar a língua sob a ótica literária e artística.

As concepções e conceitos lingüísticos adotados devem atuar em conjunto às vertentes estéticas de análise da questão, para não se correr o risco de se privilegiar alguns aspectos do texto, sujeitando o lingüista a postular classificações baseadas em críticas destoantes do texto literário em análise, “(...) minimizando os componentes

lingüísticos ou os literários que constituem (o texto) e que caracterizam a natureza eminentemente artística e criativa da literatura.” (STAUT, 1994, p. 90)

Saber das concepções do autor e buscar o mecanismo interno que este desenvolveu para produzir o texto nem sempre é possível ou realizável, entretanto não se pode elaborar uma teoria ou impor um tratamento científico a um texto ou trabalho literário adotando perspectivas diferentes daquelas do próprio texto.

O neologismo é sim um fato lingüístico, mas no texto literário assume função estética, transgride a norma aceita como padrão de uso corrente pela sociedade e toca outras faces da língua fora do paradigma gramatical escrito e falado, pois, como definiu Spera (Ibid., p. 17) trata-se de um

(...) procedimento inovador – seja em relação à norma lingüística, seja em relação ao padrão textual já firmado – que (tem) como procedimento poético a condensação e a expansão de significados, sempre em confluência com elementos textuais.

A renovação do significado almejada e realizada por Rosa parte desse pressuposto lingüístico de desvio da norma como também da inserção do elemento neológico que é materializado no texto em função das relações mantidas com e por todos os elementos textuais na seqüência textual de microestrutura que o envolve e prepara seu surgimento enquanto fato lingüístico-literário integrante da macroestrutura. As relações textuais, acima de tudo, definem a potencialidade significativa e estética da criação neológica pois esta, segundo Riffaterre,

(...) é a resultante de uma derivação a partir de um dado inicial, do mesmo modo que as palavras da frase literária. Sua própria singularidade não se deve ao seu isolamento mas, ao contrário, ao rigor das seqüências semânticas e morfológicas das quais (ela) é o ponto de chegada ou de interferência.” (op. cit., p. 54)

Em termos literários, a língua assume acepções bastante particulares, utilizando recursos de comunicação ou de expressão que, via de regra, são inaceitáveis ou pouco

aceitáveis se ocorressem num ato de comunicação não literário. O signo lingüístico assume papéis representativos antes impossíveis ou inutilizáveis, desviando basicamente a forma para atingir outro conteúdo: a relação arbitrária entre significante e significado segue os padrões de comportamento lingüístico escolhidos e definidos, em observância o sistema lingüística, pelo autor para a composição de um signo visando tão-somente a beleza da forma, a harmonia do ritmo e o sentido universal, quase transcendental, do significado. Essa expressividade literária em Guimarães Rosa, segundo Marques (In: COUTINHO, 1983, P. 102) , resulta de no autor

(...) o *drive* expressivo sobrepuja(r) as convenções estilísticas, oferecendo à sua produção um clima de largas possibilidades experimentais, ao mesmo tempo que incorpora ao álveo, que se sedimenta lentamente, dentro de uma tradição literária nacional.

Ainda segundo Marques (Id., p. 107), para se compreender o papel desempenhado pelos neologismos na prosa de Rosa deve-se “(...) considerá-los, cada um de per si, dentro de uma unidade fraseológica.”

A perspectiva lingüística ora adotada sobre o uso da língua e, especificamente dos neologismos, segue na senda demarcada pelo próprio Guimarães Rosa, na qual a língua e homem são uma unidade inseparável, daí resultando ter o neologismo uma caráter essencialmente motivado. A escolha da forma ou da modificação da forma advém de um impulso criador na linguagem literária e não necessariamente de um impulso comunicativo. A arbitrariedade do signo lingüístico fica ainda mais evidente pois, conforme Riffaterre,

(o) neologismo cria uma oposição puramente verbal, confirmando ou invalidando totalmente o enunciado não marcado, fechando o círculo, substituindo a coisa pela referencialidade da palavra através da ‘verificação’ de uma palavra pela outra.” (op. cit., p.57)

Intencional, premeditado é o uso do neologismo: o autor cria aquilo que, segundo sua concepção artística de língua, não existe ou que substitua um elemento já

existente mas que possa exprimir “melhor”, “mais adequadamente” sua mensagem textual do que aquele; sendo que toda mensagem textual, aliás como qualquer texto, tem uma motivação, distinguindo-se a literária da não literária pela orientação ou raiz da motivação, o ponto de nascimento da “idéia” a ser veiculada e do conceito subjacente a essa idéia tanto na forma quanto no conteúdo.

Gerado a partir de um paradigma e subversor desse mesmo paradigma, o neologismo instaura o inusitado, o diferente, o exótico, o estranho, o paradoxal, enfim o *fora do comum*: “(...) é um termo de transição” (SILVA, 1992. p. 23) O limite da língua, como afirmou Spera (op. cit.), não é transposto mas redefinido quanto às aplicações; reestrutura-se a pragmática lingüístico-textual e as palavras surgem enquanto novas acepções e trazem dentro de seu arcabouço recém construído potencialidades sonoras, semânticas, morfossintáticas e estilísticas que antes outros usuários da língua não haviam tentado ou ousado tentar experimentar.

A arbitrariedade do neologismo, entretanto, não posiciona-se além da arbitrariedade do sistema da língua, como poderiam alguns afirmar, justamente porque não pretende definir normas ou regras pois apenas explora a riqueza que o próprio idioma possui de refigurar elementos a partir de suas próprias regras internas que permitem a inserção de acessórios lingüísticos (sufixos e prefixos, por exemplo), a transposição de um vocábulo de uma classe gramatical a outra, o empréstimo de palavras de outros idiomas e outras mais. Não se estabelece um novo idioma com regras específicas ou um subidioma particular e exclusivo do autor, mas sim uma expressão lingüística altamente motivada esteticamente que se materializa num texto com forte potencial de estranhamento por parte do leitor.

O neologismo é uma criação do engenho humano para concretizar uma necessidade, cuja motivação pode ser das mais variadas, diante de uma exigência contextual. A capacidade criativa aliada ao poder encerrado pela palavra dentro da existência humana, tornam o emprego do neologismo uma espécie de novo “instrumento mágico”, chave para outras dimensões. A palavra em si contém um encanto e uma força dentro da vida do ser humano que nenhum outro elemento detém: ela parece ser a expressão do próprio pensamento, aliás, a palavra e o pensamento

possuem uma relação tão íntima e simbiótica que, muitas vezes, confundem-se, travestem-se um do outro e separá-los constitui tarefa árdua de se empreender.

Sempre tive a impressão pessoal que a palavra tem um poder além do simples transporte de significados, teria ela uma energia, digamos, supranatural, capaz de transformar ou simplesmente criar. Pereira (1983) em sua dissertação de mestrado tece comentários sobre o poder supranatural da palavra em ritos mágicos, colocando que

(...) (através) de símbolos verbais, o ser humano procura penetrar em um mundo insondável, sobrenatural, invocando seres extraterrenos, conjurando espíritos a prestarem concurso nas curas e passes que realiza. Consegue não raro influenciar enormemente outros indivíduos, por intermédio de ritos calcados na força das palavras. (PEREIRA, 1983, p.13)

A força da palavra é um fato indiscutível dentro da vida humana, talvez o mais poderoso deles, pois o próprio mundo, na tradição judaico-cristã que interpenetra quase que totalmente a cultura do Ocidente, foi criado através do uso da palavra: *FIAT LUX*, e fez-se o mundo, segundo o texto bíblico. Assim *criar* e *palavra* assumem uma relação de sinonímia poderosa dentro e fora do contexto estritamente lingüístico. A dinâmica inerente à língua e ao exercício da língua exemplificam esse poder da palavra em vários níveis: seja no do cientista que cunha um termo para identificar uma nova descoberta, seja no do artista que precisa identificar um elemento inusitado dentro de sua trama.

A história dos povos mescla-se à história de suas línguas, sendo exemplo indiscutível deste fato a transformação do Latim em Português, Francês, Espanhol etc., caminhando seus “derivados”, ao longo da história, num processo transformacional que a cada dia os torna diferentes do que eram antes. Além e concomitante à essa modificação histórica (diacrônica), ocorre uma outra gama de transformações impostas por uma nação, uma etnia, um grupo social e, enfim, por um único indivíduo num dado momento histórico (sincrônico). Eis o fantástico da língua: ela constitui um imóvel em perene moção, paradoxalmente matem-se inerte e ativa, operando forças aparentemente além da lógica, quase mágicas.

Na realidade a língua reflete, ou melhor, revela a natureza contraditória e complexa do próprio ser humano, está ligada à raiz mais funda do diferencial mental que separa os homens do restante dos animais; elemento tão intrincado e impenetrável aproxima sua compreensão dos ritos de magia, de ações místicas como o fizeram inúmeros povos em seus primórdios numa tentativa de compreender o mundo que os cerca e compreender a si mesmos.

Dar nome a alguma coisa, *denominar*, é um ato de compreensão e também de apropriação do desconhecido que, tendo nome, passa a fazer parte do universo conhecido e, portanto, dominável porquanto inteligível. Entretanto a relação entre referente e signo lingüístico assume uma dimensão que vai muito além do puramente referencial, como já exposto anteriormente. O terreno do signo lingüístico funde-se ao território do pensamento, do não material, e produz frutos muito complexos em virtude de sua concretude ser tênue se comparada àquela produzida pela nominalização dos objetos e seres do universo material. Embora tênue, não é menos *real*, pois a realidade do mundo, com a evolução do ser humano e de sua representação simbólica do contexto material à sua volta – a língua – passa a ser a realidade criada pela *leitura* que o ser humano faz dos fatos, dos objetos, dos fenômenos, dos seres, enfim, de tudo que o cerca e com o que *se relaciona*. A palavra, então assume papel preponderante nessa nova realidade relacional pois ela é o elo de ligação entre o homem e tal realidade, elo de caráter supervalorizado porque além de estabelecer a ligação ainda é em si mesmo em elemento de formação, *constituente* da referida realidade.

Sob essa ótica, o neologismo figura-se como um expoente da força encerrada nas palavras, como elemento constituinte de uma realidade, reflexo da constante busca por termos novos e inovadores que permitam a tradução das realizações, avanços e evoluções do ser humano

Em complemento, empresto de Daniel (op. cit., 21) sua definição da natureza e função da palavra e dos neologismos resultante da análise de um trecho do conto “São Marcos”, de *Sagarana*,:

(...) A palavra é uma entidade essencialmente independente, embora suas qualidades mais completas sejam reveladas por via de seu uso e interação

com outras palavras; por isso, cada vocábulo tem mérito *per se* além de qualquer simbolismo representativo ou conotativo que possua dentro de seu contexto. As palavras são altamente subjetivas com relação tanto aos que falam ou escrevem quanto aos que ouvem o lêem. Os vocábulos, seja, eles falados ou escritos, possuem certa força mágica de evocação ou sugestão, e são capazes de exercer no espírito humano um efeito restritivo ou libertador. É preciso que o léxico se renove constantemente para que os vocábulos empregados com excessiva frequência experimentem um processo de ‘rebarbarização’, recuperando assim a porção perdida de sua potência e significado (...).

Assim, creio que o processo circular empreendido até aqui sobre língua, literatura, Guimarães Rosa e neologismo, tenha logrado assinalar a importância da própria da palavra enquanto constituinte, formadora do texto, bem como para relevância de que as suas relações dentro do texto são determinadas pela lógica estabelecida pelo autor enquanto escolhas e opções particulares e individuais efetivamente subordinadas a um complexo língua-cultura, mas também enquanto frutos das exigências da própria tecitura textual que impõe caminhos exclusivos e singulares para a efetivação de si mesma.

CAPÍTULO 3

FORMAÇÃO VOCABULAR E NEOLOGISMOS

O presente estudo dos neologismos de *Sagarana* e sua respectiva tradução para o inglês abordou inicialmente a função estética desempenhada pelo elemento neológico na tecitura ou partitura textual criada pelo autor, apontando para o fato de que é um tipo de signo altamente motivado e materializador do engenho humano pois revela em si, ao mesmo tempo, o potencial criativo do indivíduo falante e a capacidade criadora inerente à língua. Potencial criativo no sentido de inovar, renovar, ultrapassar e reestruturar padrões, conceitos, idéias e o próprio paradigma do sistema lingüístico e capacidade criadora pois a própria língua compreende dispositivos de criação lexical, sintática e semântica à ela intrínsecos e correntes que se fazem presentes no neologismo.

A focalização deste trabalho privilegia o léxico, não em detrimento dos outros aspectos sabidamente imbricados na realização de qualquer ato de língua, mas porque prioriza o entendimento do papel do item lexical no conjunto do texto e como a inserção de um item lexical inusitado, novo ou ainda não corrente, a saber o neologismo, contribui para o enriquecimento estético deste último; privilegia a função estética: não o que se diz mas a maneira como se diz. (CHALHUB: 1987; p. 38)

Sabendo ser a língua parte integrante de uma cultura, ao mesmo tempo gerada por e também geradora das diversas relações estabelecidas no seio do grupo social, o caminho seguido aqui foi o de apontar as características básicas do neologismo: criação pragmática para atender a uma necessidade terminológica da comunicação social ou uma invenção inovadora com fins artísticos, para atender um ideal estético de um autor ou de uma parte de tal comunidade aficionada à arte. De uma ou outra perspectiva o neologismo, como todo elemento lexical, inclui-se dentro de um contexto social, refletindo a complexificação das relações humanas: o neologismo constitui uma sofisticação lingüística para materializar uma outra sofisticação, a do pensamento – seqüências discordantes de norma. (Cf. Hayes, Id., p. 41)

Em princípio, a palavra serve ao indivíduo para este estabelecer contato com seu semelhante, encontrando-se cada qual unido ao outro por laços cuja matriz é a inserção de ambos em um dado contexto; e, concomitantemente, essa mesma palavra subordina-se a parâmetros internos da língua, próprios do sistema lingüístico, como esclarece Guilbert (1965, p. 14-5)

L'activité du langage résulte d'une part de l'utilisation de signes linguistiques comme symboles de la réalité, réalité objective du monde extérieur, perçue par nos sens et conceptualisée, aussi bien que réalité de nos représentations spécifiquement mentales; elle résulte, d'autre part, du groupement de ces signes selon un enchaînement qui s'opère dans la formation de phrases. La création linguistique se manifeste doublement au niveau du signe et au niveau de la phrase, sans que cette dualité implique l'opposition entre les deux aspects de la création.

(...) Le signe linguistique est donc un symbole par rapport à la réalité extérieure, doté d'une réalité spécifique en tant que signe linguistique à double face (face 'signifiant' et face 'signifié'); la dénomination réside dans l'établissement de la correspondance entre une substance 'signifiant' et un contenu 'signifié' et non directement entre la réalité non linguistique et le signe linguistique."

Recorre-se à palavra para representar a realidade, para tornar possível o contato com outros falantes da mesma comunidade⁷ e, por outro lado, a língua, as palavras obedecem a outra regra: a estrutura referencial ordenadora da colocação dos signos na cadeia frástico-textual, à qual subjaza uma relação entre realidades lingüísticas – a união entre um significante e um significado. A retomada do conceito saussuriano de signo permite compreender a relação complexa entre a palavra e o mundo: a palavra serve à realidade material e é determinada por ela, mas em sua formação existem fatores específicos do contexto lingüístico que, por sua vez, extrapolam o limite da tal realidade e nela interferem. Em outros termos, criar uma palavra para designar um fato, ser ou acontecimento do mundo real não consiste tão pura e simplesmente em

“juntar letras, sílabas e etc.” que “se pareçam ou correspondam” com o ente designado pois isso seria algo como produzir figuras pictóricas à guisa das encontradas em cavernas habitadas por povos pré-históricos; mas sim produzir um enunciado léxico a partir de regras e determinações de um paradigma possuidor de uma lógica interna e que estabelece limites e exerce um determinado controle sobre os falantes quanto ao uso de seus recursos, letras sílabas e etc.

Enquanto fato social que é, a língua evolui conquanto evoluem as sociedades, tendo em vista que as relações do paradigma lingüístico se em parte determinadas pela dualidade do signo lingüístico também recebem a influência de forças externas que impelem-no a reestruturar-se para atender às necessidades da comunidade; mudam as relações sociais e a cultura, mudam também as relações internas da língua para continuar a ser o elo de ligação entre os falantes, como bem coloca Guilbert (Id., p. 17),

La langue est un fait social, non seulement par son fonctionnement, par sa nature de code réglant les échanges linguistique entre les locuteurs d'une communauté, mais aussi en tant qu'institution inhérente à une société(...) et (t)oute langue évolue nécessairement. Le principe de cette évolution se trouve dans l'arbitraire du signe, c'est-à-dire dans le mode de correspondance entre le symbole linguistique et le référent instituant une certaine liberté de création de signe.”

A produção neológica faz parte dessa evolução da língua enquanto geradora de outras faces para um mesmo sistema que, diacronicamente, acaba por acomodar tais aspectos múltiplos em uma nova estrutura, reinventando a si mesmo. É interessante notar que a língua tem sempre impelindo-a duas forças opostas e concomitantes: a força centrípeta de manutenção e a força centrífuga de modificação. Para estabelecer-se como vínculo comunicativo e congregador de falantes, a língua precisa manter-se tal e qual, justamente por ser na sua unidade e constância que se pode estabelecer entendimento e compreensão entre indivíduos diversos subordinados a um mesmo

⁷ Quando se domina outros idiomas e se estabelece comunicação com falantes de outras comunidades, está implicada nesse processo interlingual uma série de fatores relativos ao “estrangeirismo” e às barreiras

contexto. Por outro lado, as próprias relações estabelecidas por esses indivíduos, segundo posicionamentos ideológicos, políticos, econômicos, éticos, emocionais, psicológicos e outros mais, acabam por alterar a utilização desse sistema, propondo formas diferentes de utilização das regras ou mesmo questionando tais regras, causando, assim, um embate e equilíbrio constante entre o impulso e a estabilidade, fazendo surgir o que se pode chamar de transição – suspensão das restrições gramaticais às co-ocorrências possíveis (Ibid., p. 181).

A transição só se materializa quando a comunidade lingüística adota em definitivo a forma assim originada e passa a utilizá-la como recurso disponível e aceitável da língua. Neste ponto surge um questionamento que me persegue ao longo deste estudo: em face de duas possibilidades de formação de palavras expressando idéias contrárias – antônimos – a partir da junção de afixos a um radical, porque se faz uma opção “a” e não “b” para determinado radical e, para outro radical, tal opção torna-se possível? Exemplifico: ao radical **feliz** junta-se o prefixo *in-* para se formar o antônimo “infeliz”; entretanto ao radical **necessário** junta-se o prefixo *des-* para se formar antônimo “desnecessário”. Ambos prefixos reportam-se a um mesmo conteúdo semântico, mas sua utilização parece ser distinta e não há razão *aparente* para tal.

Ao entender a língua enquanto fenômeno social, denominando-a pois enquanto *complexo língua-cultura*, tal permite-me observar o processo de formação lexical, e portanto neológica (*parole*), segundo uma perspectiva histórica: mudam as relações humanas, muda a língua dentro dos limites impostos pelo próprio sistema, mudanças tantas que vão rearranjando o próprio sistema. Mas e que forças são essas que influem nessa transformação?

Em seus trabalhos de Sociolingüística, “The Logic of Nonstandard English” (1978) e “Estágios na aquisição do inglês standard” (1974), Labov propõe que a linguagem utilizada por indivíduos e/ou grupos sociais está carregada de marcas culturais, sociais, econômicas, étnicas, etc. pertinentes ao contexto sociocultural no qual se inserem aqueles. Essas marcas atuam junto ao sistema lingüístico (*langue*) quando o indivíduo faz suas escolhas dos elementos lingüísticos a serem empregados na sua expressão comunicativa (*parole*), ou seja, a linguagem utilizada em uma

situação real de comunicação é fruto de uma complexa ação combinada de fatores internos da língua (regras gramaticais, por ex.) e fatores externos (classe social e etnia, por ex.). Alguns fatores externos tais como: a política, a economia, a ideologia e os grupos sociais dominantes e outros mais que determinam o prestígio de uma forma lexical ou de um uso em detrimento de outros que passam a ser considerados inferiores. Essa suposta inferioridade lingüística origina-se de uma postura prescritiva que estabelece o que é certo e errado quanto ao emprego dos elementos de uma língua (Cf. MARTINET, 1979), do valor ideológico investido na linguagem empregada pelas pessoas em uma dada sociedade (Cf. CAMACHO: 1981), do papel normatizador da gramática tradicional dentro da instituição escolar que, por sua vez, reforça as relações de poder vigentes na sociedade (cf. CAMACHO, Id.) e do poder que uma variante lingüística representa dentro de uma sociedade e, por consequência, do poder que seus respectivos falantes detém (Cf. GNERRE, 1985). Dentro dessa conjuntura fica estabelecido ser uma das variantes em uso na sociedade a “mais correta, mais culta” e as outras então são classificadas como “sub-linguagens”, não porque aquela primeira variante seja lingüisticamente melhor (se é que se pode dizer ser uma língua ou variante de língua lingüisticamente melhor que outras), mas porque o grupo que a utiliza detém mais prestígio e poder econômico e político que os outros grupos. Assim a dita *norma padrão culta* passa a ser o referencial de bem falar e bem escrever, valendo-se da gramática tradicional e dos grandes autores que oferecem, respectivamente, as regras de uso e as melhores expressões da língua, encobrindo as motivações ideológicas intrínsecas. Todo o falar e escrever que se afaste desse padrão é classificado como errado, impróprio, deformado ou inaceitável, bem como desprestigiados e inferiorizados os seus usuários.

Assim , por questões tais de prestígio e exercício de influência e poder de um indivíduo ou grupo dentro de uma comunidade pode-se inferir que a forma “infeliz” tenha sido adotada como reflexo do bem falar, de posição e status social, de poder e tenha se disseminado para os outros membros da comunidade e se cristalizado no *stock* lingüístico de uso, em detrimento de “*desfeliz*”.

Em segundo, concorrem os fatores internos: possibilidades do sistema lingüísticos e seus usos. Como bem se pode observar ambos os prefixos possuem o

mesmo conteúdo semântico e são perfeitamente acopláveis ao radical **feliz**. Entra aqui então a questão do estilo ou opcionalidade: por motivações eufônicas, prosódicas ou estéticas a forma “infeliz” acabou sendo mais aceitável, fechando-se o círculo novamente nos fatores externos: alguém “ouviu”, “leu” ou “escreveu” a referida forma e, por ter ou exercer influência dentro da comunidade, acabou colocando “infeliz” como uma forma de bem falar, como fazem geralmente as gramáticas.

Dentro desse processo todo de inter-relação entre contexto social e paradigma lingüístico, concorrem e atuam, segundo Guilbert (Cf., *Ibid.*, p. 21), três elementos: a criatividade, a norma e o uso; e da atuação conjunta dessa tríade sociolingüística decorrem as transformações encontradas na língua, observáveis particularmente em estudos sincrônicos diversos. Para o autor, a criatividade lingüística, a norma e o uso estão imbricados em uma relação complementar e indissociável, permeando as transformações do sistema lingüístico: a criatividade domina sobre as possibilidades oferecidas pelo paradigma da língua e seu recursos; a norma refere-se às regras estabelecidas gramaticalmente falando para operacionalização do paradigma e seus recursos; e o uso é a concretização pelos falantes do potencial do sistema.

A criatividade constitui tanto fator de manutenção quanto de mudança na medida em que refere-se ao arcabouço da língua, ao *stock* da língua como quer Guilbert (op. cit.), em que se encontram as possibilidades e as limitações de junções morfossintáticas, fonéticas e semânticas. Só não é permitido “descaracterizar” a língua porque isso desintegraria o sistema como um todo, impedindo a comunicação, ou seja, criar formas em que não haja a ligação a priori fundamental entre *significante* e *significado*, como por exemplo: “cagvakmlorgal”, que assim estabelecida, sem contexto ou referência, sem junção entre sílabas ou letras obedecendo ao padrão do sistema, não constitui uma expressão de pensamento, não une um significado ao significando então proposto; enfim é apenas uma seqüência de símbolos gráficos ininteligível.

Um fator regulador da criatividade é a norma que aponta as “melhores” opções de uso e faz referência a possibilidades já materializadas por falantes de prestígio,

baseada em critérios não lineares e flutuantes⁸, orientando normativamente o uso da criatividade lingüística, constituindo assim um dos fatores mais conservadores dentro da evolução da língua.

E o outro fator regulador da criatividade é o uso em si, aquele que efetivamente os falantes da língua realizam em sua vida seja no trabalho, seja no lazer, com fins ideológicos ou artísticos, optando entre as possibilidades inúmeras do sistema e as regras, entre elas a criatividade e a norma. Segundo Guilbert (op. cit., 30),

(l)e concept de ‘norme’ est étroitement lié à celui de créativité. La structure linguistique, et le respect des règles qui la constituent, ne peuvent se manifester qu’à travers les actes linguistique des locuteurs qui mettent en œuvre les règles. Ainsi la créativité linguistique apparaît-elle comme la norme linguistique elle-même, qui consiste dans le jeu normal des règles constitutives du système de la langue. Elle est essentiellement la norme du locuteur en tant que producteur d’énoncé. Elle se distingue de la norme de l’interlocuteur, qui interprète l’énoncé du locuteur et qui relève les déviations qui peuvent s’y glisser, qui formule un jugement d’acceptabilité. C’est la collectivité parlante ou une certaine fraction de cette collectivité qui exerce un contrôle, qui constitue un frein contre la déviation du système.”

A manifestação da realidade lingüística supõe o contexto de relações sociais em que o entrecruzamento de dois pontos de vista, o do codificador e do decodificador de enunciados, especificamente no texto escrito, autor e leitor, corroboram a idéia de ser no nível de utilização que efetivamente ocorrem as criações lingüísticas. Assim, posso crer ter sido neste mesmo nível que, ao longo da transformação do Latim nas línguas neolatinas e especificamente, no Português, tenha se dado a opção por utilizar o prefixo *in-* junto ao radical **feliz** e o prefixo *des-* junto ao radical **necessário**, pois,

⁸ Com relação a esse critério flutuante, Basílio coloca que “(...) as gramáticas normativas apresentam um trabalho descritivo (...)” que contribui positivamente aos estudo lexicais, entretanto, quanto à formação de palavras, há uma “(...) mescla de critérios que se pode verificar no que se refere a abordagem sincrônica *versus* abordagem diacrônica do fenômeno de formação das palavras.” (BASÍLIO: 1987, p. 16); e com relação à classificação das palavras em classes, as gramáticas normativas “privilegiam o critério semântico (...) embora utilizem todos os critérios.” (idem: p.49) deixando claro que a função normativa, reguladora constitui o ponto principal de sua lógica e não a análise ou descrição lingüística em si.

segundo Carone (1986, p. 39), “(o) emprego de afixos é uma decisão do falante: ele quer usar aquela palavra derivada, que lhe convém para exprimir seu pensamento.”

Essa renovação do léxico deve ser tomada como um processo natural e só ocorrente no seio das línguas vivas. As regras para essas transformações remetem e subordinam-se a fatores múltiplos tendo-se em vista estar a língua imbricada à cultura do povo falante, sem possibilidade de separá-las em compartimentos estanques. Embora cada qual possua traços particulares e únicos, ambas funcionam em meio a uma relação de mútua determinação. A dificuldade especificamente dentro do campo lingüístico reside no fato de, a princípio, as palavras se mostrarem enquanto entidades misteriosas, formadas por elementos que, apartados entre si enquanto pequenas unidades simbólicas (letras e sílabas) e dissociados de um contexto significativo, não querem dizer absolutamente nada; como comenta Carone (Id., p.7), quando da análise de um trecho de *Memória e assombração*, de Mário de Andrade,:

(...) a palavra, subitamente esvaziada de seu significado pela silabação, deixa de representar a coisa, seu referente; as sílabas, agora soltas, adquirem vida própria e assombram, com seu imenso mistério, o imprudente aprendiz de feiticeiro que as libertou.

Além do mais, faz-se necessária tal renovação para atender às aspirações, desejos e necessidades dos falantes, afinal a língua é patrimônio da comunidade sociolingüística, estando em atividade e se fazendo viva na fala e escrita dos indivíduos que dela se utilizam para todo tipo de comunicação: pragmática; referencial; estética etc. Como tal, o fator funcional relativo ao uso da língua, em concorrência com outros determinantes de suas modificações já citados anteriormente, influencia sobremaneira no processo de formação das palavras, como bem esclarece Basílio (1987, p. 10):

(...) a razão básica para formarmos palavras é a de que seria muito difícil para nossa memória – além de pouco prático – captar e guardar formas diferentes para cada necessidade que nós temos de usar palavras em contextos e situações.

(...) (A) razão por que formamos palavras é a mesma razão por que formamos frases: o mecanismo da língua sempre procura atingir o máximo de eficiência, o que se traduz num máximo de flexibilidade em termos de expressão simultaneamente a um mínimo de elementos estocados na memória. É essa flexibilidade que nos permite contar com um número gigantesco de elementos básicos de comunicação sem termos que sobrecarregar a memória com esses mesmos elementos.

Dentro da perspectiva de Guilbert (op. cit.), a da junção da criatividade, norma e uso, enfocada segundo um ponto de vista de relações sociais e exercício de poder dentro do grupo social, adiciono agora a questão da economia lingüística, no sentido de esclarecer a questão relativa à construção de “infeliz” e “desnecessário”, destacando, mais uma vez que é no nível do uso, da concretização da língua que ocorrem as transformações lingüísticas tratadas aqui até então: o indivíduo faz opções lingüísticas influenciado por um rol de fatores e, segundo seu estilo e inúmeras atribuições, características e traços individuais realiza este ou aquele enunciado léxico, repetindo ou inovando o acervo lexical, justamente porque são as relações do ser humano com o mundo que o rodeia, ou seja, na junção de sua identidade individual; suas idiossincrasias, desejos, vícios e virtudes com sua realidade biofísica (corpo), com sua realidade cultural, política, econômica e social (as instituições) e com sua espiritualidade (crenças, religião, misticismo etc.) que ele se constitui enquanto indivíduo. A ponte a unir todos esses aspectos da vida humana lança sua bases na linguagem, esse diferencial da espécie humana que lhe permite transitar pelas esferas do macrocosmos e do microcosmos que compõem os limites da existência.

A formação das palavras, portanto, acompanha o ritmo evolutivo da sociedade, operando a língua recortes particularizados, culturalmente falando, no mundo real, absorvendo significados novos, desprezando outros que não mais servem aos imperativos do grupo social e movendo-se inexoravelmente em direção ao futuro. Os recortes lingüístico-culturais marcam as sociedades e diferenciam-nas umas das outras, sem, no entanto, apartá-las por completo mas permitindo que hajam pontos de contato. Cada complexo língua-cultura fica marcado e diferenciado dos outros existentes no planeta e cada qual permite-se uma margem de contato que viabiliza o enriquecimento

cultural e lingüístico através de uma zona de contato lingüístico-cultural. proporcionando o aprendizado de novas formas de enxergar realidades muito semelhantes ou conhecer realidades ainda não conhecidas (Cf. CARVALHO, 1987, p. 7-20)

Especificamente, quanto aos processos de formação de palavras encontramos que a palavra, unidade lingüística básica constitui-se de mais de um elemento (cf. idem: p.12-3), possui um estrutura articulada no eixo radical/afixos. O radical seria a base, o conjunto de morfemas⁹ continentes dos traços significativos elementares que diferenciam um conjunto radical + afixos de um outro conjunto qualquer de mesma estrutura; e os afixos, a formas que se somam ao radical particularizando e especificando o significado do mesmo.

A palavra revela-se, então, uma entidade articulada em símbolos gráficos portadores de um conteúdo significativo, ou seja em significante e significado. Como exemplificado anteriormente por Carone a respeito do texto de Mário de Andrade, não basta simplesmente libertar sílabas ou letras e juntá-las aleatoriamente; antes o aprendiz de feiticeiro precisa conhecer a fórmula que permite separar e juntar os elementos da criação: as palavras resultam da articulação sintática de elementos numa seqüência acoplado-se a um determinado radical certo(s) afixo(s) ou ligando-se dois ou mais conjuntos de radical acrescido de afixo(s). Esses dois processos sintáticos de organização dos morfemas denomina-se, respectivamente, derivação e composição¹⁰.

A derivação constitui um processo de formação de palavras no eixo paradigmático, variando formas de acordo com uma lista de possibilidades contidas e acessíveis no acervo lexical. A ordenação sintática dos morfemas se dá na maneira de se juntarem as partes constituintes de dado item lexical, estando os afixos pré ou pós postos ao radical.

⁹Empresto de Carone o conceito de morfema enquanto “(...) a menos unidade significativa, que tem a propriedade de articular-se com outras unidades de seu nível. Ou, mais especificamente, unidade formal abstrata, provida de um (ou mais de um) valor semântico – referencial ou gramatical.” (idem, ibidem; p. 23)

¹⁰ Para Jakobson (1995), a função poética projeta o princípio de equivalência do eixo de seleção sobre o de combinação – paradigma e sintagma.

Para Luft (1987, p. 95) a derivação é um “(p)rocesso de formação em que se recorre a uma palavra já existente ampliando-a, ou, mais raramente, abreviando-a. daí as espécies de derivação: *afixal* (sufixal ou prefixal) e *regressiva*.”

Em seu Capítulo IV, Cunha (1992) analisa um enunciado, “O trabalho vence tudo” para abordar os processos de formação das palavras e sua articulação em frases e orações, partindo dos conceitos de morfema (unidade mínima de significação) e de vocábulo (unidade sonora, formal, funcional e significativa). Separando os vocábulos em classes, apontando elementos constitutivos das palavras como radical, desinência, afixos e outros e por fim indicando no item “Formação de palavras” (Id., p.94) que as palavras podem pertencem a grupos primitivas e derivadas e simples e compostas. Em seu Capítulo V, “Derivação e Composição” (Id., 103-31) aborda especificamente tais processos, colocando que a composição consiste em formar palavras a partir da união de outras duas ou mais palavras, deixando a derivação sem um conceituação mais consistente.

Em Sandmann (1988, p. 11) a derivação constitui-se, grosso modo, em um processo de junção de prefixos e sufixos ao radical, sendo estes elementos presos com os quais se forma ou se pode formar palavras em série, diferenciando-se ela em dois tipos: a *derivatio voluntária* – processo criativo e inovador que permite produzir novos lexemas ou unidades lexicais – e *derivatio naturalis* - processo de variação lexical determinado por fatores de concordância e sintáticos em que ocorre uma flexão de um mesmo vocábulo em outras formas adjacentes (Cf. SANDMANN, 1991; p.23-31)¹¹.

Sobre o processo derivacional, Spera (op. cit., p. 23) coloca ser este

(...) um dos mecanismos mais produtivos para a formação de vocábulos (que) consiste em anexar um afixo a uma base, atribuindo-lhe uma idéia acessória. Embora o sistema possibilite, em princípio, a junção de afixos a quaisquer bases, a norma impõe restrições de natureza fonológica, morfológica, semântica ou pragmática.

A derivação, segundo Basílio (Id., 26-9), é um processo caracterizado

(...) pela junção de um afixo (sufixo ou prefixo) a uma base para formação de uma palavra. Assim dizemos que uma palavra é derivada quando ela se constitui de uma base e um afixo. (T)emos na derivação funções sintático semânticas de caráter mais geral e comum; e a produtividade dos processos derivacionais é diretamente relacionada ao teor de generalidade de sua função(.)

Carone (Ibid., 39-40) propõe ser a derivação

(e)m português, (...) o procedimento gramatical mais produtivo para o enriquecimento do léxico. Realiza-se sobre apenas um radical, ao qual se articulam formas presas, os afixos; em posição anterior, os prefixos; em posição posterior, os sufixos. Não há em nossa língua a ocorrência de infixos, formas presas, que se articulam no interior do radical. O processo de derivação não tem um limite necessário(,) (a)final, os recursos da língua estão aí, à disposição de todos, e gosto não se discute.

E Guilbert (op. cit., p. 175) orientando-se segundo uma perspectiva gerativista, entende que o processo de formação derivacional abarca dois aspectos: o flexional e o gramatical, pondo em relevo que

(l)e paradigme dérivationel (...) ne réponde pas à une besoin classificatoire, mais il est lié à la fonction syntaxique des morphèmes lexicaux, verbe, nom et adjectif. Les morphèmes qui se rattachent à ces classes fonctionnelles à partir d'une même base sont dans une certaine relation nécessaire entre eux, déterminée par la forme syntaxique de départ et une certaine combinatoire des différentes transformations lexicales que ces classes fonctionnelles implique.

¹¹ Em seu *Morfologia geral*, Sandmann recupera os conceitos *derivatio voluntária* e *derivatio naturalis*, através de Mattoso Câmara, do gramático latino Varrão, conceituando, respectivamente, morfologia lexical e morfologia flexional.

Na perspectiva do autor, há um a base lexical que varia gramaticalmente e flexionalmente, sendo essa segunda variação subordinada essencialmente pela funcionalidade do termo a ser empregado.

Neste breve apanhado de perspectivas acerca da definição do processo de derivação parece haver uma constante: o fato de se haver uma junção, combinação, união e/ou acoplamento entre dois elementos fundamentais: sendo um deles o central e o(s) outro(s) periférico(s), a saber radical e afixo(s).

A derivação constitui, portanto, um processo rico de variação e transformação da língua por conta de sua simplicidade e de seu aspecto quase lúdico: é como se o indivíduo estivesse lidando com um desses jogos de encaixe em que vai juntado e construindo vocábulos tantos quantos quiser e permitir o acervo lexical, criando termos próprios e específicos para atender suas necessidades, como fez um certo ministro ao cunhar o adjetivo “imexível” para exprimir um conceito de “algo ou alguém que não pode der mexido”, ainda inexistente; ou como fez Rosa com seu “mastreação”, exprimindo “a ação de conduzir à guisa de um maestro”. Lançando mão de procedimentos de produção lexical intuitivamente percebidos através do uso da língua, em primeira instância, e, em segunda, pela leitura de variados textos e autores, audição de músicas e programas rádio/televisão, acesso à Internet e/ou estudo sistemático da língua, o indivíduo se assenhora de um conhecimento sobre o funcionamento da língua capaz de torná-lo apto a exprimir-se o mais eficientemente possível de acordo com suas necessidades e desejos, bem como compreender o mais profundamente possível o que outros tenham tentado comunicar. No caso de Rosa, o valor estético sobrepõe-se e sua criação entra num ranking prestigiado e valorizado porquanto arte; já no caso do ministro, sua figura algo cômica, sempre afeita a gafes gramaticais, e desacreditada intelectualmente, fez com que sua criação entrasse no rol das tolices e frutos da ignorância, apesar de ambos, o ministro e o escritor, terem lançado mão do mesmo processo de construção lingüística e de nenhum dos dois terem incorrido em impropriedade de utilização dos recursos do acervo lexical, desrespeitando alguma restrição fonológica, morfológica, semântica ou pragmática.

A composição, por sua vez, realiza a junção ou união de duas ou mais formas lexicais perfazendo uma unidade significativa única, em que a “soma” dos significados

dos itens lexicais ocorre de forma a produzir um terceiro significado que, por vezes, está dissociado dos significados em separado de cada um dos itens – expressão exocêntrica (Cf. VÁQUEZ-AYORA, 1977; p. 304)

Luft (Id., p. 97) define composição como

(p)rocesso de formação lexical que consiste em ‘criar palavras novas combinando vocábulos já existentes’ (Said Ali, FP, 1, apud Id.). Nessa combinação, os elementos primitivos perdem a significação própria em benefício de uma significação global. A palavra composta exprime um conceito novo, mais ou menos independente do sentido das partes componentes (.)

Em Cunha (Id., p. 121), como já mencionado anteriormente, encontra-se que

(a) composição consiste (...) em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma idéia única e autônoma, não raro dissociada das noções expressas pelos seus componentes.

Quanto à composição, Sandmann (Cf. Id., 117-20), em seu *Formação das palavras*, trata apenas das formações nominais (substantivais e adjetivais) classificando-as em dois tipos: copulativas e determinativas: as primeiras seriam “somadas” de palavras para criar um novo significado e as segundas “junções” de palavras em que uma exerce ação determinante sobre a outra; e em seu *Morfologia geral* (Cf. Id., p. 60-1), propõe que a derivação é um processo sintático formador de unidades lexicais contendo mais de uma raiz, em que a relação entre os elementos dá-se ou por coordenação ou por subordinação

Para Basílio (Ibid., p. 27-30) ,

(o) processo de composição se caracteriza pela junção de uma base a outra para formação de uma palavra. Assim dizemos que uma palavra é composta sempre que esta apresenta duas bases, (sendo que) cada uma tem seu papel definido pela estrutura. (...) Como vemos, a composição é

um processo de formação de palavras que utiliza estruturas sintáticas para fins lexicais, (permitindo) categorizações cada vez mais particulares.

Em Spera (op. cit.,p. 82), encontro que

(a) composição designa o processo pelo qual dois ou mais vocábulos se juntam para formar uma nova unidade significativa. O processo de junção pode ocorrer de duas maneiras: por justaposição ou por aglutinação.”

Carone (op. cit. p. 37), aborda a composição enquanto

(...) um procedimento pelo qual uma construção sintática se imobiliza, dando origem a uma unidade cristalizada. Em decorrência, forma-se um sintagma bloqueado, com duas características essenciais da palavra: inseparabilidade e irreversibilidade das partes articuladas. E o composto, embora relembre figuradamente os elementos constitutivos, tem um terceiro significado, distinto dos de ambos.

E para Guilbert (op. cit.220-3),

(l)a création de nouvelles unités lexicales par composition implique la conjonction de deux éléments constituants identifiable par le locuteur. Les rapports qui les régissent dans la compétence du locuteur se fondent sur les relations syntagmiques de ces éléments, explicitées par une phrase-matrice dans le cadre de laquelle ils se construisent selon des règles identiques à celles qui régissent la formation de la phrase de discours. (...) Le composé est le produit de la transformation lexicale d'éléments constituants autonomes de la phrase, en tant que syntagme nominal, syntagme verbal ou éléments de syntagme.

Os fatores mais recorrentes dentre os teóricos abordados anteriormente remetem à união ou junção de duas formas lexicais independentes, cada qual portadora de um significado que unem significantes para estabelecer uma nova relação

significante/significado, ou seja um novo signo lingüístico. A composição parece atuar, com quer Guilbert (op. cit. 221), num nível sintático porque “(...) la cohérence morphologique peut aller de la forme conjointe (*radiocinématographie*) à la forme semi-conjointe par trait d’union (*radio-guidage*) à la forme disjointe (*liaison radio*).”.

Com isso o autor propõe que a ligação significativa de um vocábulo composto ocorre nos mesmos termos daquela verificada quando da inserção de um vocábulo na cadeia frástico-textual.

Neste sentido, tanto a derivação quanto composição constituem-se processos morfossintáticos porquanto obedecem a uma *ordem específica de arranjo linear* entre os elementos componentes: na derivação, a ordem dos morfemas – radical e afixo(s) – e na composição, a ordem e a relação significativa entre os vocábulos (Cf. STRYKER, 1969; p. 21 e MORRIS: 1955). E, nas palavras de Carone (op. cit. 40), “(...) não se excluem mutuamente; pelo contrário, podem combinar-se à vontade(.)”

Neste estudo, ambos processos, a derivação e a composição, serão abordados para determinar o tipo de neologismo da obra de Rosa a ser analisado, a saber:

- a) os neologismo formados por processos derivacionais prefixionais e sufixionais. Excluem-se daqui os sufixos de desinência modo-temporal e numero-pessoal dos verbos – gramemas flexionais – por serem formas lingüísticas mais estáveis e limitadoras quanto à possibilidade criativa sendo estes mutuamente esses mutuamente excludentes, não permitindo combinações diversas daquelas para às quais foram destinadas. Por exemplo, uma combinação como “gostariávamos” indica um desvio dos padrões aceitáveis do sistema e só poderia funcionar muito raramente quando de uma situação que Carone (op. cit. p. 39) classificou de “uma piada de surrealismo lingüístico”; e
- b) os neologismos formados por aglutinação e justaposição.

Considerarei como *neologismos* todas as criações neológicas enquadradas nos pressupostos aferidos em a) e em b)¹² e não constantes do NOVO AURÉLIO – O

¹² Neste trabalho faço apenas menção aos processos de **derivação** e **composição** haja vista que tais processos são amplamente descritos em gramáticas e outros estudos lingüísticos, tais como os de ALVES, I. M. *Neologismo, criação lexical* (1990) e CARVALHO, N. *O que é neologismo* (1987), dentre outros, que apontam a ocorrência das formações neológicas nos níveis *fonológico, sintático, semântico* e por *empréstimo de outras línguas*, sempre correspondendo a movimentos culturais relativos a evolução dos falantes de uma dada língua. Não me estendo, também, em comentários acerca do emprego deste ou daquele prefixo, por exemplo, especificamente no texto roseano, pois em outros trabalhos bem mais abrangentes e especificamente voltados para tal fim já existentes,

Dicionário da Língua Portuguesa do Século XXI, tomado como referencial de diferenciação elementar entre neologismo (vocábulo inusitado) e palavras de uso corrente (formações vocabulares resultantes de processos derivacionais e/ou composicionais de uso corrente). Além delas serão analisadas a criação de alguns vocábulos que, por seu caráter altamente diferenciado, chamaram-me a atenção quando da leitura porque carregam em si um forte fator cultural como, por exemplo, *murguêia* (idem: p. 179) que é uma corruptela de *amolgar* (idem: p. 344). Não serão analisados outros tipos, como uso de adjetivos em lugar de advérbios e processos outros além daqueles que extrapolem o nível lexical, como onomatopéias ou relações sintagmáticas, locucionais ou de constituintes da palavra em nível sintático-semântico.

A formação neológica representa, assim, o fantástico da língua porque torna real uma verdade mental, um sonho, uma quimera, e não se restringindo ao puramente referencial, mas levando a extremos a relação significante/significado porquanto explora pioneiramente as potencialidades do sistema lingüístico, enchendo-lhe de renovado para que possa acompanhar as transformações inexoráveis da vida do indivíduos e da sociedade, é como coloquei anteriormente uma sofisticação lingüística.

Além do aspecto morfossintático propriamente dito aferido para análise dos neologismo de *Sagarana*, faz-se relevante a inclusão de um outro recorte analítico para se compreender o processo de tradução das criação neológicas do referido autor literário. Para tanto, recorro aos critério de análise oferecido por Nida (op. cit.) em seu *Linguistics and Ethnology in translation problems*, e por Aubert (op. cit) em seu *Modalidades de tradução: teoria e resultados*, já mencionados e discutidos no capítulo imediatamente anterior deste trabalho.

A adoção dessa metodologia classificatória reflete a complexidade do tema ora tratado, cuja espinha dorsal constitui-se em uma leitura analítica da inter-relacionalidade entre dois fatos lingüístico-culturais: um texto literário e sua tradução. Tal inter-relação textual entre o convencionalmente chamado *texto original* e *texto*

tais considerações e análises já se encontram-se realizadas, como os empreendidos por M.L. Daniel, J.M.S. Spera e O. Marques (In: Coutinho -Org.), dentre inúmeros outros, parecendo-me trabalho inútil proceder novamente à mesma ação analítica. Tomarei aqui as definições oferecidas por N.S. Martins em seu excelente *O léxico de Guimarães Rosa* (2001), minucioso trabalho de levantamento e estudo dos neologismos empregados pelo autor em sua obra completa, definições essas que constam do apêndice onde se encontra tabela com o arrolamento de todas as ocorrências neológicas em *Sagarana* e na tradução de H. de Onis.

traduzido constitui-se numa teia de elementos diferentes e assimétricos harmonicamente arranjados em dois complexos língua-cultura diversos.

As dificuldades intrínsecas impostas pela tradução exigem uma aproximação entre conceitos e teorias para tentar abordar o problema de tentar fazer um outro leitor apreciar e compreender um texto que não fora escrito primeiramente em sua língua materna, mediante a leitura-interpretação de um “leitor bilingüe” e também produtor de texto.

A criação neológica, como transformadora do produto da língua e, em certa medida, historicamente falando, também do sistema lingüístico, segue os processos de formação de palavras já conhecidos e descritos na norma gramatical, utilizando-se dos processos de derivação e composição para dotar os significantes de uma nova perspectiva significativa, diversa daquela em uso corrente: adicionando, por exemplo, afixos não comumente associados a determinados vocábulos ou juntando-os em combinações inusitadas, o autor propõe um novo olhar sobre a língua ao seu leitor e um desafio ao seu tradutor.

Os neologismos, desta forma, serão aqui abordados enquanto sofisticações lingüísticas produzidas pela evolução/complexificação da línguas, agrupados em quatro áreas de proximidade cultural (cultura ecológica, cultura material, cultura social, cultura religiosa e cultura lingüística) e classificados quanto à sua formação morfossintática em dois tipos: os formados por processos derivacionais e os formados por processos composicionais. Com base nessa metodologia, creio ser possível traçar uma linha de análise que permita-me compreender quais as opções tradutórias realizadas por Harriet de Onís e entender as implicações processuais implicadas nestas escolhas, segundo os critérios obtidos em Aubert, tendo em conta que a recuperação das reações e pensamentos do leitor e/ou tradutor, especificamente neste caso, é tarefa impossível de se concretizar, ou segundo Mounin (1975), realiza-se com relativo sucesso.

CAPÍTULO 4

ANÁLISE DOS DADOS

Nos capítulos anteriores deste trabalho foram abordados os aspectos teórico-metodológicos relativos à pesquisa ora empreendida, a saber nos seguintes pontos: a) os processos tradutórios de forma geral, focando especialmente a funcionalidade do ato tradutório (para quem e para quem traduzir) aliada ao papel do tradutor como recriador, ator principal de um processo de reescrita textual e não como mero “transportador invisível” de significados; b) os processos de formação neológica que, mesmo estando subordinados aos padrões de evolução modificação da língua, renovam-na pois, ao fazerem emergir do sistema lingüístico novos signos, redimensionam a relação do escritor e/ou leitor com a língua, interferindo no próprio processo de estruturação/reestruturação contínuo do sistema lingüístico no âmbito de uma relação de mútua influência/modificação; c) no processo de codificação/decodificação textual, ou seja na escrita e na leitura de um texto, em específico o literário, cujas normas reguladoras devem originar-se sempre a partir do texto e não da aplicação de um cânone analítico que pretenda penetrar na esfera mais profunda do texto, diferenciando o leitor comum do crítico que, de posse de tal cânone, estaria mais apto a captar a imanência do texto; e, por fim, d) o papel do neologismo como elemento gerador de lirismo e poesia dentro do texto roseano e suas relação com estrutura mais ampla do texto e sua respectiva tradução.

No que diz respeito à análise empreendida quanto à formação dos neologismos, obtive os seguintes dados numéricos e percentuais expressos no quadro seguinte:

Processos de formação vocabular (TLP)¹³		
Tipos de formação	Número	Percentual

¹³ TLP: texto língua de partida

Derivação	280	62%
Composição	172	38%
Total	452	100%

Conforme esses dados, fica claro que dentre os dois processos de formação vocabular abordados neste estudo, aquele referente à derivação mostra-se o mais utilizado pelo autor. Tal fato corrobora as indicações feitas anteriormente sobre a maior fecundidade lingüística da derivação em relação à composição; fecundidade esta perceptível em exemplos dos mais variados:

- a) “Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a *mastreação* chifres.” (ROSA, 1984; p.19).

Aqui o autor cria uma imagem de movimento e harmonia para o andar da boiada, aludindo à regência de uma orquestra por um maestro e ainda ao sinuoso e suave deslizar dos mastros dos barcos quando visto ao longe; utilizando para tanto o arcaísmo “**maestre**” que foi sufixado com a terminação –ação que dá a idéia de movimento, ação a um substantivo designador de um ser ou a um adjetivo, deslocando a idéia do ente para aquilo que é praticado por este último (Cf. MARTINS, 2001; p. 311).

- b) “E, como acontecia o mesmo em todas as fazendas de ali próximo, e, com ligeiras variantes, nas muitas outras constelações de fazendas, escantilhadas em torno das estaçõezinhas daquele trecho, era a mobilização anual da fauna *mugidora* e *guampuda*, com trens e mais trens correndo, vagões repletos, atochados, consignados a Sítio Santa Cruz.” (Id., p.28)

Neste trecho, Rosa qualifica esmerada e criativamente os rebanhos, num processo de caracterização do todo pelas partes, enfocando dois pontos bastante peculiares dos bovinos que são, respectivamente o mugido e os chifres; trabalhando com as bases “mugir” e “guampa”, acrescentando-lhes, respectivamente, os sufixos –or+a e –udo+a, designações sufixais muito comuns na criação de adjetivos, mas que neste caso específico constituem um novo alo designador-caracterizador, capaz de reforçar e acentuar a qualidade bovina dos componentes do rebanho.

- c) “E, agora, pronta de todo está ela ficando, cá que cada vaqueiro pega o balouço de busto, sem-querer e imitativo, e que os cavalos gingham *bovinamente*.” (Ibid., p.38)

Eis aqui uma construção muito feliz e criativa do autor para retratar a marcha da boiada, tornando-se todos os componentes que dela fazem parte, e não somente os bois, um conjunto. A simples adição do sufixo adverbial *-mente* ao adjetivo “bovino” foi o suficiente para criar uma imagem de harmonia e identidade mimética entre os cavalos, vaqueiros e bois, detalhando e ilustrando a passagem de forma muito própria e original, remetendo, ainda, àquela imagem inicial de *mastreação*, ou se já, de conjunto harmônico, suave, compassado e organizado.

- d) “Tropeiam, agora, *socornando* e arfando, mas os alcantis encapelados, eriçados de pontas, guardam uma fidelidade de ritmos, escorrendo estrada avante.” (op. cit., p. 39)

A movimentação das rezes é minuciosamente pincelada pela descrição do autor que cria uma forma verbal adicionando um prefixo *so-*, de função intensificadora, ao substantivo “corno”, forma mais arcaica de chifre. Essa derivação alia-se ao verbo seguinte, “arfando”, compondo uma imagem de repetição de ação, de força empregada quase que ininterruptamente pelos bois, retratando com propriedade e precisão a movimentação do gado ao andar em conjunto: cada qual tentando proteger seu espaço individual até que tudo esteja assentado.

- e) ”_ Desonrado, desmerecido, marcado a ferro feito rês, mãe Quitéria, e assim tão mole, tão sem *homênci*a, será que eu posso mesmo entrar no céu?!... (op. cit., p. 361)

A adjetivação criada por Rosa ao juntar ao radical *hom-* o sufixo *-ência*, revigorou a “hombridade” do personagem, aliando a dignidade pressuposta à virilidade sugerida (Cf. MARTINS, op. cit., p.265), num misto forte e contundente para referir-se a um personagem tão marcante como Augusto Matraga

A potencialidade significativa da palavra, através da derivação, envolve-se de um invólucro diferenciado – um significante inusitado – que, por si só é capaz de atrair magneticamente os olhos do leitor, em virtude do misto de estranhamento e familiaridade que os vocábulos encerram; além dessa renovação aura material da palavra, o potencial semântico se amplia, sobretudo, pela retomada de um significado

vulgarizado pelo uso corrente que assume novas nuances e se enriquece, atingindo outras esferas significativas da língua. A criação neológica derivacional constitui, assim, uma importante e valiosa ferramenta na amarração das linhas estilísticas do texto roseano, colaborando elementarmente para trazer ao texto prosaico imbuindo-o de uma força poética brilhante.

O outro processo de formação vocabular abordado aqui, a composição, embora em número menor de ocorrências, alia-se à derivação cobrindo uma face diversa da partitura textual, incluindo outros tons e notas que traduzem em signos lingüísticos, preciosidades de pensamento:

a) “Você faz mal, de andar assim desarmado de arma! Silvino é *onça-tigre*.” (op. cit., p. 31)

A sobreposição do valor significativo do segundo vocábulo sobre o primeiro, que entra na composição como determinante (sintagma nominal = substantivo núcleo + substantivo modificador), potencializa e amplia a qualidade “feroz” do substantivo “onça”, somando à brutalidade do animal referido a crueldade historicamente atribuída ao tigre, em razão do pavor que o felino asiático causa nos povos que tem de dividir território com ele, a exemplos dos indianos. O composto concretiza uma imagem de “duas vezes mau; duas vezes perigoso; duas vezes temível”, criando uma espécie de signo denominador particular para o personagem.

b) “E, os que a gente pode arrebanhar de novo, deram, mal e mal, uma boiadinha chocha, assim de brinquedo, e numa petição-de-miséria, que a gente até tinha pena, e dava vontade de se botar a bênção neles e soltar todos no *sem-dono*!” (op. cit., p. 71)

Nesta passagem, o autor oferece uma nova denominação espacial para a vastidão dos campos, aliando uma preposição determinante e modificadora de um substantivo, trazem a idéia de propriedade e de controle intangíveis, imprimindo faceta significativa de irreversibilidade à qualidade do espaço, isto é, caso os bois lá fossem soltos não se poderia jamais trazê-los de volta.

c) “Isto, que não veio falar de aviso, *nenhuns-nada*, ele gosta é de se esconder dentro da moita, (...)” (op. cit., p. 75)

Essa combinação negativa redundante de uma forma plural do indefinido *nenhum*, que não se pluraliza, mais o substantivo *nada*, compõe uma imagem intensificada da falsa intenção de avisar, previamente colocada na seqüência frasal. Novamente o duplo sentido amplia uma idéia e torna-a mais significativa e emblemática, como se duas esferas da significação se unissem para a corporificação de um outro diâmetro vocabular mais completo sem, contudo, perder absolutamente a identidade individual primeira.

d) “E a coisa viera vindo, do estilo *dragocrático-mandológico-coactivo* ao *cabalístico-estatístico*, daí para o *messiânico-palimpséstico-parafrástico*, depois para o *cozinhativo-compadresco-recordante*, e assim, de caçarola a tigela, de funil a gargalo, o fino fluido inicial se fizera caldo grosso, mui substancial e eficaz; (...)’ (op. cit., p. 121-2)

Talvez este recorte textual seja um dos mais belos e deliciosos oferecidos por Rosa em *Sagarana*: a progressão de uma mensagem entre políticos, caracterizando magistralmente a arte de fazer política, com suas idas e vindas discursivas, suas voltas e reviravoltas e expedientes lingüísticos que tornam redimensionam, alteram e redefinem uma situação como num passa de mágica. O autor une construções derivacionais em conjuntos compostos capazes de abarcar uma imensa gama de variações e significados em um cadeia de signos que poderiam ser comparadas a uma fórmula daquelas fórmulas intrincadas e complexas com as quais a química orgânica desafia os olhos e a inteligência dos aprendizes e dos dedicados ao seu estudo: cada componente entra de uma forma especial e uma ligação indevida pode ocasionar a perda de toda uma pesquisa.

e) “- Epa! *Nomopadrofilhospritosantamêin!* Avança, cambada de filhos-da-mãe, que chegou a minha vez!...” (op. cit., p. 383)

Aqui o autor cria uma palavra-frase-brasão: um composto capaz de conferir ao personagem uma força e uma proteção divinas muito além do já visto, pois a junção quase onomatopaica de cada unidade léxica, misturando e fundindo os sons das mesmas, forma uma espécie de liga verbal inquebrantável, indestrutível, pois vai muito além do simples pedir a benção da Santa Trindade: é quase como incorporar a divindade, é sentir-se pleno da divindade.

A criação de uma realidade mineira, de uma realidade narrada em e pelo poder quase supranatural da palavra, encontram corpo e alma nas criações neológicas que desenham primorosamente os contornos dos morros, levantam a poeira do chão ao passar dos cavalos e bois e iluminam os rostos e vidas dos capiaus, atores principais dessas histórias do povo mineiro. Speber (1982, p. 24-31), em seu *Guimarães Rosa: signo e sentimento*, esclarece mais precisamente o propósito da criação neológica:

(...)Em *Sagarana* também encontramos esta espécie de amor à palavra (...) (e)m que a palavra é colorida. (...) A escolha de formas mais ativas, de linguagem de função preferencialmente poética e emotiva (...) é menos ingênua, mais concreta e mais direta.

(...) A palavra tem poder, porém sobretudo quando ‘perde os nexos e significação’. ‘E, tanto quanto o fenómeno inverso, as palavras criam novas coisas ou idéias’. A possibilidade de transformação, de aprendizado, também é dada pelas palavras.

Ao neologismo cabe essa força transformacional e poética ao mesmo tempo, força que descortina a visão panorâmica e privilegiada de um novo mundo ali tão perto dos olhos mas divorciado da percepção consciente por falta de melhores porta-vozes aptos a trazer à tona a possibilidade de transcender a realidade, já que “(...) (a) força palavra se apresenta como o modo de passagem do particular para o universal” (Id., p. 31)

Prosseguindo com a análise dos neologismos, apresento agora a classificação dos mesmos de acordo com os critérios etnolingüísticos de Nida, mencionados anteriormente, que geraram a seguinte tabulação de dados:

Classificação etnolingüística (TLP)		
Tipos lingüístico-culturais	Número	Percentual
Cultura ecológica	170	38%
Cultura social	101	22%

Cultura material	32	7%
Cultura lingüística	131	29%
Cultura religiosa	18	4%
Total	452	100%

O regionalismo e a busca de uma linguagem singular revelam-se através do superioridade numérica de formações neológicas em nível de cultura ecológica, seguido de um quase empate técnico entre formações em nível lingüístico e social, indicando que a intenção e o direcionamento discursivo-literário para construir um mundo próprio e ao mesmo tempo universal através da palavra, como já comentado neste trabalho, se concretiza de fato, como é possível observar em construções tais como:

- a) "O crioulo *barbeludo*, anguloso, ruma, estático, sobre maus aprumos, e gosta de espiar céu, além, com os olhos de teor morno, salientes." (op. cit., p. 20)

Nesta descrição, o autor qualifica específica e peculiarmente o tipo mestiço nelore, tipificando e diferenciando tal linhagem de bovino de outras mais existentes e parecidas com a referida no texto: imprime personalidade e individualidade a um elemento da fauna, colocando em relevo, em destaque.

- b) "E quando o *caracu-pelixado* solta seus mugidos de nariz fechado, (...)" (op. cit., p. 20)

Novamente surge uma denominação qualificadora de um linhagem bovina que é singularizada através da criação de uma terminologia específica e inusitada, de fácil reconhecimento para os habitantes do sertão mas de certa estranheza para outros não pertencentes à região.

- c) "Depois, esticou o *sobrebeição* em toco de tromba e trouxe-o ao rés da poeira, soprando o chão." (op. cit., p. 23)

Esta descrição do lábio superior do burro indica uma precisão e uma consciência de língua calculadas e meticolosas, não só porque revela em si, enquanto palavra, a condição patentemente animal do ser descrito, mas porque subjaz à ela visão daquele que habita o local e conhece a ele e seus componentes a fundo, podendo,

por essa razão, metaforizar e criar símbolos devido à intimidade e domínio que deles possui.

d) “E, nas ilhas, penínsulas, istmos e cabos, *multicrescem* taboqueiras, tabuas, taquaris, taquaras, taquariúbas, taquaritingas e traquarassus.” (op. cit., p. 256)

A beleza da imagem conseguida pelo autor com o uso do termo destacado anteriormente advém de uma visão lingüística apurada aliada a uma percepção do meio ambiente não menos precisa: a profusão algo próximo do incontrolável de variados tipos de bambus surge diante dos olhos dos leitor como se os delicados raminhos orientais jorrassem feito fonte verde em tosseiras espalhadas ao seu redor.

e) “E o buritizal (...); de todas as alturas e de todas as idades, famílias inteiras, muito unidas: buritis velhuscos, de palmas contorcidas, *buritis-senhoras*, e, tocando ventarolas, *buritis-meninos*.” (op. cit., p. 256)

A descrição da cena realizada pelo autor, metaforizando uma família arbórea, culmina com a composição das denominações de mães e filhos para as árvores dando-lhes rosto e coração, emprestando-lhes sentimento e vida humanos, pondo em relevo não só a beleza da paisagem mais valorizando a vida que a compõe, ao longo do tempo e a despeito dos homens.

f) “Canso-me. Vou. *Pé por pé, pé por si... Pèporpé, pèporsi... Pepp or pepp, epp or see... Pêpe orpèpe, heppe Orcy...*” (op. cit., p. 266)

Essa passagem constitui uma das mais significativas e reveladoras da busca por uma linguagem nova, transformadora e original de Rosa: a brincadeira que faz com o caminhar verbal mimetiza o sufoco experimentado pelo personagem repentinamente cego no meio da mata; mas não traduz apenas, institui uma dimensão lingüística única, diferenciada e diferencial, quase uma cantiga, quase um versinho infantil, cheio de sugestões sonoras aproximando-se da onomatopéia e revelador de uma interseção com outras línguas através das possíveis interpretações dos significantes que ora lembram sonora e graficamente palavras de origem inglesa ora de origem francesa, enfim uma riqueza.

g) _ Que história, que mané-história! O senhor está caçoando comigo...

_ Não, porque...

_ *Porque-isquê!*

- _ A minha...
- _ *Que-inha?*
- _ Cala a boca!
- _ *Que-oca?* (op. cit., p. 294)

Este trecho cômico do conto *Corpo fechado*, mostra bem a facilidade com que Guimarães Rosa transporta para o papel a situação de pavor do personagem diante da ameaça de morte e sua intimidade com o manejo da língua próprio e particular das pessoas simples que fazem rimas com terminações de palavras dar um tom debochado ou depreciador para o interlocutor

A invenção de um sertão lingüístico por parte de Guimarães Rosa surge em concretizações de sua fauna, flora e da linguagem sertaneja observável nos exemplos anteriores e nos demais encontrados ao final deste trabalho. Toda essa variedade e pluralidade exige, segundo creio, uma classificação que dê conta de agrupar os tipos neológico por áreas afins ou próximas, constituindo tal classificação, antes de mais nada, uma aliada na empreitada de se realizar uma tradução não somente dos itens neológicos, mas de todo o texto. Eis o que pretende a classificação etnolingüística de Nida: propiciar ao tradutor uma referência de trabalho e uma orientação de perspectiva tradutória capaz de estabelecer um paralelo analítico entre as duas dimensões lingüístico-culturais envolvidas em um a tradução, especialmente em uma cuja função poética seja altamente privilegiada como no caso do texto de Rosa. O tradutor pode criar, ainda que arbitraria e artificialmente, uma área de contato entre os dois campos de língua e cultura para estabelecer pontos de intertextualidade, de correspondência, semelhança, distanciamento ou diferença pura e simples; proporcionando-lhe uma tomada de decisão melhor estruturada e fundamentada, livrando-o, possivelmente mas não totalmente, de cometer impropriedades e realizar distorções do texto, ou até mesmo erros.

Em terceiro e último lugar, abordo os neologismos segundo os critérios das modalidades tradutórias de Vinay & Dalbernet, segundo a perspectiva de Aubert. Tratei aqui apenas dos tipos “puros”, ou seja, não considere a junção de dois ou mais tipos numa mesma ocorrência tradutória. Os resultados dessa análise seguem abaixo:

Modalidades tradutórias (TLC) ¹⁴		
TIPOS	Número	Percentual
Omissão	18	4%
Transcrição	0	0%
Empréstimo	1	0%
Decalque	0	0%
Tradução literal	57	13%
Transposição	159	35%
Explicitação	17	4%
Modulação	124	27%
Adaptação	67	15%
Tradução Intersemiótica	0	0%
Erro	9	2%
Correção	0	0%
Acréscimo	0	0%
Total	452	100%

A tradução empreendida por de H. de Onís tende a privilegiar o leitor do complexo língua-cultura de chegada, pois suas escolhas tradutórias centram-se em modalidades tradutórias que privilegiam a construção de um texto traduzido o mais fluente possível para o leitor da língua de chegada (Cf. AUBERT: 1984 e 1998b). As modalidades *transposição*, *modulação* e *adaptação* agrupam-se em uma categoria denominada de *tradução oblíqua*, ou seja, uma orientação de tradução cujo objetivo é a leitura do texto traduzido, causando no leitor do complexo língua-cultura de chegada o mínimo de estranhamento possível: este leitor lerá um texto que teria sido escrito originalmente em seu próprio idioma.

¹⁴ TLC: texto língua de chegada

Aubert (1998a) indica, através do cruzamento de dados e resultados de várias pesquisas¹⁵ sobre diversificados tipos de textos na tradução, que a modalidade tradutória mais recorrente e/ou ao texto literário é a *modulação*. Essa modalidade tradutória, segundo a perspectiva do autor, parece ser patente e caracterizadora do texto literário pois remete a um “(...) deslocamento perceptível na estrutura semântica de superfície, embora retenha o mesmo efeito geral de sentido no contexto e no contexto específicos.” (Id., p. 108). Em minha análise do texto de Rosa confirma-se a indicação de Aubert, despontando a modulação em segundo lugar de ocorrências com 27% do total de casos, perdendo apenas para a transposição como 35%. Assim, num primeiro momento, é possível inferir que a tradução de H. de Onís segue, como a maioria das traduções literárias, uma orientação, digamos, “adequadora” em face da estrutura peculiar do texto literário enquanto obra de arte, isto é, a dificuldade de “transpor, re-comunicar” os traços estilísticos do texto literário, com todas as implicações culturais, lingüísticas e etc., faz com que o tradutor se valha da modulação, grosso modo, segundo a perspectiva de Nida (apud RODRIGUES, 2000) de produzir equivalentes de tradução primeiro em termos de conteúdo e segundo em termos de estilo.

A partir dessa idéia inicial de perspectiva analítica sobre a incidência maior da modalidade *modulação* em tradução literária, faço um breve apanhado das modalidades mais incidentes na tradução realizada por H. de Onís, comentando-as ilustrativamente com exemplos.

A transposição (159=35%), que implica numa alteração em nível de forma mas não estilo ou do significado, é o processo mais utilizado pela tradutora que, talvez em face da dificuldade de traduzir termos tão específicos e cultural e estilisticamente motivados e/ou imbuída de uma tendência cultural em realizar traduções “facilitadoras” (Venuti: 1995) tenha optado por lançar mão desse recurso como o fez aqui. Este é um processo que ocorre mais na “superfície” do item traduzido e transcende o literal por uma não coincidência de posições na cadeia sintagmática ou mudança de classe gramatical em conformidade com as normas da língua de chegada. Observe os exemplos:

¹⁵ Os textos e trabalhos aos quais se refere Aubert (1998) encontram-se arrolados na página 111 de seu artigo e

a.1) “Quatrocentas e tantas reses, lotação de dois *trens-de-bois*.” (op. cit., p.27)

a.2) “Four hundred and more head, enough to fill two *cattle trains*.” (ROSA, 1966, p.12)

Neste trecho a tradutora emprega termos bastante próximos para designar um item de transporte animal, devendo-se observar que traduziu o item lexical “bois” por “cattle” (gado), traduzindo a parte pelo todo, a unidade pelo conjunto, operando para tanto uma inversão de posições sintáticas. Além dessa inversão, a preposição “de” desaparece no texto traduzido pois a ordem determinante + determinado da língua inglesa deixa implícita a relação de posse e/ou determinação mediada e expressa pela referida preposição em português. É preciso ressaltar aqui que transposições, em tese, tendem a ocorrer bastante frequentemente em traduções português/inglês e vice-versa em virtude de as posições do determinante e do determinado em ambas as línguas serem o inverso, devendo o analista de tradução observar se tal transposição resulta de uma restrição estrutural ou de uma opção do tradutor (cf. idem: p. 32-3)

b.1) “Não sabe de nada, mas o *arcanjo-da-guarda* das mulheres está induzindo-a a dar a última investida, (...)” (op. cit., p. 95)

b.2) “She knew nothing, but her woman’s *guardian archangel* was prevailing upon her to make one last try, (...)” (Id., p.67)

Novamente aqui pode-se observar a inversão entre determinante e determinado que ocorre entre as duas línguas em questão, constituindo, assim, a transposição uma modalidade tradutória que tende para a fluência na língua de chegada, mas sobre a qual deve-se manter um discernimento mais sutil justamente porque as línguas têm ordem sintagmáticas diferenciadas. Assim, diferenças de ordem podem determinar o uso da transposição não necessariamente como escolha de orientação tradutória mas simplesmente porque a sintaxe das línguas leva a uma inversão obrigatória entre si.

Considerada essa particularidade do texto, somam-se à transposições um número considerável de modulações (124=27%). A modulação já é um processo que interfere em nível mais profundo do signo, pois implica uma alteração de sentido, de ponto de vista: ela aproxima o conteúdo do item traduzido de forma semi-direta para o

leitor do texto de chegada, procurando uma proximidade com item do texto língua de partida em termos sentido diferente. Veja:

a.1) “E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as *meias-raças* plebéias dos campos-gerais, (...)” (op. cit., p. 19)

a.2) “And wedged agaisnt one another were the flanks of the crossbreeds of all the plebeian *mongrel races* of the prairies, (...)” (Ibid., p. 5)

A tradução de “meias” por “mongrel” implica uma alteração de ponto de vista, embora a situação permaneça a mesma: “meias” dá a idéia de parte, metade e “mongrel” já implica a própria mestiçagem, o resultado em si de um cruzamento (termo genérico vs. termo específico).

b.1) “Passa rente aos *bois-de-carro* – pesados eunucos de argolas nos chifres, (...)” (op. cit., p. 22)

b.2) “He passed the *draft oxen* – heavy eunuchs with rings on their horns, (...)” (op. cit., p. 8)

Este trecho ilustra uma mudança de ponto de vista, em que a tradutora propõe “draft” como “equivalente” de “de-carro”: na realidade ela traduziu o continente pelo conteúdo, já que “draft” significa “carga” e “de-carro” o material utilizado para transportar uma carga.

As modulações tentam aproximar situações aparentemente semelhantes entre dois complexos língua cultura dados, implicando uma certo grau de modificação semântica, modificação essa capaz de tornar mais inteligível ao leitor língua de chegada determinando item traduzido, por falta de uma opção mais apropriada e congruente.

Em terceiro lugar por número/percentual de ocorrências, há o processo de adaptação (67=15%) que mantém entre os itens do texto língua de partida e do texto língua de chegada uma tênue semelhança situacional, havendo modificações semânticas, estilísticas e estruturais mais amplas. Observe os exemplos:

.1) “E nessa hora foi que Sete-de-Ouros se veio *apropriquando*, brando.” (op. cit., p. 24)

a.2) “It was at this point that Seven of Diamonds chose to *quietly* approach.” (op. cit., p. 10)

Ocorre aqui uma muito tênue intertextualidade entre “apropriando” e “quietly”, na medida em que o termo do texto língua de partida implica significados variados como o de conveniência, ser oportuno, aproveitar a situação, sutileza e perspicácia, enquanto que o termo língua de chegada engloba toda essa sugestão subliminar por um “calmamente”, tentando manter uma correlação situacional extrema.

b.1) “_ Que *manuel-não-enxerga*, Francolim!” (op. cit., p. 25)

b.2) “What’s *this nonsense about not seeing*, Francolim?” (op. cit., p. 10)

Aqui uma expressão idiomática calcada no falar popular do interior é traduzida em nível puramente de conteúdo, numa tentativa de fazer o leitor texto língua de chegada compreender o jogo de palavras quiçá incompreensível para um não falante do português, incapaz de perceber a utilização de um nome próprio muito empregado e conhecido como item generalizador, “equivalente” à “qualquer pessoa, qualquer um” incapaz de “enxergar” um fato notoriamente explícito. A tradutora propõe em seu lugar uma expressão explicativa (nonsense about) referente ao comportamento implicado pelo nome (manuel).

Como, pode-se perceber, a adaptação procura viabilizar a leitura de um item texto língua de partida que pouco ou nada tem em comum com um “equivalente” no complexo língua-cultura de chegada. Aquela área de interseção entre os dois complexos língua-cultura, quando em situações como as exemplificadas em a.1)/a.2) e b.1)/b.2), tem um tamanho muito reduzido e pouco pontos de congruência que possam ser criar um elo de ligação, levando o tradutor a procurar alternativas paliativas que dificilmente comunicam aspectos às vezes importantíssimos de estilo, de conteúdo ou de sintaxe , fazendo p texto língua de chegada “perder” traços significativos do ponto de vista global da tecitura textual.

No cômputo geral de dados, as modalidades de tradução oblíqua (350=77%) sobrepõem-se às de tradução direta (102=23%), destacando-se as três exemplificadas anteriormente. Esse dado implica, grosso modo, que a tradução de Harriet de Onís tende a privilegiar o complexo língua-cultura de chegada, procurando oferecer ao leitor de língua inglesa um texto com poucos “obstáculos” e/ou “dificuldades” de leitura/interpretação.

Quero acrescentar a essa indicação dos dados de tradução uma observação, salvo melhor juízo, bastante relevante do ponto de vista da tradução do texto Rosa: a de que a tradutora optou por escolhas mormente calcadas na “equivalência” de conteúdo, fazendo a despeito do valor estilístico dos itens traduzidos.

Como já mencionado anteriormente neste trabalho, os neologismos de Rosa encerram uma função pragmática de nova denominação para determinado ente do universo, mas têm, essencialmente, um caráter estilisticamente motivado: o neologismo no texto língua de partida reflete muito mais a busca lingüística por vocábulos inusitados do que por denominações práticas, isto é, a própria palavra constitui por si só um ser cuja função desloca-se do puramente lingüístico e passa a versar sobre o poético. A identidade da palavra sobrepõe-se à designação determinada por ela, ou seja, a função estética é a grande privilegiada.

Assim a busca da “palavra colorida”, a preocupação com a escolha da palavra certa, enfim a extrema consciência de criação comentada por Rónai (Cf., *Ibid.*, p. xiv), segundo creio, parece diluir-se na tradução de *Sagarana* ora estudada; parece haver uma tentativa de transferir conceitos/conteúdos em detrimento do estilo prosaico-poético que começa a despontar nesta obra, como que anunciando ousadias verbais futuras (Cf. Spera, 1995).

Tentando elucidar minha argumentação a respeito do privilégio do conteúdo em detrimento do estilo, apresento a seguinte seleção aleatória de itens de ambos texto de partido e de chegada, para amostragem:

1.

a) “Depois esticou o *sobrebeicho* em toco de tromba (...)” (op. cit., p.23)

b) “Then stuck out his *upper lip* like the stumb of an elephant’s trunk, (...)” (op. cit., p. 8)

COMENTÁRIO: a formação derivacional *sobre* + *beicho* indica uma intensificação do valor pejorativo da denominação do lábio superior do animal, principalmente porque vem reforçada com a metáfora com tromba, que alude à uma imagem de deformidade. A tradutora optou por traduzir essa imagem de deformidade por *upper lip*, designação para lábio superior (Cf., MICHAELIS, 2000, p. 709) sem qualquer valor pejorativo ou animalesco. Procurando melhor compreender a opção tradutória de H. de Onís, parto

da base *beicho* e encontro no dicionário Webster's (TAYLOR, 2001, p. 99) a opção *lip*; encontro também outras opções *big lip* (*beißola*; substantivo) e *thick-lipped* (*beißudo*; adjetivo) e o Michaelis (Id., p. 868) oferece para *beißola* mais duas alternativas: *blubber lip* e *big pounting lip*. Desta forma, ao menos inicialmente, verifica-se uma haver uma opcionalidade de itens lexicais oferecidos pela língua inglesa e que, segundo a opção da tradutora, foram desconsideradas, deixando inexplorados potenciais da língua inglesa. Tais potenciais poderiam ser explorados, aliando-se, por exemplo, o estudo das formas vocabulares já existentes em inglês e equivalentes às do TLP e a formação das palavras em inglês com o auxílio de uma gramática como a de Quirk (1989) e de outros estudos sobre formação lingüística da língua inglesa capazes de oferecer material de criação lingüística que, para uma falante nativa em correspondência com o autor do original, poderiam compor recriações, nos termos de Campos (op. cit.), neológicas estilisticamente motivadas interessantes para o público leitor norte-americano.

2.

a) "Porém , cá fora, a vaqueirama começava o corre-corre, o pega-pega, **arreia-arreia**, aos gritos benditos de confusão." (op. cit., p. 25)]

b) "Outside, meanwhile, the scurrying, the quarreling, the **saddling up** of the herders began, to the sounds of utter confusion." (op. cit., p. 10)

COMENTÁRIO: a formação composicional *arreia-arreia* realiza-se de forma bastante simples através da repetição do item lexical base, seguindo a corrente lingüística preestabelecida pelos termos "corre-corre" e "pega-pega", de uso corrente em português do Brasil . Em inglês a tradutora optou por traduzir essa idéia de ação de arrear montaria repetidamente em meio a uma agitação geral por *saddling up* cujo significado é o de "selar um cavalo, montar", perdendo o afã investido na forma lexical texto de partida.

3.

a) "(...)- cavalo do menino da casa, desbocado, viciado e **inventador** modas (...)" (op. cit., p. 26)

b) "(...)- the horse of the young son of the house, a hard-mouthed brute, with bad habits and **full of tricks** (...)" (op. cit., p. 11)

COMENTÁRIO: o substantivo derivado do verbo “inventar” acrescido do sufixo adjetival –ador cria uma idéia de um animal inteligente, astuto e de difícil obediência às regras da montaria. A tradutora estabeleceu como item de tradução um composto adjetival cujo significado “cheio de truques” também oferece essa idéia de astúcia, embora perca a marca semântica de “agente realizador da ação” de fundo pejorativo.

4.

a) “(...)quando os outros o irritam, é a divisa de um *burricoque* ancião.” (op. cit., p 30)

b) “(...) is the motto of an old *donkey* when he’s being annoyed.” (op. cit., p. 14)

COMENTÁRIO: o substantivo derivado *burricoque* compõe-se da base lexical *burrico* + *que* comunica uma valor afetivo para o animal que embora pequeno tem “gênio” forte, operando o sufixo *que* uma intensificação diminutiva, mas muito mais em nível sonoro que semântico, algo parecido com o que faz o sufixo –ote em “molecote”. A tradutora traduziu o substantivo pelo “equivalente” semântico mais próximo *donkey*. A questão subjacente ao valor diminutivo na tradução para inglês tange a estrutura deste último que não forma lexemas a partir de sufixos diminutivos, ou seja, não tem diminutivos sintéticos, exigindo, novamente, uma perspectiva de recriação a qual, salvo melhor juízo a tradutora refutou.

5.

a) “(...) ficam de fora somente as *beißamas*, (...)” (op. cit., p. 45)

b) “(...) leaving only their *muzzles* above water, (...)” (op. cit., p.27)

COMENTÁRIO: a variante derivada de “beicho” acrescido do sufixo –ama retoma o conceito/imagem já trabalhado no item *sobrebeicho*: a caracterização dos lábios do animal de forma enfática, que o marca e o individualiza. A tradutora ao optar por *muzzle*, que significa “focinho”, dá uma idéia mais ampla do foco caracterizador do animal, pois focinho compreende narinas e boca, e, especificamente no texto, a caracterização emblemática do animal se dá pela sugestão do tamanho avantajado de seus lábios, impondo-se como algo patente dentro da perspectiva criativa do texto língua de partida e que, salvo melhor juízo, deveria ser considerada quando da tradução.

6.

a) “(...) enquanto o touro afunda adiante, *sopraz*, num rufar de tambor.” (op. cit., p. 49)

b) “(...) as the bull pounded *snorting* past, with a noise like the ruffle of a drum.” (op. cit., p. 31)

COMENTÁRIO: o derivado composto da base lexical “soprar” acrescido do sufixo –az põe diante dos olhos do leitor a imagem de touro bravo e que solta “fogo pelas ventas” – nisso ajudado pelo próprio efeito sonoro que o sufixo proporciona –, batendo com os cascos na chão. A tradução do referido item oferece ao leitor texto de chegada uma imagem ativa da ação mas perde a elegância e a pretendida erudição que o item possui o termo no texto língua de partida.

7.

a) “Força de mão, para jogar para lá essa *coisama*!” (op. cit., p. 77)

b) “It took a strong hand to push the *full thing* away.” (op. cit., p. 54)

COMENTÁRIO: a forma derivacional *coisa* + *ama* comunica uma idéia de generalidade, de coletividade, indistinção e depreciação próximo de itens lexicais como “tranqueiras”, “porcarias”, “inutilidades”. Bem, a tradução realizada de tal item contempla apenas o aspecto da generalidade, ignorando todos os outros no mesmo investidos.

8.

a) “Eu já estou farto dessa *espanholaria* toda ...” (op. cit., p. 89)

b) “I am sick and tired of all those *Spaniards*.” (op. cit., p.63)

COMENTÁRIO: o coletivo derivado do adjetivo *espanhol* sufixado por –aria claramente sobre ao fator coletividade o sentimento de desprezo, conforme a atitude do personagem no texto língua de partida; o termo funciona quase como um xingamento. A tradutora não logra caracterizar seu termo dessa carga depreciativa e desmoralizadora por optar por um termo de uso corrente e sem qualquer valoração negativa, a saber *Spaniards*.

9.

a) “(...) e algumas *coisitas* suas, (...)” (op. cit., p. 103)

b) “(...) some other *belongings*, (...)” (op. cit., p. 75)

COMENTÁRIO: essa formação neológica tem profunda referência interlingüística pois o sufixo diminutivo –ito(a) é muito freqüente em língua espanhola, denunciando o origem do personagem que o pronuncia no texto língua de partida; o vocábulo assume

um tom depreciativo aludindo a pouca quantidade de pertences do indivíduo e também à pequenez moral que lhe é atribuída pelo espanhol. Ao ser traduzido por *belongings*, tal item lexical deixa de denunciar a origem do personagem e se neutraliza, perdendo o traço depreciativo.

10.

a) “E aí, então, *taperização* consumada, (...)” (op. cit., p.134)

b) “And with this *ruination* was complete; (...)” (op. cit., p. 100)

COMENTÁRIO: o substantivo derivado relativo à ação de transformar em tapera cria uma imagem particular, misto de ruína e erudição conseguido pela sufixação do substantivo *tapera*, transformado primeiramente em verbo, *taperizar* através da sufixação verbalizadora –izar e depois novamente substantivado em *taperização*. O engenho subjacente à criação deste neologismo, tanto no plano da imagem literária quanto no da estilização da palavra, são perdidos pela tradução do conceito elementar de processo de ruína encontrado em *ruination*. Entretanto “tapera” constitui um vocábulo culturalmente marcado, sem similares ou correspondentes em inglês, tornado-se o *ruination* uma das únicas opções para um elemento culturalmente marcado, cuja recriação em inglês exigiria muito do engenho e da arte do tradutor.

11.

a) “(...) olhos sujos, *desbrilhados*, (...)” (op. cit., p. 137)

b) “(...) his eyes dull and *bleary*, (...)” (op. cit., p. 103)

COMENTÁRIO: o uso diferencial do sufixo prefixo des- junto a um participio passado não utilizado na função adjetiva, *brilhados*, intensifica a qualidade de falta de brilho, para uma quase falta de vida que tivesse sido ocasionada pelo desenrolar do enredo dessa mesma vida; é como se o brilho tivesse sido apagado ou tivesse sumido dos olhos do personagem. A tradução do referido item por *bleary* comunica a falta de brilho, a opacidade mas não carrega em si as marcas de um processo de um desenrolar de enredo.

12.

a) “(...) pagar seu *doutor-médico* (...)” (op. cit., p. 181)

b) “(...) pay a *doctor* (...)” (op. cit., p. 137)

COMENTÁRIO: a composição reiterativa de sinônimos, longe de soar como redundância, apresenta a condição de humildade do personagem em relação a alguém cultural e social superiormente posicionado e a forma respeitosa daquele primeiro dirigir-se ao segundo. Na tradução perde-se essa dimensão de desnível/respeito.

13.

a) “Já mandei buscara *receita-de-informação*, (...)” (op. cit., p. 181)

b) “I have already sent to get the *prescription*, (...)” (op. cit., p. 138)

COMENTÁRIO: eis aqui formação neológica nos mesmos moldes da imediatamente anterior, em que parece haver uma redundância, mas que de fato revela uma disparidade sociocultural e que foi traduzida pelo “equivalente” de uso corrente no texto língua de chegada.

14.

a) “(...) na grenha *piolhífera* (...)” (op. cit., p. 184)

b) “(...) his unkempt, *lousy* hair, (...)” (op. cit., p. 140)

COMENTÁRIO: substantivo derivado ora abordado conduz a idéia de coletividade/abundância e também de fecundidade/infestação, em analogia com petrolífero e prolífero. O adjetivo *lousy* de uso corrente na língua inglesa faz referência à infestação de piolhos e também à sujeira, porcária, etc. mas enquanto criação neológica perde em relação ao seu equivalente no TLP, pois logra causar o mesmo efeito estilístico de “fonte jorrante” de piolhos.

15.

a) “(...) era mais *melancolizante*.” (op. cit., p. 213)

b) “(...) even more *charged with melancholy*.” (op. cit., p. 162)

COMENTÁRIO: eis aqui um adjetivo marcado que deixa de simplesmente qualificar para agenciar uma ação, com a utilização do sufixo –izante. A tradução modifica o ponto de vista de agente de uma ação para objeto e/ou de uma qualidade.

16.

a) “(...) minha *macheza* (...)” (op. cit., p. 273)

b) “(...) the *kind of he-man* I was (...)” (op. cit., p. 211)

COMENTÁRIO: o substantivo derivado de *macho* + *eza* remete à masculinidade, mas tem um cunho mais tosco, intensificando a virilidade latina, de homem do campo

possuída pelo personagem. A tradução ilustra essa condição muito bem, embora não revele um trabalho estilisticamente motivado da palavra.

17.

- a) “(...) remoendo e *tresmoendo* (...)” (op. cit., p. 237)
- b) “(...) chewing and *rechewing* (...)” (op. cit., p. 237)

COMENTÁRIO: função ultra intensificadora do prefixo tres- junto ao verbo moer, alude a um crescendum de ação, incansável e inesgotável, como se fosse durar a vida inteira. A tradução por *rechewing* cuja base lexical é *chew*, ruminar, constitui uma boa imagem, entre tanto a tradutora poderia ter utilizado dos recursos da língua para compor um quadro em que o fator estético ganhasse maior importância.

18.

- a) “(...) para o *bom-parecer* (...)” (op. cit., p. 359)
- b) “(...) toward the *attractions* (...)” (op. cit., p. 280)

COMENTÁRIO: esse neologismo composicional indica, em primeira instância a aparência e a decorrente sedução exercida por essa sobre os homens. A tradutora traduziu enfatizando somente o aspecto sexual do neologismo, a causa pelo efeito, sem propor uma forma que conjugue as duas faces da mesma moeda.

19.

- a) “(...) tão sem *homênciã*, (...)” (op. cit., p. 361)
- b) “(...) so devoid of *manliness*, (...)” (op. cit., p.282)

COMENTÁRIO: aqui o autor quer aliar o conceito de virilidade ao de nobreza e brio moral de um homem com a criação de um derivado de *homem* modificado pelo sufixo –encia. No texto língua de chegada o item lexical possui tanto o aspecto da nobreza de caráter quanto da virilidade, mas, como em exemplos anteriores, é um termo de uso corrente, sem traços poéticos marcados como se dá com item lexical no TLP.

20.

- a) “(...) acertou a *sujigola* (...)” (op. cit., p. 368)
- b) “(...) settled his *chinstrap* (...)” (op. cit., p. 287)]

COMENTÁRIO: invenção caprichosa do autor que compôs uma variação “ciscgola” e/ou “sisgola” que indicam a tira de couro do arreio, por analogia, a tira de couro que prende o chapéu na cabeça pelo queixo (cf. idem, 472). A tradutora realizou um

trabalho interessante ao compor *chinstrap* pois o termo *sujigola* encontra-se disponível no dicionário Michaelis (Ibid.) com a seguinte definição: “curb strap of a riding bridle”, em referência à rédeas dos cavalos, que a tradutora muito criativamente transpôs para *chinstrap*, humanizando o termo.

21.

a) “(...) e golpeia com a anca, aos **recuões**.” (op. cit., p. 20)

b) “(...) **bumps back** with his flank. (...)” (op. cit., p.6)

COMENTÁRIO: item lexical derivado do verbo *recuar* acrescido do sufixo substantivador com marca de plural *-ões*, mostra os movimentos bruscos do animal e sua tradução *bumps back* transmite a idéia de impacto, batida pancada, numa percepção muito eficiente da tradutora que logra criar uma imagem tão interessante quanto a do TLP, revelando que a língua inglesa dispõe de recursos que poderiam ser mais amplamente explorados.

22.

a) “(...) veio **apropriquando**, brando.” (op. cit., p.24)

b) “(...) chose to **quietly** approach.” (op. cit., p. 10)

COMENTÁRIO: segundo Martins (Id.) a palavra *apropriquando* deriva do verbo *apropriquar-se*, remetendo ao verbo *aproximar-se* e sua estrutura revela, ao menos no nível de leitura, uma espécie de junção de *apropriado* e *quando* muito sonora e poética de “aparecer, chegar na hora certa”. A tradução desse item utilizou um advérbio corrente da língua inglesa, *quietly* (quietamente), que, salvo melhor juízo, não logra oferecer ao leitor uma imagem sonora e uma, ainda que não necessariamente concreta, associação de idéias que o leitor do TLP acaba por realizar a partir do estranhamento do termo.

23.

a) “(...) despejada do chanfro às **sobre-unhas** (...)” (op. cit., p. 34)

b) “(...) from head to **hoofs** (...)” (op. cit., p. 18)

COMENTÁRIO: a composição da preposição a guisa de sufixo *sobre* em adição ao substantivo *unhas* cria uma inusitada definição para os cascos do animal, algo que muito claramente perde-se na tradução ao ser utilizado termo *hoofs* que simplesmente correntemente designa tal parte do corpo animal em inglês: não há inovação a partir de

um trabalho criativo sobre os recursos da língua, mas apenas uma equivalência de conteúdos baseada na referencia ao concreto, no animal em si.

24.

- a) “(...) de reptis *desdebuxados*, informes (...)” (op. cit., p. 41)
- b) (...) of *blurred* reptiles, shapeless (...)” (op. cit., p. 24)

COMENTÁRIO: em Martins (Ibid.) encontro *debuxo* que remete a desenho mal feito, esboço sendo a formação neológica *desdebuxados* uma forma lexical na qual o prefixo *des-* intensifica a idéia de mal traçado, não discriminável, sem contornos definidos. A tradução do item por *blurred* (indistinto, confuso) comunica exatamente a idéia do TLP mas não constitui em si uma inovação lexical, não revela a intencionalidade estética presente no item do TLP, pois trata-se de um termo de uso corrente na língua inglesa.

25.

- a) “E *desenxergaram-se*, de todo os bois.” (op. cit., p. 41)
- b) “And the cattle *were almost lost from sight*.” (op. cit., p. 24)

COMENTÁRIO: neste trecho, o verbo *enxergar* ganha uma ênfase significativa maior e mais notável ao ser acrescido do sufixo *des-*, chamando a atenção para a reversibilidade e/ou mutabilidade da ação “enxergar. A locução verbal de valor explicativo “*were lost from sight*” (esta fora do alcance das vistas, estar perdido do alcance da vista) não oferece ao leitor do TLC tal idéia justamente porque o trabalho de criação/inovação lexical presente no texto TLP praticamente dilui-se na expressão de uso corrente utilizada na tradução.

26.

- a) “E certo: Sete-de-Ouros dava para trás, *incomovível*, (...)” (op. cit., p. 45)
- b) “Indeed, Seven of Diamonds moved slowly [supressão da palavra *incomovível*], (...)” (op. cit., p. 28)

COMENTÁRIO: o adjetivo criado a partir do verbo *comover* acrescido do prefixo negativo *in-* e do sufixo adjetival *-(i)vel* revela a firmeza de propósito do animal e sua não sujeição ou suscetibilidade a apelos ou súplicas, humanizando, assim, o animal atribuindo-lhe sentimentos e comportamentos próprios de pessoas. Na tradução não há criação de nenhum termo equivalente e/ou correspondente.

27.

a) “(...) *conviajando*, com a babugem (...)” (p. 77)

b) “(...) *fellow-travelling with the froth* (...)” (idem: p. 54)

COMENTÁRIO: a sufixação do verbo *viajar* transmite idéia de viagem conjunta muito interessantemente traduzida por *fellow-travelling* (viajando em companhia de) que logra transmitir a idéia de viagem conjunta a partir de uma inovação lexical.

28.

a) “(...) uma *semaninha* inteira de esbórnia e fezuê” (idem: p. 101)

b) “(...) a whole *week* of carousing and fun.” (idem: p. 73)

COMENTÁRIO: a função intensificadora trazida ao item lexical *semana* pelo sufixo diminutivo *-inha* inexiste no TLP, cujo equivalente *week* limita-se à comunicação da idéia de “semana” e nada mais.

29.

a) “(...) namorando a ravina *florejante*.” (idem: p. 105)

b) “(...) tenderly eyeing the *flowered* ravine.” (idem: p. 76)

COMENTÁRIO: o adjetivo derivado do verbo *florejar*, criado a partir do uso do sufixo verbal *-(e)jar*, revela uma dupla inovação da língua, além de o sufixo *-(e)jante* dar uma idéia de atividade, de ação que não se encontra no termo de uso corrente que lhe serve de tradução, *flowered* (florido/a).

30.

a) “(...) que *esse-um* é o Saci.” (idem: p. 110)

b) “(...) for *he's* a real devil.” (idem: p. 81)

COMENTÁRIO: a junção de um pronome demonstrativo e de um artigo indefinido cria uma idéia inusitada de definição, de determinação que não transparece na tradução apoiada no uso do pronome *he* (ele) no TLC.

31.

a) “(...) já que está mesmo *treslouco*...” (idem: p. 126)

b) “(...) since he *has been driven out of his mind*...” (idem: p. 94)

COMENTÁRIO: o adjetivo *louco* modificado pelo prefixo intensificador *tres-* perde sua nuance criativa ao ser traduzido pela expressão explicativa de uso corrente na

língua inglesa, *has been driven out of his mind*. (foi levado a loucura). O conteúdo permanece, mas a estética, o artifício poético da língua não.

32.

- a) “(...) – ‘da tremedeira que não *desamontava*’ – (...)” (idem: p. 133)
- b) “(...) – *chills and fever you never get rid off* – (...)” (idem: p.99)

COMENTÁRIO: a formação neológica *desamontavam* revelam um traço da língua falada caracterizador de pessoas do interior ou de pouca escolaridade que costumam adicionar a vogal “a” verbos, criando uma marca sociocultural para sua variante lingüística; essa marca lingüística é inteligentemente utilizada no TLP. Entretanto tal marca cultural, salvo melhor juízo, não parece estar presente em *get rid off* (desmontar, descer da montaria), nem ser tal locução verbal uma criação inovadora no TLC.

33.

- a) (...) por entre as ilhas do *melosal*.” (idem: p. 134)
- b) (...) floating between islands of *grass*.” (idem: p. 100)

COMENTÁRIO: o substantivo formado pela derivação do adjetivo *meloso* acrescido do sufixo coletivo *-al* refere-se a um campo de touceiras de capim-gordura, sendo sua tradução pelo termo genérico *grass* (capim, grama, relva) uma equivalência em nível de conteúdo mas que perde a marca cultural e o trabalho artístico presentes no TLP.

34.

- a) “Está *desdeixado*, (...)” (idem: p. 139)
- b) “It is *neglected*, (...)” (idem: p. 105)

COMENTÁRIO: gerúndio co função de adjetivo criado a partir da sufixação do verbo *deixar* acrescido de *des-*, intensificador, cria uma imagem de abandono e decadência que o uso de *neglected* (descuidado, abandonado) na tradução, embora transmita o sentido, não logra criar o tom, a imagem única evocada pelo neologismo do TLP.

35.

- a) “(...) Cassiano tinha *descalculado*, (...)” (idem: p. 162)
- b) “(...) Cassiano had *misjudged*, (...)” (idem: p. 123)

COMENTÁRIO: como ocorreu com o item **25**, “*desenxergaram-se*”, da presente análise, o neologismo *descalculado* utiliza o prefixo *des-* como indicador de reversibilidade/mutabilidade de uma ação ou, ainda, negação da ação expressa pela

base *calcular*; sendo sua tradução pelo termo *misjudged* (julgar mal) uma equivalência em termos de sentido, mas sem a aura de invenção artística possuída pelo referido item lexical do TLP.

36.

a) “(...) corta rente, *funga-funga*, (...)” (idem: p. 183)

b) “(...) clipped close, *its nostrils snuffling*, (idem: p. 139)

COMENTÁRIO: da mesma forma que ocorre no item 2, *arreia-arreia*, desta análise, a formação *funga-funga* segue o modelo de expressões de uso corrente na língua como *corre-corre*, *pega-pega*, transportando a idéia de repetição e/ou continuidade da ação para outros campos de ação verbal, revelando uma motivação lúdica no trato com os recursos da língua, além de criar uma nova palavra. Tal caracterização de lúdico-criativo não transparece na tradução que se vale de uma expressão de uso corrente, *its nostrils snuffling* (suas narinas bufando, fungando audivelmente), para transmitir o sentido

37.

COMENTÁRIO

a) “(...) picadas *mil malditas* (...)” (idem: p. 191)

b) “(...) biting *like crazy* (...)” (idem: p. 146)

COMENTÁRIO: a composição do numeral *mil* com o adjetivo *malditas* cria uma imagem de intensidade bastante criativa e sem precedentes, sendo que o equivalente do TLC *like crazy* (feito loucos/as) transmite a intensidade mas não a genialidade do termo.

38.

a) “(...) do sistema *Sossegovitch-Sapatogoroff* (...)” (idem: p. 194)

b) “(...) the *Sossegovitch-Sapatogoroff* system (...)” (idem: p. 146)

COMENTÁRIO: invenção criativa e denotadora da capacidade de combinar elementos extra lingüísticos, as terminações *vitch* e *goroff*, num composto fluente e, ao mesmo tempo, estranho em que a idéia de excitação nervosa manifestada pelo balançar de pés calçados (de sapatos) durante uma partida de xadrez é articulada, através dos sufixos remetendo à língua russa, com a habilidade e inteligência calculista dos enxadristas

iugoslavos. A tradução realiza uma transcrição dos termos e não propõe equivalentes em inglês capazes de transmitir tais idéias nem tampouco o esmero poético da palavra.

39.

a) “(...) *sobrecruzou* a crista (...)” (idem: p. p. 197)

b) “(...) it *crossed* the ridge (...)” (idem: p. 150)

COMENTÁRIO: a junção aparentemente simples da preposição à guisa de sufixo *sobre-* ao verbo *cruzar* transmite idéia de altura, de travessia aérea, de passar por cima de, intensificada. Tal não ocorre no TLC em que o equivalente tradutório *crossed* oferece apenas a idéia de “cruzar”.

40.

a) “(...) rasgados *quasemente* (...)” (idem: p. 206)

b) “(...) reaching *almost* (...)” (idem: p. 157)

COMENTÁRIO: a função enfática efetuada pela pós posição do sufixo *-mente* a outro advérbio, dando a idéia de “faltou só um pouquinho” perde-se na tradução que opta por traduzir o item apenas por *almost* (quase)

41.

a) “(...) um *infinitesimalzinho* irregulares; (...)” (idem: p. 206)

b) “(...) and the *tiniest* mite askance.” (idem: p. 157)

COMENTÁRIO: palavra belíssima, de uma delicadeza marcante utiliza o diminutivo *-zinho* para criar essa característica de alto valor afetivo no TLP, valor afetivo que em parte é recuperado pelo adjetivo no superlativo *tiniest* (pequeníssimo), mas que não tem a mesma aura poética que seu correspondente no TLP, em virtude da utilização desviante do sufixo diminutivo junto a uma base em que normalmente não ocorre.

42.

a) “O Agripino, *rubicundo*, (...)” (idem: p. 210)

b) “Agripino, *furious*, (...)” (Idem: p. 160)

COMENTÁRIO: criação por analogia a *rubicundo* (vermelho, ruborizado) a partir de uma forma arcaica de *raivai*, *rabia* (Cf. Martins: 2001) em que uma intensa elaboração dos recursos da língua, um rebuscamento lingüístico que não transparece na tradução do termo do TLP por *furious* (furioso), termo de uso corrente na língua inglesa.

43.

- a) “Tudo macio e *escorregoso*.” (idem: p. 217)
- b) “Everything smooth and *slippery*.” (idem: p. 166)

COMENTÁRIO: a utilização incomum de um sufixo de uso corrente na língua transforma palavras desgastadas pelo uso e signos renovados, movidos por uma nova força lingüística, como é o caso de *escorregoso*, cuja forma de uso mais corrente é *escorregadio* mas que foi revitalizada pelo uso do sufixo adjetival *-oso* que, normalmente não se associa à base verbal *escorregar*. Essa inovação lingüística, esteticamente motivada, desaparece quando da tradução do referido item lexical do TLP por *slippery*, estando este último no mesmo nível de palavra de uso corrente de *escorregadio*.

44.

- a) “(...) e se curou de um *mal-de-engasgo* (...)” (idem: p. 242)
- b) “(...) and was cured of an *obstruction of the throat* (...)” (idem: p. 185)

COMENTÁRIO: a locução substantiva forma pela junção dos elementos substantivo e preposição “mal-de” mais o substantivo *engasgo* criam um substantivo composto de valor cômico, pois os dois primeiros elementos são freqüentemente utilizados no vocabulário médico para designar doença, como por exemplo em Mal de Alzheimer, Mal de Hansen, etc., mas o segundo não, estando muito mais próximo do popular. O termo do TLP cria uma imagem de erudição vazia, de “palavrório” e a tradução não logra criar essa mesma idéia/imagem pois se utiliza de uma locução muito mais próxima do técnico, do objetivo que, salvo melhor juízo, perde a comicidade, a saber “obstrução da garganta”.

45.

- a) “(...) que vão *corre-correndo, pernilongando* sobre a casca da água (...)” (idem: p. 244)
- b) “(...) that go *skim-skimming* over the surface of the pool (...)” (idem: p. 187)

COMENTÁRIO: a primeira formação neológica do TLP, *corre-correndo*, associa dois verbos em tempos diferentes (presente do indicativo e gerúndio, respectivamente) para dar a idéia de rapidez e leveza e, a segunda, parte do substantivo *pernilongo* acrescido do sufixo verbal de gerúndio *-(a)ndo* para dar a idéia de leveza do inseto pernilongo. As duas formações em associação criam uma imagem apropriadíssima, revelando uma

combinação de esmero lingüístico com artifício artístico. A tradução logra uma aproximação bastante criativa com o uso de *skim-skimming* (roçar-roçando; tocar-tocando de leve), embora perca parte da idéia ao suprimir o segundo termo do TLP, que faz referência mais específica ao tipo de aranha que está sendo descrita.

46.

a) “(...) eles são *mesmeiros* despóticos (...)” (idem: p. 244)

b) “For they are *specialized* despots, (...)” (idem: p. 187)

COMENTÁRIO: adjetivo ilustrativo formado a partir do advérbio *mesmo* modificado pelo sufixo *-eiro* no plural, indicando o caráter comportamental dos cães: repetidores inconvenientes e pouco afeitos a mudanças. A tradução utiliza um termo que reproduz em parte a idéia de repetição, *specialized* (especializado), mas que carrega muito mais o traço significativo de aprimoramento de técnica do que repetição enfadonha e sufocante; além de não revelar nenhum trabalho de inovação lingüística.

47.

a) “(...) – que eu ia do mais esquecido, *tropica-e-cai levanta-e-sai*, (...)” (idem: p. 245)

b) “(...) I was moving along without a thing on mind, *stumbling, not even looking where I went*, (...)” (idem: p. 187)

COMENTÁRIO: ambos os neologismos deste trecho revelam uma associação de idéias muito particular e um trabalho estilístico notável em que até uma certa rima se percebe na seqüência de palavras compostas, evocando perfeitamente a imagem do andar sem a percepção da visão. A expressão explicativa empregada no TLC transmite a idéia de não poder contar com o auxílio da visão mas perde o valor poético e a força da imagem reforçada pela “rima” das seqüências do TLP.

48.

a) “(...) bem por *detrasinho* de mim: (...)” (idem: p. 245)

b) “(...) well *behind* me: (...)” (idem: p. 187)

COMENTÁRIO: a preposição *detrás* sufixada pelo diminutivo *-inho* transmite um idéia de precisão que se perde na tradução por *behind* que significa simplesmente “atrás, detrás” e, principalmente por conta de o item no TLP Ter sido criado em razão

de uma motivação estética, não havendo tal motivação no item correspondente do TLC.

49.

a) “(...) uma folha *cheirã* (...)” (idem: p .251)

b) “(...) a *fragrant leaf* (...)” (idem: p. 193)

COMENTÁRIO: formação neológica que remete ao idioleto de Guimarães Rosa que usa com frequência o sufixo *-ã*, comum na flexão do feminino de substantivos terminados em *-ão*, em lugar de outros sufixos adjetivais tais como *-oso*, *-ante*, *-vel*, etc.(Cf. Martins, 2001). Esse desvio lingüístico marca de estilo do autor desaparece na tradução com o uso de *fragrant* (fragrante, cheiroso, perfumado) que não revela qualquer traço de modificação estilisticamente motivada.

50.

a) “(...) a porta da *gruta-cofre* (...)” (idem: p. 254)

b) “(...) the *cave swing wide*.” (idem: p. 195)

COMENTÁRIO: a composição dos substantivos *gruta* mais *cofre* obviamente remete à história folclórica árabe de Ali Babá e os quarenta ladrões, operando uma interessante intertextualidade, reveladora de um trabalho pensado e intencional de uso dos recursos lingüísticos com funcionalidade estética. No TLC tal reflexão pré uso dos recurso lingüísticos parece inexistir, pois *cave* remete somente à gruta mas não tem em si associada a idéia de esconderijo de tesouros, perdendo-se aí parte da intertextualidade que só não se dilui por completo por conta de haver na seqüência imediatamente antes a frase símbolo de Ali Babá: “Open, Sesame” (Abra-te, Sésamo).

Após essa ilustrativa amostragem de itens traduzidos, é possível perceber-se que a tradutora H. de Onís construi um texto língua de chegada facilitador de leitura para o público norte-americano. Sua preocupação primordial centralizou-se na comunicação do conteúdo o mais fluente possível, contornando obstáculos lingüísticos e culturais e traduzindo termos que causam estranhamento mesmo no leitor texto língua de partida.

Em sua nota introdutória, Harriet de Onís aponta suas dificuldades com relação à tradução de *Sagarana*, sendo a primeira delas com relação ao engenho por detrás da escolha das palavras:

My problem throughout this translation has been the studied wildness of words the author has sought in his effort to eschew the conventional, the hackneyed, as well as the special nuance with which he has invested many of his terms and phrases. (op. cit., p. xi)

A tradutora possuía aquela simpatia no sentido grego do termo a qual se refere Spera (op. cit.) para a leitura do texto roseano: era uma admiradora, uma apaixonada por *Sagarana*, sendo por seu intermédio que o autor chegou ao conhecimento da Editora Alfred Knopf, na qual a tradutora fazia parte do corpo de conselheiros, e foi, pela primeira vez publicado nos Estados Unidos (Verlangieri, 1994).

Em seu interessante artigo, Verlangieri (Id.) traça um roteiro da entrada de Guimarães Rosa no mercado editorial norte-americano e sua relação com Harriet de Onís. Baseando-me neste texto, pude perceber que a tendência nacionalizadora, nos termos de Venuti, da tradutora se confirma partir dos seguintes fatores:

- a) até a meados da década de 60 havia muito pouca literatura brasileira publicada, via traduções, nos Estados Unidos;
- b) a complexidade do português do Brasil e as respectivas implicações culturais, ecológicas, etc.;
- c) a primeira obra do autor traduzida para o inglês foi justamente *Grande sertão: veredas*, cuja complexidade linguagem impressiona até o leitor brasileiro.

A idéia que desejo delinear aqui é a de que o público leitor norte-americano, tendo pouquíssimo contato com a literatura brasileira e fazendo parte de uma cultura hegemônica que tende a minimizar os países periféricos e tratar suas respectivas culturas sempre do ponto de vista do turista e m face do exótico, posicionou-se de maneira não muito positiva diante da tradução de *Grande sertão: veredas*. Embora os críticos de certa forma tenham apreciado a tradução, como aponta Verlangieri (Ibid., p. 146-7) o sucesso da tradução não ocorreu. Alguns estudiosos e pesquisadores da área teceram críticas desfavoráveis à tradução:

Efetivamente, os críticos que conhecia o original queixaram-se do ‘estilo convencional’ empregado pelos tradutores. Para Harvey L. Johnson, da

Universidade de Houston, a tradução era *fluente, mas não preservava ‘o tom da linguagem original com o colorido de suas imagens’*, embora ele reconhecesse que transpor ‘o sabor exato das expressões idiomáticas, provérbios, arcaísmos e palavras cunhadas pelo autor’ seria uma tarefa quase ‘sobre-humana’. Claude L. Hulet, professor da Universidade da Califórnia, lamentou que ‘a parte mais notável’ do livro, ‘o manejo talentoso da linguagem, tão inventiva, flexível, dinâmica e sugestiva’ transparecia ‘apenas vagamente’ na tradução, reconhecendo, porém, que a ‘prosa de Rosa, um marco na linguagem literária do Brasil’, era ‘muito difícil de ser traduzida’. Na crítica que tanto aborrecera a Mr. Knopf, o prof. Grossman se perguntou como alguém poderia traduzir um livro ‘em que há uma união tão completa de conteúdo e estilo’ e sugeriu que os tradutores poderiam ter tentado ‘inventar um estilo em inglês com um sabor tão próximo do português de Guimarães Rosa quanto possível’, ao invés do ‘estilo convencional’ adotado, que ‘drenara muito do seu colorido’. Embora admitindo que, no primeiro caso, o resultado poderia ter sido tanto ‘brilhante’ quanto ‘desastroso’.

O próprio Rosa, em carta a seu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason também aponta para essa “facilitação”, essa “linguagem convencional” que diminuiria a grandeza estética de sua obra:

Naturalmente, eu mesmo reconheço que muitas das ‘ousadas’ expressões têm de ser perdidas, em qualquer tradução. O mais importante, no livro, o verdadeiramente essencial, é o conteúdo. A tentativa de reproduzir tudo, tudo, tom a tom, faísca a faísca, golpe a golpe, o monólogo do sertanejo exacerbado, seria empreendimento gigantesco e chinesamente minuciosíssimo, obra de árdua *recriação*, custosa, temerária e aleatória. Sei que nem o editor, nem o tradutor, nem o autor, podemos correr esse risco. **E, pensando assim, reconheço também que temos de fazer sacrifícios. Mas, não tanto quanto os que se verificam na tradução americana. Acho que eles simplificaram demais, em certas passagens. Principalmente cortaram muita coisa boa e muita coisinha importante.** (op. cit., : p.147)

A tentativa de tornar o texto fluente para o inglês eliminou de *Grande sertão: veredas* fundamentais traços de estilo e poeticidade que colaboraram para um decréscimo da qualidade estética da obra em sua tradução para aquele idioma. A tradutora Harriet de Onís trabalhou inicialmente na tradução da referida obra e, um ano depois, em razão de variados motivos, passou-a para o prof. James L. Taylor. Após um ano participou das provas finais e revisões.

Os reverses da experiência com a tradução de *Grande sertão: veredas* não necessariamente podem ser apontados como fatores negativos e que teriam levado, quando da tradução dessa obra em específico e da de *Sagarana* posteriormente, a uma tradução nacionalizadora. Na realidade a linguagem do autor, elevada a um dos seus mais altos expoentes estéticos, em contato com um público que muito pouco sabia da literatura brasileira provavelmente, salvo melhor juízo, causou um impacto prévio nos tradutores que, embora desconhecendo as teorias de Venuti, comungavam, como aponta o estudioso da tradução em seu *The translator's invisibility* (1995), do que este último chamava de orientação nacionalizadora de tradução. Tal argumentação se comprova com o seguinte trecho do texto de Verlangieri (op. cit., p. 148):

A maioria dos críticos e leitores norte-americanos, porém, não conhecia o original. De que critérios dispunham para avaliar a qualidade da tradução? Quando transportados para uma realidade longínqua, essencialmente diversa da sua, desejavam ver acentuada a origem alienígena desta realidade ou, ao contrário, desejavam que a tradução fosse suficientemente adaptada ao seu ambiente lingüístico para criar a ilusão de que a obra fora escrita em próprio idioma e dirigida diretamente a eles?

Harriet de Onís achava (e James L. Taylor, provavelmente, também) que os leitores norte-americanos se incluíam no segundo caso, e que suas traduções deviam ‘evocar para o leitor inglês a emoção do original, mas de forma a que não parecessem traduções’.

Este trecho é muito esclarecedor da postura da tradutora e, embora não tenha tido acesso à correspondência entre esta última e Rosa, a análise do texto traduzido *Sagarana: a cycle of stories*, leva a crer que o privilégio do conteúdo tenha sido

motivado pela tentativa de adaptar ao gosto de leitor norte-americano a prosa roseana. Em verdade, a tradução de *Sagarana*, embora de cunho nacionalizador, segundo as análises e reflexões realizadas até o momento neste trabalho, é uma tradução que oferece pequenos lances de inventividade e criação da parte da tradutora como os casos encontrados nos itens **20** (*sujigola – chinstraps*), **27** (*conviajando – fellow-travelling*) e **45** (*corre-correndo, pernilongando – skim-skimming*), arrolados no presente capítulo; além de outros mais, tais como: a) *desgraçadinho – poor little devil*; b) *novidadeiro-espião – news-bearing secret agent*; c) *velho-velhoso – oldish old*; e d) *Ó colossalidade – Oh, Colossality*. Em tais exemplos a tradutora não somente capta o uso dos recursos da língua utilizados pelo autor no TLP como também identifica recursos em sua própria língua para reconstruir os itens lexicais neológicos no TLC.

Como já afirmado anteriormente neste trabalho, a língua inglesa dispõe de recursos para criações neológicas tanto quanto o português, mas questão aqui não refere-se à disponibilidade ou não de recursos lingüísticos; refere-se pois à orientação tradutória adotada pelo tradutor e a concepção de tradução e papel do tradutor em face de um contexto lingüístico-cultural que gerenciam a articulação do contato com o TLP e suas implicações como um todo, refere-se à articulação/utilização dos recursos do complexo língua-cultura de chegada em íntima e estreita intertextualidade com os do TLP e, por fim, refere-se à posterior tradução produtora do TLC.

Dentro desta perspectiva de leitura/análise, na condição de iniciante nos estudos da área da Tradução, percebo que escopo tradutório de Harriet de Onís orientou-se da seguinte maneira: **Para que traduzir?** Para levar ao leitor norte-americano um texto cuja leitura provoque nele emoções (talvez desperte nele a mesma paixão e simpatia que despertou na própria tradutora) mas que lhe pareça natural, que não lhe causa muito estranhamento. **Para quem traduzir?** Para um público que diante do estranho, do não familiar à sua cultura tende a ser refratário, portanto havendo necessidade de “adequações” lingüísticas e culturais de modo geral.

A tradutora, em sua nota, comenta que

(t)he translation of *Sagarana* has not been easy. I have been in constant communication with the author, and at the times I felt like a sick-bay

steward delivering a baby by radioed instructions from the doctor on land. (op. cit., p. xvi).

Desta forma, apesar de toda sua simpatia pela obra, a tradução de *Sagarana* constituiu uma tarefa árdua e complexa: ela tinha plena consciência do profundo conhecimento, intimidade e domínio da palavra detido por Guimarães Rosa e admirava-o justamente por isso, mas sabia também que a empreitada de traduzi-lo a levaria a entrar em contato com um mundo desconhecido, com uma atmosfera carregada de outro ar, com outros odores, com outras cores e que de sua leitura dependia a leitura de muitos outros

Assim, movida pela tradição cultural norte-americana de traduções nacionalizadoras, influenciada em maior ou menos grau pela experiência da tradução de *Grande sertão: veredas* e positivamente apoiada pelo autor, Harriet de Onís concretizou a tradução de *Sagarana*, com o objetivo de ser essa tradução (objetivo também compartilhado pelo autor) uma obra que superasse a precedente. O livro foi um sucesso de crítica e de vendas, conforme as palavras de Verlangieri (op. cit.,p. 150-1):

Dois meses depois de sua publicação, o livro já era incluído pela *The New York Times Book Review* em sua ‘Selection of Books for Summer Reading’, uma lista dos melhores entre aproximadamente sete mil e quinhentos títulos publicados nos Estados Unidos no primeiro semestre de 1966. Um ano depois, em maio de 1967, Mrs. de Onís recebeu por esta tradução o maior prêmio a que um tradutor podia então aspirar em seu país: o ‘Pen Translation Prize’ (Prêmio de Melhor Tradução do Pen Club), referente ao ano de 1966.

A crítica tecida até agora não se fundamenta na “boa” ou “má” qualidade da tradução realizada por H. de Onís, mas nos procedimentos de tradução por ela escolhidos e como se refletiram no TLC, segundo uma leitura funcionalista que se opõe a invisibilidade do tradutor e que entende dever a tradução literária dar-se no âmbito da recriação, nos termos de Haroldo de Campos (op. cit.), dentro de uma

mediação parcial do tradutor, nos termos de Hatim e Mason (op. cit.), dentre outros. Assim compreendo que as opções tradutórias de H. de Onís revelam uma postura de tradutor que privilegiou o sentido e não forma para tornar a leitura da obra o mais agradável possível para seu público leitor, mesmo que com isso tenha pedido muita coisa boa e muita coisinha importante, nas palavras de Rosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tem por objetivo geral compreender como a tradutora Harriet de Onís solucionou o problema de traduzir os neologismos esteticamente motivados do texto *Sagarana* de Guimarães Rosa e a concretização desse objetivo exigiu a subdivisão daquele primeiro em partes as quais constituem os quatro capítulos apresentados neste trabalho. A partir dessa análise, acredito ter realizado um estudo cujos resultados atendam as exigências impostas pelo referido objetivo e que possibilitem, acima de tudo, o crescimento de um iniciante na área da tradução.

Antes de mais nada, quero reafirmar que a compreensão do trabalho de Harriet de Onís não implica, de minha parte, um juízo, mas sim em uma produção de significados diversos a partir de uma conjuntura de leitura diversa da dela.

No primeiro capítulo, propus-me discutir os conflitos e contradições inerentes e implícitos à tradução para tentar compreender como ocorre o processo tradutório e os fatores nele implicados. Este recorte analítico viabilizou-me constatar que há uma recorrência quanto à dicotomia tradução literal vs. tradução livre e que, diacronicamente, as denominações dadas a ambas, respectivamente, variava de acordo com a tradição e com as convenções social, cultural, política, econômica e artisticamente estabelecidas. Em segundo lugar, constatei que a concepção de realidade e de realidade do texto, como tudo concernente ao ser humano, é uma construção mental subordinada às condições mencionadas neste parágrafo para afirmar a existência do homem e manter sua integridade material, mental e espiritual neste planeta. E, em terceiro, que a tradução é uma leitura/produção de texto ocorrente entre dois complexos língua cultura realizada por leitor bi-plurilingüe posicionado como mediador ativo e criativo em uma relação de intertextualidade, orientado por uma ideologia e limitado pelo escopo de tradução (para quê e para quem) ao qual ele, o tradutor, subordina a si, o autor, o texto-oferta, o texto traduzido e o leitor texto língua de chegada. O tradutor, desta forma, deixa de ser um mero coadjuvante no processo tradutório e passa a ocupar o papel central na produção textual e o texto-oferta, sem ver diminuída ou abalada sua qualidade de obra de arte, ganha pelo enriquecimento

oferecido por uma nova obra a si ligada por uma relação de intertextualidade, tendo cada uma, por direito e mérito próprios, o seu valor.

No segundo capítulo, a análise focou a constituição da estrutura textual da obra de Guimarães Rosa, especialmente no que diz respeito à produção-recepção do texto, segundo uma ótica lingüístico-literário. O texto constitui-se, a priori, em um conjunto de traços e elementos interdependentes e auto-reguladores, cuja mola mestra é a relação significante/significado (designação e sentido, em nível de texto – parole), cabendo ao significante o papel de norteador do processo. É sempre a partir da relação do leitor com o significante que se constitui o signo lingüístico no ato da leitura e o significado constitui-se numa decorrência dessa fusão de horizontes; a constituição do signo lingüístico, no ato da leitura, remete às forças internas do textos e orienta o leitor em razão não do conteúdo, mas por serem os significantes a matéria-prima da leitura que é transformada em signo quando da aplicação das estratégias e mecanismos de leitura do leitor, inerentemente imbuído de uma ideologia, de uma concepção de mundo/realidade e de uma concepção de texto, de texto literário, de autor, de arte e de leitor. Desta forma o leitor sai da posição de mero decodificador submisso aos ditames de um autor e seu texto e passa a dividir com o autor as glórias da obra de arte justamente porque sem sua participação obra nenhuma se concretiza ou tem valor e razão de ser.

O neologismo, segundo essa perspectiva e enquanto significante também, é entendido não como um recurso meramente designador de fatos, acontecimentos ou seres, mas instituidor de uma nova realidade, criatura cujo elemento de criação constitui-se em uma sofisticação do pensamento, numa espécie de avanço não no sentido corriqueiro de melhor mas no de diferencial inovador e estético, belo.

E Guimarães Rosa, segundo essa análise, constitui-se em um arqui-sofisticado criador de realidades por ser capaz de unir o novo e o velho num mesmo corpo, por resgatar a dimensão mágica da linguagem humana e por destacar a condição sobretudo social e lingüística da vida. As forças que operam em sua obra surgem não necessariamente do enredo, mas da forma delicada e complexa como une as idéias e as transforma, recria e cria, trazendo aos olhos do leitor uma outra história, uma nova possibilidade de ver os fatos, as pessoas, enfim, um pequena revolução do padrão e da

norma somente passível de ser empreendida por um profundo dominador e conhecedor da língua e da forma como esta se insere, influencia e é influenciada por seus falantes.

No terceiro capítulo propus-me uma análise da formação vocabular para compreender como são criados os neologismos e como podem ser inseridos e articulados no texto. Os processos de criação vocabular utilizados para a criação de um neologismo são os mesmo utilizados para a criação de qualquer palavra: derivação e composição, ou seja, combinação de **radical + afixo(s)** e/ou **radical +radical (+afixo(s))**. O diferencial no neologismo é sua motivação, sua utilidade/utilização. No caso de *Sagarana*, a criação neológica surge como recurso estilístico, como inovação estética e não meramente designadora, pois a intenção subjacente à sua criação está orientada para a construção de um texto literário, que resgate a beleza do linguajar regional de um povo, levando ao leitor um universo de cores, cheiros e sabores, sentimentos e pensamentos, enfim, a cultura do sertão mineiro.

No quarto e último capítulo tentei unir os subsídios obtidos nos três capítulos anteriores no desenvolvimento de uma análise comparativa dos dois textos, a saber o texto língua de partida e o texto língua de chegada, da qual eu pudesse inferir as motivações das soluções tradutórias de Harriet de Onís. O recorte de análise foram os neologismos não constantes da edição do Novo Aurélio, classificados de acordo com três critérios: o de formação vocabular (derivação e composição), o de classificação etnolingüística (cultura ecológica, cultura material, cultura lingüística, cultura social e cultura religiosa) de Nida e o de modalidades de tradução Vinay & Dalbernet revisto por Aubert.

Esse conjunto de critérios levou-me a perceber, num primeiro momento, que a tradutora havia privilegiado em sua tradução a veiculação do conteúdo em detrimento da forma estética. Seguindo essa impressão inicial, tabulei os dados referentes a cada formação neológica e constatei que a tradutora deu preferência a modalidades tradutórias oblíquas (77%) em comparação às modalidades diretas (23%). Essa tendência mostra que o texto língua chegada foi articulado de modo a oferecer uma leitura mais facilitadora para o leitor do complexo língua-cultura de chegada, como sugere Aubert (op. cit.)

Essa tendência facilitadora não se revela necessariamente só porque a tradutora preferiu ser menos “literal”, mas porque seu escopo de tradução, segundo as leituras, análises e reflexões realizadas ao longo do trabalho, visava oferecer ao leitor norte-americano o prazer de ler um dos autores brasileiros mais celebrados internacionalmente como se fora norte-americano, esbarrando, assim, na dificuldade de transcriber em inglês terminologias e arranjos morfossintáticos muito peculiares, intensamente impregnados da atmosfera e povo local, como sugerem os dados relativos à classificação etnolingüística no quadro demonstrativo da página 120. Esse fator limitador e dificultador fica bem claro em sua nota ao afirmar sentir-se como uma atendente de bordo enjoada realizando um parto que recebia as orientações médicas via rádio: sua predisposição para trabalho e sua dedicação foram imensas, mas a imposição de uma realidade completamente diferente ou exótica, fez com a tradutora, salvo melhor juízo, tenha optado por uma tradução em favor do conteúdo e não da forma.

Claro está que traduzir forma necessariamente constitui tarefa da mais ingratas e desgastantes, cujos resultados são muito variáveis, remontando àquele conflito da impossibilidade inerente da tradução vs. sua necessidade absoluta. Apoiado na premissa de que a tradução se dá em nível de texto e não de língua, lembro que a orientação do tradutor consiste em fator decisivo na elaboração de texto criativos, como quer Haroldo de Campos (op. cit.).

O tradutor, como leitor privilegiado, bi-plurilingüe, tem a capacidade/habilidade de penetrar dois complexos língua-cultura distintos e estabelecer pontos de comunicação que criam **campos de traduzibilidade** nos quais ele pode lançar mão de inúmeros recursos tradutórios para compor seu texto-tradução. Seguindo essa idéia de campos de traduzibilidade, estabeleci que o texto de Guimarães Rosa consiste em primeiro lugar em um texto estético; em segundo, que um dos elementos mais materializadores/caracterizadores de estilo do autor eram os neologismos; e, em terceiro lugar, que tal autor, mesmo quando lido por falantes de Língua Portuguesa, causa estranhamento por conta de sua linguagem brilhante, diferencial, inovadora e fascinante.

Definido esse campo de tradução, analisei as soluções tradutórias de H. de Onís e pude, reiteradamente, constatar que havia uma tendência para traduções em favor do conteúdo, do enredo da história e não necessariamente da forma como a história foi contada. Retomando a idéia de que é a partir da relação entre leitor e significante, em princípio, que se dá o ato da leitura e da importância altamente relevante do neologismo enquanto fator esteticamente motivado, entendo que a “lapidação” do significante no texto língua de chegada deva ser privilegiada, antes do conteúdo em si.

Vale lembrar, neste momento, o texto de Ramos (Ibid.) que aponta o estudo de traduções e de como outros tradutores procederam em seus trabalhos como fatores preciosos no entendimento e na tomada de decisões quando da efetivação de uma tradução. O exemplo de Berthold Zilly (MACHADO; ARBEX; HIRSCH, 1997, p. 114), relativo à tradução de palavras culturalmente marcadas em sua tradução de *Os sertões*, ilustra bem a idéia de Ramos :

(...) Acho que não fui muito criativo, segui exemplos de outros, de predecessores. Estudei os procedimentos deles. Os etnólogos, os viajantes, os cientistas naturais, e mesmo os historiadores tratam de uma realidade que não é a da língua de chegada. Quando os viajantes, os cientistas e os jornalistas já haviam criado uma tradução, eu a mantinha.

Há, ainda, a possibilidade da realização de projetos cooperativos entre tradutores e falantes nativos dos complexos língua-cultura de partida, como aludido por Verlangieri (1994) e mesmo por Nida (op. cit.).

Segundo essas possibilidades de soluções para os obstáculos pertinentes à tradução de textos literários e/ou culturalmente marcados, a escolha da perspectiva de produção vocabular subjacente aos neologismos aludida anteriormente poderia perfeitamente fazer parte da orientação de tradução de H. de Onís, fazendo com que seu texto ofereça-se ao leitor do TLC um pouco mais da alteridade do TLP; e, salvo melhor juízo, foi sobre este ponto que a tradutora não se deu conta: o ponto de que, por o seu país ocupar uma posição hegemônica e dominante no cenário internacional, ela, involuntária e inconscientemente, partilhava da orientação nacionalizadora/etnocêntrica, presente nos últimos trezentos anos de história na área

da tradução, apontada por Venuti (1995); e que essa tendência facilitadora consiste tão-somente em uma forma de incorporar ao horizonte do leitor norte-americano textos traduzidos de acordo com uma ótica ideológica favorável a de seu próprio país, minorando e/ou destruindo a alteridade do texto língua de partida. Nas palavras de Berthold Zilly (Id., p. 115), “(n)ão se deve explicar tudo. A estranheza e a incompreensibilidade de certos termos fazem parte da qualidade estética do texto.”; a alteridade do texto, portanto, precisa ser mantida pois vincula-se profundamente ao fator estilístico e estético caracterizador da obra de arte.

Admitindo que o contexto de leitura/recepção e produção tradutória de H. de Onís e os meus próprios são diversos pela natureza do ato da leitura em si, que o papel do tradutor é decisivo no processo tradutório, que a realidade é uma construção mental do ser humano e que uma tradução deve estar orientada por um escopo de tradução posso afirmar que a) compreendi de forma inicial o processo de produção textual e tradução estão intimamente ligados, partilhando tanto um quanto outro de praticamente os mesmos elementos de construção, havendo um diferencial no texto traduzido concernente a sua interdependência para com o texto-oferta sem que, entretanto, isso diminua seu valor, pois a intertextualidade é uma característica inegável de todo e qualquer texto, independentemente de serem traduzidos ou não; b) a tradução, ainda que aparentemente presa ao paradoxo inerentemente impossível mas absolutamente necessária, constitui um fato real e sua realização seria melhor empreendida definido-se o escopo de tradução e os campos de tradução para estabelecer o contato entre texto-oferta e texto-tradução e equilibrar, dentro de um mesmo texto se necessário for, posicionamentos literais, livres ou ambos, como sugere Reiss (Ibid.); e c) que este estudo é inicial e não definitivo, pois há ainda muito a se fazer relativamente à tradução dos neologismos de *Sagarana*, indo de reflexões mais amplas e profundas sobre o papel da tradutora, passando por sugestões concretas de tradução específica dos neologismos ou mesmo a realização de uma nova tradução da obra como um todo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADRIANO, C. A angústia das inadaptações. *Cult 43: Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial, p.61-3, fevereiro/2001.
- ALIANDRO, H. *Great dictionary, portuguese-english, english portuguese*. Rio de Janeiro: RRP Editorial Ltda., 1977
- ALVES, I. M. *Neologia: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.
- ARROJO, R. *Oficina de tradução: a teoria na prática*. São Paulo: Ática, 1992a.
- _____. (Org.) *O signo desconstruído: implicações para a tradução, a leitura e o ensino*. Campinas: Pontes, 1992b.
- _____. A quem são fiéis os tradutores e críticos da tradução? – Paulo Vizioli e Nelson Arscher discutem John Done. In: ARROJO, R. *Tradução, Desconstrução e Psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago Ed. 1993, p. 15-26
- AUBERT, F. H. Etapas do ato tradutório. In: *Tradução & Comunicação*. (1) 1, São Paulo: Álamo. p 13-24, 1981a.
- _____. Descrição e quantificação de dados em tradutologia. In: : *Tradução & Comunicação*, 2. São Paulo: Álamo. p. 71-82, 1981b.
- _____. *As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor*. 2 ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994
- _____. Tipologia da tradução: o caso da tradução juramentada. In: AUBERT, F.H. *Tipologia e procedimentos de tradução*. São Paulo: USP, 1998a.
- _____. Modalidades da tradução: teoria e resultados. *TradTerm*. 5(1), p.99-128, 1^o semestre de 1998b.
- BAKER, M. *In other words: a coursebook on translation*. London: Routledge. 1992, p. 217-60.
- BASÍLIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- CAMACHO, R. G. Norma, ideologia a e a teoria da linguagem. *Alfa*, São Paulo, 25: 19-30. 1981
- CAMARGO, D. C. As modalidades de tradução e o texto literário. In: *TradTerm*, 3,

1996, p.27-33

- CAMPOS, G. A alma boa de Setsuan (Bertolt Brecht). In: *Tradução & Comunicação* (2) – A tradução da grande obra literária (Depoimentos). São Paulo: Álamo. p 30-46, 1981.
- _____. *O que é tradução*. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMPOS, H. de. Da tradução como Criação e como Crítica. In: *Metalinguagem*. Petrópolis: Vozes. 1967, p. 21-8
- CARDOSO, Z. A. Linguagem poética e tradução. In: *Tradução & Comunicação*. (1) 1, São Paulo: Álamo. Dez/1981. p 122-8
- CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1986.
- CARVALHO, N. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- CASTELLANOS, G. Coherence and stream-of-consciousness writing: a pedagogical reading of “The Jilting of Granny Wheatherall”. English Teaching Forum, January 1987.
- CHALHUB, S *A metalinguagem*. São Paulo: Ática, 1986.
- _____. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 1987.
- CATFORD, J.C. *Uma teoria lingüística da tradução*. São Paulo: Cultrix; Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1980
- CORREIA Fº, J. Relembanças de Seu Zito. *Cult 43: Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial, p.50-5, fevereiro/2001
- COSERIU, E. O certo e o errado na teoria da tradução. In: *O homem e a linguagem*. Trad. de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. São Paulo: USP, 1982. p.155-71.
- CUNHA, C. F. da. 1917 – 1989. *Gramática da Língua Portuguesa*. 12^a Ed. – 3^a Tir. Rio de Janeiro: FAE, 1992.
- COUTINHO, E. F. (Org.) *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Editora civilização Brasileira, 1983.
- DANIEL, M. L. *João Guimarães Rosa: Travessia Literária*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1968
- DELILLE, K. H. et al. Problemas de tradução literária. Coimbra: Livraria Almedina. 1986.

- ELIAS, M. C. Os não lugares de Rosa. *Cult 43: Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial, p.48-9, fevereiro/2001
- FRAWLEY, W. (Ed.) *Translation – Literary, Linguistic, and Philosophical Perspectives*. Newark: University of Delaware Press, 1984.
- GADAMER, H-G. *Truth and methods*. Garred Barden, John Cuming. New York: Seabry Press, 1975.
- GARCIA-LANDA, M. Análisis del concepto de traducción. In: *Tradução & Comunicação*. (1) 1, São Paulo: Álamo. Jul/1984. p. 59-69.
- GNERRE, M. Linguagem, poder e discriminação. In: *Linguagem, escrita e poder*. São Paulo: Martins Fontes. 1985, p. 3-24
- GUILBERT, L. *La créativité lexicale*. Paris: Librairie Larousse, 1987.
- HATIM, B. e MASON, I. *The translator as communicator*. London: Routledge, 1997.
- HAYES, C.W. Linguistics and literature: prose and poetry. In: HILL, A.A. (Ed.). *Linguistics*. Washington DC UOA, Forum Lectures, 1969
- JAKOBSON, R. Aspectos lingüísticos da tradução. In: JAKOBSON, R. *Lingüística e comunicação*. Trad. Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix. 1995, p. 63-72
- KIRALY, D. C. Pesquisa sobre o exercício da tradução em sala de aula. *TradTerm*, 5 (2), p. 23-40, jul./dez 1998,
- LABOV, W. The Logic of Nonstandard English. In: *Language in the inner city*. Philadelphia: U. of Pennsylvania Press. 1978
- _____ Estágios na aquisição do inglês *standard*. In: FONSECA, M.S.V. & NEVES, M. F. (Org.) *Sociolingüística*. Rio de Janeiro: Eldorado. 1974, p. 49-85
- LEFEVRE, C. A. *Linguistics, English and the language arts*. Boston: Temple University – Allyn and Bacon, Inc., 1970.
- LUFT, C. P. *Moderna gramática brasileira*. 8.ed. Rio de Janeiro: Globo, 1987.
- MACHADO, M. T., ARBEX, P. e HIRSCH, I. Entrevista com Berthold Zilly. *Cadernos de Literatura em Tradução* n. 1, p. 111-126. (Entrevista concedida em 11 de setembro de 1997)

- MAGALHÃES, C. M. Haroldo de Campos e o sujeito da tradução monstruosa. *TradTerm*, 5 (2), p. 11-22, jul./dez 1998.
- MARTINET, J. A noção de norma em lingüística. In: *Da teoria lingüística ao ensino da língua*. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico. 1979, p. 87-97
- MARTINS, N. S. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.
- MASCHERPE, M. e ZAMARIN, L. *Os falsos cognatos na tradução do inglês para o português*. São Paulo: Difel, 1980.
- MICHAELIS: moderno dicionário inglês português, português inglês. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2000.
- MILTON, J. *O poder da tradução*. São Paulo: Ars Poetica, 1993.
- _____. As traduções do *Clube do Livro*. In: *TradTerm*, 3, 1996, p. 47-65
- _____. *Severino in English*. *Cadernos de Literatura em Tradução*, n. 2, 107, 1998.
- MOUNIN, G. *Os problemas técnicos da tradução*. São Paulo: Cultrix, 1975
- NEWMARK, P. *Approaches to translation*. Oxford: Pergamon, 1981.
- NIDA, E. A. Linguistics and Ethnology in Translation Problems. In: *Word*, n. 2. 1945, p. 194-208
- _____. *Toward a science of translation*. Leiden: Brill, 1964
- _____. e TABER. C.R. *The theory and practice of translation*. Leiden: Brill, 1969
- _____. A framework for the analysis and evaluation of theories of translation. In: BRISLIN, R. W. (Ed.). *Translation: applications and research*. New York: Gardner Press, 1976, p. 47-91.
- NOGUEIRA, D. A. A tradução: um processo decisório. In: *Tradução & Comunicação*. (1) 1, São Paulo: Álamo. Jul/1984. p 83-90
- NORD, C. Scopos, Loyalty, and Translational Conventions. In: *Target* 3. 1991, p. 91-109.
- PACHECO, A. P. História, psique e metalinguagem em Guimarães Rosa. *Cult* 43: *Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial, p.42-7, fevereiro/2001

- PASSOS, C. R. P. Desenredos em Guimarães Rosa *Cult 43: Revista Brasileira de Literatura*. São Paulo: Lemos Editorial, p.56-9, fevereiro/2001
- QUIRK, R. *A comprehensive grammar of the English language*. London and New York: Longman, 1989.
- RAMOS, E. S. Barren Lives: análise da transposição cultural. Anais do I Congresso Ibero-Americano de Tradução, Interpretação e Cultura na Era da Globalização. São Paulo: 11 a 19 de maio de 1998, p. 183-90
- REISS, K. Comprender un texto ¿ - Qué significa para el traductor?. In: MATTOS, D. de (Org.) *Estudios de tradutologia*. Brasília: Kontakt. 1981, p. 33-49
- ROSA, J. G. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Editora Record. 1984. (Coleção Mestres da Literatura Contemporânea)
- ROSA, J. G. *Sagarana: a cycle of stories*. Tradução de Harriet de Onís, Prefácio de Franklin de Oliveira. New York: Alfred A. Knopf. 1966.
- RIFFATERRE, M. *Estilística estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.
- _____. *A produção do texto*. Trad. de Eliane Fitipaldi Pereira Lima de Paiva. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ROBINSON, D. *What is translation?: centrifuga theories, critical interventions* Kent, OH.: The Kent State University Press, 1997.
- RODRIGUES, C. C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000
- RÓNAI, P. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro Culturais, 1967
- _____. (Org.) *Seleção de Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1978.
- _____. Mar de histórias (Antologia do conto universal). In: *Tradução & Comunicação (2) – A tradução da grande obra literária (Depoimentos)*. São Paulo: Álamo. p 1-19, 1981
- RONCARATTI, R. G. A. *As modalidades de tradução aplicadas ao conto “The cask of amontillado” de Edgar Allan Poe*. São José do rio Preto: Dissertação de Mestrado, 2000.
- ROSENTHAL, E. T. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1976
- SANDMANN, A.J. *Formação das palavras no português contemporâneo*. Curitiba:

- Scientia et Labor: Ícone, 1988.
- _____. *Morfologia geral*. São Paulo: Cultrix, 1991.
- SANTAELLA, L. *O que é semiótica*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SCHMITZ, J.R. Sobre a tradução e o ensino: o humor levado a sério. *TradTerm*, 5 (2), p. 41-54, jul./dez 1998.
- SILVA, M. do R. G. *Empréstimos do inglês no discurso jornalístico brasileiro*. Assis: FCL/UNESP, 1992. Dissertação de Mestrado.
- SNELL-HORNBY, M. *Translation studies: an integrated approach*. Amsterdam/Philadelphia: Ed. John Benjamins Publishing Company, 1988
- SPEBER, S.F. *Guimarães Rosa: signo e sentimento*. São Paulo: Ática, 1982.
- SPERA, J. M. S. *As ousadias verbais em Tutaméia*. São Paulo: Ed. Arte & Cultura, UNIP, 1995.
- STAUT, L. M. V. Lingüística X Poética – estética da tradução. In: *TradTerm* 1. São Paulo, 1994, p. 81-96.
- STEINBERG, M. *1001 provérbios em contraste*. São Paulo: Ática, 1985.
- STRYKER, S. L. Applied Linguistics: Principles and Techniques. In: *english teaching forum*. Vol. VII – Sep – Oct 1969, n° 5.
- SWAN, M. *Practical English usage*. Oxford: Oxford University Press, 1984.
- TARALLO, F. Aspectos sociolingüísticos da tradução. In: *Tradução & Comunicação*. (1) 1, São Paulo: Álamo. Ju/1984. p 13-24
- TAYLOR, J. L. *Webster's Portuguese-English dictionary*. with corrections and additions by the author and Priscilla Carck Martin. 15^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- THEODOR, E. Traduzir para quê?. In: *Tradução & Comunicação* (2) – A tradução da grande obra literária (Depoimentos). São Paulo: Álamo. s/d. p x-xix
- VÁZQUEZ-AYORA, G. *Introducción a la tradutologia*. Washington D.C. Georgetown University Press, 1977.
- VENUTI, L. *The translator's invisibility*. London: Routledge, 1995.
- _____. O escândalo da tradução. In: *TradTerm*, 3, 1996, p.111-122

- VERLANGIERI, I. V. R. A primeira tradução de Grande Sertão: Veredas. In: MILTON, J., LARANJEIRA, M. e AUBERT, F. H. (Org.) *V Anais do Encontro Nacional de tradutores – Proceedings of the Brazilian translators' Forum*. São Paulo: 1996, p. 139-51.
- VIARO, M. E. Texto sensacionalista: uma análise de uma tradução. *TradTerm*, 5 (2), jul./dez 1998, p. 55-70
- VINAY, J.P. & DALBERNET, J. *Stylistique comparée du français et de l'anglais*. Paris: Les Editions Didier, 1968.
- VOLLET, N.L.R. Nobreza vs. Obscenidade em traduções brasileiras de Hamlet: uma reflexão sobre as relações possíveis entre os tradutores e seu autor. *TradTerm*, 5 (2), jul./dez 1998, p. 71-96
- WANDRUSZKA, M. O bi-lingüismo do tradutor. In: LADMIRAL, J. R. (Org.) *A tradução e seus problemas*. Trad. de Luíza Azuaga. Lisboa: Edições Setenta, 1980, p.157-67.
- WEBSTER'S DICTIONARY. New compact format. New York: ProSales, 1986.
- WILSS, W. *The science of translation: problems and methods*. Stuttgart: Gunter Narr Verlag, Tübingen. 1982.
- ZANOTTO, P.F. *Regras de tradução da voz passiva do inglês para o português*. Dissertação de mestrado. São Paulo: PUC-SP, 1984
- ZANOTTO, P.F. *Tipos de texto e modalidades de tradução*. São Paulo: tese de Doutorado – USP, 1983.

APÊNDICE

NEOLOGISMOS: FORMAÇÃO VOCABULAR, MADALIDADES DE TRADUÇÃO E CLASSIFICAÇÃO ETNOLINGÜÍSTICA

Neste apêndice encontra-se a classificação dos neologismos de *Sagarana* e sua respectiva tradução, organizados em um quadro bilíngüe. Os neologismos do texto de partida (coluna da direita) obedecem aos critérios **1, 2 e 3** de classificação e os respectivos vocábulos do texto de chegada ao critério **4**. Desta forma, pretende-se possibilitar a visualização mais clara das soluções tradutórias, fornecendo material para análises empreendidas ao longo deste estudo e mais especificamente no Capítulo 4. Os critérios mencionados são os seguintes:

1. Os vocábulos estão arrolados por ordem de aparecimento tanto no texto de partida quanto no texto de chegada, grafados em itálico e acompanhados de pequena trecho de texto no qual se inserem, devidamente marcados pela página entre parênteses, estando ainda separados por novela devidamente indicadas pelos títulos.
2. O segundo procedimento de classificação obedece à formação lexical de cada neologismo, a saber derivação e composição, indicadas, respectivamente pelas indicações **DER** e **COMP**.
3. Em terceiro, os vocábulos serão classificados de acordo com o contexto cultural em cinco tipos: ecologia, cultura material, cultural lingüística, cultura social e cultura religiosa, sendo indicados, respectivamente, pelas notações **EC, CM, CL, CS** e **CR**.
4. Em última instância, serão classificados os neologismos de acordo com a escala de Vinay e Dalbernet constituída de treze pontos: omissão, transcrição, empréstimo, decalque, tradução literal, transposição, explicitação/implicitação, modulação, adaptação, tradução intersemiótica, erro, correção e acréscimo; indicados, respectivamente, pelas seguintes referências: **OM, TRANSC, EMP, DEC, LIT, TRANSP, EXPL, MOD, ADP, INT, ER, COR** e **ACR**.

Há casos em que, numa mesma célula do quadro contendo um trecho de texto, ocorrem mais de uma formação neológica, devendo o leitor observar as notações classificatórias na seqüência em que os vocábulos aparecem no trecho recortado, separadas por ponto-e-vírgula (;). Na seqüência o quadro de classificação.

1. *BURRINHO PEDRÊS / THE LITTLE DUST-BOWN DONKEY*

Alta, sobre a cordilheira de cacundas sinuosas, oscilava a <i>mastreação</i> de chifres. p. 19 [DER/CL]	High above the ridge of sinuous backs swayed the <i>masting</i> of horns. p. 5 [TRANSP]
E comprimiam-se os flancos dos mestiços de todas as <i>meias-raças</i> plebéias dos campos gerais; (...) p. 19 [COMP/EC]	And wedged against one another were the flanks of the crossbreeds of all plebeian <i>mongrel-races</i> of the prairies, p.5 [MOD]
(...)- o curvas e zebruras pardo-sujas em fundo <i>verdacento</i> , como cores de ágata acebolada, (...) p. 19 [DER/EC]	curves and zebra stripes of dull yellow against an <i>ash-green</i> background, p. 5 [TRANSP]
O crioulo <i>barbeludo</i> , anguloso, ruminava (...) p. 20 [DER/EC]	The raw-boned native steer with <i>hanging dewlap</i> chews p. 6 [TRANSP]
E quando o <i>caracu-pelixado</i> solta seus mugidos de nariz fechado (...) p. 20 [COMP/EC]	And when the <i>short-haired caracu</i> begins mooing through its noise, [MOD]
Devagar, teimoso, força o caminho, como sabem fazer <i>boamente</i> os bois: (...) p. 20 [DER/CL]	Slowly, stubbornly, he opens a path for himself, as bulls know <i>so well</i> to do: p. 6 [TRANSP]
Um de cernelha corcovada, boi sanga sapiranga, se irrita com os grampos que se lhe arpoam a barriga, e golpeia com a anca, aos <i>recuões</i> . p. 20 [DER/CL]	One with humped withers, a clay-red ox, rickety, red-eyed, irritated by the horns that gaffing his belly, <i>bumps back</i> with his flank. p. 6 [TRANSP]
Passa rente aos <i>bois-de-carro</i> (...) p. 21 [COMP/EC]	He passed the <i>draft oxen</i> ...p. 8 [MOD]

Depois esticou o sobrebeço em toco de tromba (...) p.23 [DER/EC]	Then stuck out his <i>upper lip</i> like the stumb of an elephant's trunk, p. 8 [MOD]
E foi nessa hora que Sete-de-Ouros de veio <i>apropriquando</i> , brando. p. 24 [DER/CL]	It was at this pint that Seven of Diamonds chose to <i>quietly</i> approach. P. 10 [ADP]
_ Que <i>manuel-não-enxerga</i> Francolim! p.25 [COMP/CS]	"What's <i>this nonsense about not seeing</i> , Francolim! p.10 [ADP]
Imagina só <i>meu-deus-do-céu</i> , que graça! p.25 [COMP/CR]	Can you imagine! <i>God in heaven</i> , what a sight! p. 10 [ADP]
Porém , cá fora, a vaqueirama começava o corre-corre, o pega-pega, <i>arreia-arreia</i> , aos gritos benditos de confusão. p. 25 [COMP/CM]	Outside, meanwhile, the scurrying, the quarreling, the <i>saddling up</i> of the herders began, to the sounds of utter confusion. p. 10 [ADP]
" <i>Desinvoca</i> , Leofredo, fasta o seu macho pra lá!" p. 25 [DER/CL]	" <i>Take it easy</i> , Leofredo, lead your mule over there." p. 10 [MOD]
(...) tão ligeira que ultrapassa o <u>picado</u> dos outros animais e chega a ser quase um <i>meio-galope</i> . p. 25 [COMP/EC]	but so swift that it far outdoes the trot of the others and becomes almost a <i>semi-gallop</i> . p. 11 [LIT]
_ "Ô, gente, ô gente!" – " <i>Desassa</i> a tua mandioca!" p. 26 [DER/CM]	"Men, men <i>get back</i> to where you started!" p.11 [ADP]
(...)- cavalo do menino da casa, desbocado, viciado e <i>inventador</i> modas (...) p. 26 [DER/CS]	– the horse of the young son of the house, a hard-mouthed brute, with bad habits and <i>full of tricks</i> p. 11 [MOD]
Quatrocentas e muitas reses, lotação de dois <i>trens-de-bois</i> . p.27 [COMP/CM]	Four hundred and more heads, enough to fill two <i>cattle trains</i> . p. 12 [TRANSP]
(...) era a mobilização anual da fauna <i>mugidora</i> e <i>guampuda</i> , (...)p. 28 [DER/EC]	there was the annual mobilization of the <i>bellowing, horned</i> fauna, p. 13 [LIT]; [TRANSP]
Ajeita , por um são caminho de idéias, o	He tested the <i>girth</i> to see if it was tight.

<i>correão</i> da cintura. p. 28 [DER/CM]	p. 13 [LIT]
Era um <i>super-salto</i> magistral (...) p. 29 [COMP/CL]	It was a <i>super leap</i> the colt gave p. 13 [LIT]
– Desce a serra, <i>pedidor!</i> p. 29 [DER/CS]	“Come off your high horse, <i>you beggar!</i> ” p. 14 [LIT]
(...)quando os outros o irritam, é a divisa de um <i>burricoque</i> ancião. p. 30 [DERC/EC]	is the motto of an old <i>donkey</i> when he’s being annoyed. p. 14 [TRANSP]
_Compadre <i>sêo</i> Major, (...) p. 31 [DER/CL]	“ <i>Mr. Major</i> , p.15 [LIT]
“Você faz mal, de andar assim desarmado de arma! Silvino é <i>onça-tigre.</i> ” p. 31 [COMP/EC]	“You are making a mistake to go completely unarmed like this. Silvino is a <i>man-eating jaguar.</i> p. 15 [MOD]
Mas , nem bem Sinoca terminava, e já, morro abaixo, chão a dentro, <i>trambulhavam</i> , emendados, três <i>trons</i> de trovões. p.32 [DER/CL; DER/CL]	But Sinoca hardly had the words out of his mouth when down hill, as from inside the earth, <i>came the rumble</i> of three <i>claps</i> of thunder, pieced one to the other. p. 16 [MOD]; [ADP]
Josias foi o mais <i>desfeliz</i> , porque foi jogado para tudo quanto era lado, com a <i>monstra</i> sapateando dele chifrando... p. 33 [DER/CL; DER/CL]	Josias was the one who was <i>in bad shape</i> , for he had been thrown way over to one side, with the <i>monster</i> stomping on him and hooking. p. 17 [MOD]; [LIT]
Mas ela só não me pegou também, porque, com o <i>fezuê</i> , até o bezerrinho levou susto e atravessou na frente, entre nós dois, espinoteando, com a caudinha na <i>cacunda</i> . p. 33 [DER/CS; DER/EC]	The only reason she didn’t get me, too, was because with all the <i>ruckus</i> the calf got scared and ran in front of her, between her and me, jumping around with its little tail over its <i>back</i> . p. 17 [LIT]; [MOD]
_ <i>Agaranto</i> . Olha agora: (...) p.34 [DER/CS]	“ <i>I’m sure of it</i> . Look at the way p.18 [TRANSP]

E, se a gente descuidar, ele, <i>atoinha</i> , <i>atoinha</i> , pega a querer pinchar para fora da estrada (...) p.34 [DER/CS]	And if we're not careful, [supressão da expressão que havia no TLP] he's going to keep trying to turn off the road p. 18 [OM]
(...)- uma tinta compacta , despejada do chanfro às <i>sobre-unhas</i> e escorrendo, de volta, dos garrões ao topete – <i>concolor</i> , azulíssimo. p. 34 [COMP/EC; DER/EC]	– one solid, unblemished colors from head to <i>hoofs</i> and back again, from hamstrings to topknot, <i>one single color</i> , the bluest of blue. p. 18 [ADP]; [MOD]
(...) levando-se de cambulhada, num atropelo <i>estrugente</i> . p. 35 [DER/CL]	Rushing helter-skelter, in a <i>clattering</i> charge. p. 19 [LIT]
(...) e arranca, nada macio, no seu viageiro <i>assendeirado</i> , de ângulo escasso, pouca bulha e queda pronta. p. 36 [DER/EC]	and breaks, not at all gently, into his customary traveling gait, narrow angled, with little noise and easy strokes, steady, <i>relaxed</i> . p. 19 [TRANSP]
_ Só ruindade e mais ruindade, de <i>em-desde</i> o <i>redemunho</i> da testa até na volta da pá! Este eu não vou perder de olho, que ele é boi <i>espirrador</i> ... p. 36 [COMP/CL; DER/CL; DER/EC]	“Meanness and more meanness, <i>from</i> the <i>topknot</i> on his head to the curve of his ham. I'm not losing sight of him, <i>he's going to cut loose the first chance he gets</i> .” p. 20 [MOD]; [MOD]; [EXPL]
(...) porque a boiada ainda tem passagens inquietantes: <i>alarga-se</i> e <i>recomprime-se</i> , sem motivo, (...) p. 37 [DER/CL]	(...) for the herd still had its restless moments, stretching out and <i>pulling back</i> for no reason, (...) p.20 [MOD]
(...) e que os cavalos <i>gingam</i> <i>bovinamente</i> . p. 38 [DER/CL]	(...) and even the horses swaying <i>bovinely</i> . p. 21 [LIT]
_ Põe p'ra lá, <i>marroeiro</i> ! P.38 [DER/EC]	“Get over there, <i>bull</i> .” p. 21 [MOD]
_ Eh, <i>boi-vaca</i> ! p. 39 [COMP/EC]	“Hey, <i>steer-cow</i> ! p. 22 [ER]
(...) sustando o cavalo para apreciar a desfilada dos bois <i>taroleiros</i> , (...) p. 39 [DER/EC]	Reining his horse to appraise the passing of the young steers <i>thudding</i> by (...). p. 22 [MOD]
Tropeia agora, <i>socornando</i> e arfando, (...)	They move along now, <i>heads and horns</i>

p. 39 [DER/EC]	<i>low</i> , (...) p 22 [MOD]
Por isso ela estava <i>emperreada</i> , (...) p. 40 [DER/CM]	For that reason <i>there was no doing anything with her</i> ; (...) p. 23 [EXPL]
_ Oh <i>guês!</i> Isso é nome de cachorro? P. 40 [DER/CL]	“ <i>Holy Moses!</i> Is that a name for a dog? p. 23 [ADP]
(...) de reptis <i>desdebuxados</i> , informes (...) p.41 [DER/EC]	(...) of <i>blurred</i> reptiles, shapeless (...) p. 24 [MOD]
E <i>desenxergaram-se</i> , de todo os bois. p. 41 [DER/CL]	And the cattle <i>were almost lost from sight</i> . p. 24 [EXPL]
Eu já vi uma <i>suassurana</i> rompente, uma vez ... p. 42 [DER/EC]	I once saw a <i>jaguar</i> reared up on its hind legs, one time... p. 25 [MOD]
_ Mas o Calundu ia ficando cada vez mais <i>enjerizado</i> e mais maludo, (...) p. 43 [DER/EC]	“And all the time Calundú was growing more and more <i>enraged</i> and defiant, (...) p.25 [MOD]
(...) ficam de fora somente as <i>beißamas</i> , (...) p. 45 [DER/EC]	(...) leaving only their <i>muzzles</i> above water, (...) p.27 [MOD]
E certo: Sete-de-Ouros dava para trás, <i>incomovível</i> , (...) 45 [DER/CL]	Indeed, Seven of Diamonds moved slowly [supressão da palavra <i>incomovível</i>], (...) p. 28 [OM]
(...) ele tivesse morrido <i>transanteontem</i> , (...) p. 46 [DER/CL]	(...) if he had died <i>day before yesterday</i> , (...) p. 28 [OM]
(...) coado na <i>quase-sombra</i> , (...) p.46 [COMP/CL]	(...) filtering through the <i>semi-darkness</i> (...) p. 28 [LIT]
(...) por todos os séculos e <i>seculórios</i> , mansamente amém. p. 46 [DER/CL]	(...) <i>per secula seculorum</i> , amem. p. 28 [ADP]
_ Em Deus estando ajudando, ‘e bom meu <i>compadro</i> são Major. p. 47 [DER/CS]	“With God’s help, that is good, my <i>friend</i> , Mr. Major. p. 29 [MOD]
(...) enquanto touro afunda adiante, <i>sopraz</i> , num rufar de tambor. p. 49	(...) as the bull pounded snorting past, <i>with a noise like</i> the ruffle of a drum. P.

[DER/EC]	31 [ADP]
E Badu fez <i>vira-cara</i> , que o touro voltava, (...) p. 49 [COMP/CS]	Badú made an <i>about-face</i> as the bull turned, (...) p. 31 [LIT]
(...) o ferro se espetou abaixo do <i>entre-olhos</i> , na rampa da cara. p. 50 [COMP/EC]	(...) the goad buried itself <i>below the eyes</i> , in the gradient of the face. p. 31 [TRANSP]
E o zebu-assu, (...) p.50 [COMP/EC]	And the <i>huge zebu</i> , (...) p. 32 [TRANSP]
(...) <i>amontado</i> neste burro <i>esmoralizado</i> (...) p. 51 [DER/CL; DER/CL]	(...) <i>mounted</i> on this <i>no-account</i> donkey (...) p. 32 [TRANSP]; [MOD]
E aí ele galopou <i>p'r'avante</i> no Badu, (...) p. 51 [COMP/CL]	And he galloped <i>toward</i> Badú, (...) p. 33 [LIT]
_ Só na <i>horinha</i> em que o bicho (...) p. 53 [DER/CL]	"All I felt <i>at the moment</i> when the animal (...) p. 34 [TRANSP]
_ <i>Avoamento</i> , seô Major, sem ser por mal. p. 54 [DER/CS]	" <i>Foolish</i> , Mr. Major, but no bad intention. p. 35 [ADP]
(...) para <i>desberganhar</i> de montada com o Francolim... p.58 [DER/CL]	(...) <i>to swamp</i> mounts with Francolim. P. 38 [LIT]
(...) que vinha, até então, <i>desatual</i> , na marchinha costumeira, (...) p. 58 [DER/CL]	(...) up to that moment, <i>wholly uncommitted</i> , (...) p. 38 [MOD]
(...) de bagagem e <i>mat'otagem?</i> p. 58 [DER/CL]	(...) in the way of outfit and <i>grub?</i> p.39 [ADP]
Num <i>pataleio</i> dianho, (...) p. 59 [DER/EC]	With a devilish <i>thudding of hoofs</i> , (...) p. 39 [MOD]
Com um último <i>trompejo</i> do berrante, (...) p. 60 [DER/CM]	With the final <i>blast</i> of the cow horn, (...) p. 40 [MOD]
<i>Trombejou</i> o labro. p. 61 [DER/CM]	(...) <i>stuck out</i> his upper lip, (...) 41 [MOD]
(...) na capanga, bem <i>agargalada</i> , uma garrafa suplementar. p.63 [DER/CM]	(...) an extra bottle, <i>full to the top</i> . p. 42 [TRANSP]

(...) ao sabor dos arrancos do <i>lobuno</i> trotão: (...) p. 64 [DER/EC]	(...) in time to the movement of this trotting <i>dun</i> : (...) p. 43 [LIT]
(...) que eu não gosto de <i>frojoca</i> com meu nome no meio! p. 65 [DER/CS]	I don't like it, but <i>palaver</i> with my name mixed up in it. p. 44 [ADP]
<i>Assinzinho</i> , regulando por uns sete anos, (...) p.67 [DER/CL]	<i>About so high</i> , around seven years old (...) p.45-6 [MOD]
(...) para poder agradar o <i>desgraçadinho</i> , (...) p.67 [DER/CS]	(...) it would please the <i>poor little devil</i> , (...) p. 46 [TRANSP]
(...) em riba daquele boi <i>jaguanês!</i> ...” p. 68 [DER/EC]	(...) back of that <i>black-and-white-striped</i> bull!” p. 47 [EXPL]
(...) numa viola <i>qual-qual...</i> p. 70 [COMP/CM]	(...) song on a <i>guitar</i> [supressão da expressão qual-qual] p. 48 [OM]
(...) e soltar todos no <i>sem-dono!</i> p.71 [COMP/EC]	(...) turn them loose to <i>roam free</i> . 49 [TRANSP]
<i>Desarreganha</i> , sai por embaixo!... p.74[DER/CL]	<i>Stop showing your teeth</i> and lie down. p.50 [EXPL]
Isto, que não veio falar aviso, <i>nenhuns-nada</i> , (...) p.75 [COMP/CL]	He hasn't come to give warning, <i>not at all</i> ; (...) p. 52 [ADP]
Os cavalos pisavam <i>tacteantes</i> . p.75 [DER/EC]	The horses moved along, <i>feeling their way</i> , (...)p. 52 [EXPL]
_ Eh <i>aguão!</i> ... p.76 [DER/EC]	“Jesus, <i>what a world of water!</i> ” p. 53 [ADP]
De enxurro a jorro, o caudal mais raivava, subindo o <i>sobre-rumor</i> . p.76 [COMP/EC]	From spate to torrent, the stream roared <i>louder and still louder</i> . p. 53-4 [TRANSP]
Força de mão, para jogar para lá essa <i>coisama!</i> p. 77 [DER/EC]	It took a strong hand to push the <i>full thing</i> away. p. 54 [TRANSP]
Paz, que já virou, <i>graç'a Deus</i> , também. p.77 [COMP/CR]	Peace, now it, too, has drifted by, <i>thanks to God</i> . p. 54 [LIT]
(...) o burrinho tinha de se <i>enqueixar</i> para	(...) the little donkey had to <i>stretch his</i>

o alto (...) p. 77 [DER/EC]	<i>jaw</i> (...) p. 54 [EXPL]
(...) <i>conviajando</i> com a babugem e com os pedaços de vegetais. p. 77 [DER/CL]	(...). <i>fellow-traveling</i> with the froth and the vegetable matter. p. 54 [TRANSP]
(...) – <i>grugulejos</i> de remoinhos, (...) p. 77 [DER/EC]	(...) – the <i>bubbling</i> of the whirlpools, (...) p. 55 [LIT]
(...) e o chorro apressado dos rabos-de-corredeira <i>borborinhantes</i> . p. 78 [DER/EC]	(...) the convulsive weeping of the <i>whirling</i> rapids. p. 55 [TRANSP]
(...) foi Sebastião, que <i>aproou</i> (...) p 78 [DER/CL]	(...) was Sebastião, who <i>ran ground</i> (...) p. 55 [TRANSP]
(...) com as <i>espojadelas</i> obrigatórias, (...) p. 79 [DER/EC]	(...) <i>rolling from side to side</i> , (...) p. 56 [EXPL]

2. A VOLTA DO MARIDO PRÓDIGO / THE RETURN OF THE PRODIGAL HUSBAND

Vai em festa, dorme <i>que horas</i> , (...) p. 85 [COMP/CS]	He goes off on a tear, sleeps <i>till all hours</i> , (...) p. 59 [TRANSP]
(...) e, quando chega, ainda é todo enfeitado e <i>salamistrão</i> . P. 85 [DER/CS]	(...) and comes back <i>dressed like a dude....</i> ”) p. 59 [ADP]
(...) porque é <i>sovino</i> razoável e sabe ser grato, (...) p. 87 [DER/CL]	(...) because he was sensible <i>skinflint</i> , and know to be pleasant (...) p. 61 [LIT]
_ Isso de carregar comida cozinhada <i>de madrugada</i> , (...) p. 88 [DER/CL]	“This business of carrying food cooked <i>first thing in the morning</i> (...) p. 62 [ADP]
(...) se seu Marrinha arranjar o <i>merenguém</i> , (...) p. 88 [DER/CS]	(...) if Mr. Marrinha pays us our <i>week’s wages</i> , (...) p. 62 [ADP]
_ Eu, tem hora que acho que ele é <i>sem-brio</i> , (...) p. 89 [DER/CL]	“I’ve thinking for a long time that he’s got <i>no self-respect</i> , (...) p. 63 [TRANSP]

_Acho que o senhor devia de não mexer com essas coisas, de <i>família-dos-outros</i> , (...) p. 89 [DER/CS]	(...) I don't think you ought to mix into <i>other folk's family</i> affairs. p.63-4 [TRANSP]
Eu já estou farto dessa <i>espanholaria</i> toda... p. 89 [DER/CS]	I am sick and tired of all those Spaniards. p.63 [MOD]
Alargam as ventas, para se caber, <i>rebebem</i> as palavras. P. 90 [DER/CL]	Their nostrils dilated to take it all in; they <i>drunk in his words</i> . p. 63 [MOD]
Lalino se levanta, <i>soflagrado</i> , (...) p 90 [DER/CL]	Lalino got up, <i>on the double</i> , (...) p.64 [ADP]
Até que servia para fazer o papel de <i>moço-que-acaba-casando</i> , no teatro... p. 91 [COMP/CS]	You might even do for the part of <i>the young man in the play who finally marries the girl....</i> " p. 64 [TRANSP]
(...) há atualmente nos seus miolos uma <i>circunvoluçãozinha</i> qualquer, (...) p.91 [DER/CS]	(...) at that moment <i>a kind of circumvolution</i> was going on his brain, (...) p. 65 [TRANSP]
<i>Adeusinho</i> , seu Waldemar, até mais logo! P. 93 [DER/CL]	<i>So long</i> , Mr. Waldemar, see you later." p. 66 [MOD]
(...) que nem turco <i>mascate-de-baú</i> ... p. 94 [COMP/CS]	(...) like a Syrian <i>peddle</i> . p. 67 [ADP]
(...)mas o <i>arcanjo-da-guarda</i> das mulheres (...) p. 95 [COMP/CR]	(...) but her woman's <i>guardian archangel</i> (...) p. 67 [TRANSP]
(...) no plano de um <i>étero-avião</i> transplanetário, (...) p. 95 [COMP/CM]	(...) a diagram of an interplanetary <i>space ship</i> , (...) p. 68 [MOD]
(...) com um <i>locomovente</i> rinoceronte... p. 95 [COMP/EC]	(...) with a <i>self-propelling</i> rhinoceros....) p. 68 [TRANSP]
(...) por conta dele <i>se rapaziar</i> com os companheiros, (...) p. 95 [DER/CS]	(...) because he <i>went off on a lark</i> with his friends, (...) p. 68 [MOD]
<i>Arranjezinho</i> lá um lugar de guarda civil... p. 96 [DER/CL]	<i>I'm going to fix myself up</i> a job there on the police force. p. 68 [ADP]
Mas tem que ser <i>é p'r'agorinha</i> ... p. 97	But it has to be <i>right away</i> ... p. 70 [ADP]

[DER-COMP/CL]	
(...) com raiva nenhuma à <i>toa-à toa</i> . P. 98 [COMP/CS]	(...) in a quarrel <i>over nothing</i> . p. 71 [TRANSP]
(...) com <i>frinéica</i> desenvoltura, (...) p. 99 [DER/CL]	(...) with <i>Phrynean</i> brazenness: (...) p. 72 [LIT]
E ele ficou entibiado e pegou a <i>saudade</i> . P. 101 [DER/CS]	He cooled off and began <i>to feel homesick</i> . P. 73 [ADP]
(...) uma <i>semaninha</i> inteira de esbórnia e fuzuê. P. 101 [DER/CL]	(...) a whole <i>week</i> of carousing and fun. P. 73 [MOD]
(...) eu <i>quero-porque-quero</i> conversar com a Ritinha! P. 103 [COMP/CL]	(...) I <i>want, because I want it</i> , to have a talk with Ritinha. P. 74 [LIT]
(...) em piores <i>hojes</i> . P. 103 [DER/CL]	(...) was really in no mood for him <i>at that moment</i> . P. 75 [MOD]
(...) e algumas <i>coisitas</i> suas, (...) p. 103 [DER/CL]	(...) some other <i>belongings</i> , (...) p. 75 [MOD]
(...) namorando a ravina <i>florejante</i> . P. 105 [DER/EC]	(...) tenderly eyeing the <i>flowered</i> ravine. P. 76 [MOD]
(...) com toada <i>rida</i> : p. 105 [DER/CS]	(...) with <i>mocking</i> tune: p. 76 [MOD]
Essa <i>pensação</i> besta (...) p. 108 [DER/CL]	That <i>kind of thinking</i> (...) p. 79 [MOD]
(...) com as <i>senvergonheiras</i> do Benigno (...) p. 109 [DER/CS]	(...) with the <i>bold-faced impudence</i> of Benigno (...) p. 80 [ADP]
(...) que <i>esse-um</i> é o Saci. P. 110 [COMP/CS]	(...) <i>for he's</i> a real devil." p. 81 [TRANSP]
(...) e outras coisas mais, <i>conformemente</i> . P. 111 [DER/CL]	(...) and other things <i>in the same vein</i> . P. 81 [MOD]
(...) <i>desfreou</i> a catarata: p. 111 [DER/CL]	(...) <i>dammed</i> the flood: p. 81 [MOD]
(...) lavando roupa, o <i>granuja</i> , (...) p. 115 [DER/CS]	(...) bank of the brook, the <i>scoundrel</i> , (...) p.84 [LIT]
(...) com as <i>cachiporras</i> ... p. 115	(...) him the <i>beating</i> he deserved. P. 84

[DER/CM]	[ADP]
(...) generoso da <i>cadeira-de-lona</i> , (...) p. 119 [COMP/CM]	(...) hollow of his <i>lounge chair</i> , (...) p. 87 [MOD]
...) moça tão <i>bonitonazinha</i> como a senhora (...) p. 120 [DER/CS]	(...) a girl so <i>hand-somely pretty</i> as you are (...) p. 89 [TRANSP]
Essa <i>bocazinha</i> sua ... p. 120 [DER/CL]	(...) that <i>little mouth</i> p. 89 [TRANSP]
(...) do estilo <i>dragocrático-mandológico-coactivo</i> ao <i>cabalístico-estatístico</i> , daí para o <i>messiânico-palimpséstico-parafrástico</i> , depois para o <i>cozinhativo-compadresco-recordante</i> , (...) p. 122 [COMP/CS]	(...) a <i>Draconian-despotic-coersive</i> style into a <i>cabbalistic-statistical</i> then into a <i>Messianic-palimpsestic-paraphrastic</i> , and then into a <i>homely-friendly-memory-jogging</i> , (...) p. 90 [TRANSP]; [LIT]; [MOD]
(...) <i>novidadeiro-espião</i> chegado da Boa Vista (...) p. 122 [COMP/CS]	(...) a <i>news-bearing secret agent</i> who had just arrived from Boa Vista (...) p. 90 [ADP]
Ele está <i>revelio</i> , (...) p. 123 [DER/CS]	He's <i>out of reach of the law</i> , (...) p. 92 [MOD]
(...) já que está mesmo <i>treslouco</i> ... p. 126 [DER/CS]	(...) since <i>he has been driven out of his mind</i> p. 94 [MOD]
_ <i>Ra-ch'ou-parta!</i> diabos dos infernos! Maldito! Referido! P. 127 [COMP/CL]	_ " <i>May he drop dead!</i> That devil out of the hell! That scoundrel, <i>that so-and-so!</i> " p. 94 [ADP]
(...) <i>sendo-se</i> o amistoso de todos, (...) p. 129 [DER/CL]	(...) <i>was</i> the most affable of all, (...) p. 96 [TRANSP]
(...) com a <i>direção-escondida-de-todas-as-coisas-que-devem-depressa-acontecer</i> . P. 130 [COMP/CS]	(...) with <i>the hidden direction of all things to be quickly brought to pass</i> . P. 98 [MOD]

3. SARAPALHA / THE STRAW-SPINNERS

(...) – da “tremedeira que não <i>desamontava</i> ” – (...) p. 133 [DER/CS]	(...). – chills and fever you never <i>get rid off</i> – (...) p. 99 [MOD]
(...) por entre as ilhas do <i>melosal</i> . P. 134 [DER/EC]	(...) floating between islands of <i>grass</i> . P. 100 [MOD]
É aí, então, <i>taperização</i> consumada, (...) p.134 [DER/CS]	And with this <i>ruination</i> was complete; (...) p. 100 [MOD]
(...) e a bucha em <i>latadas</i> puderam (...) p. 134 [DER/EC]	(...) when the <i>clumps</i> of stinkweed and the sprawling gourd (...) p. 100 [MOD]
(...) uma cerca de <i>pedra-seca</i> , (...) p. 135 [COMP/CM]	(...) a <i>dry wall</i> , from slavery days; (...) p. 101 [TRANSP]
(...) <i>psalmodiando</i> tremido, (...) p. 135 [DER/CS]	(...) quiveringly <i>humming</i> (...) p. 101 [MOD]
(...) olhos sujos, <i>desbrilhados</i> , (...) p. 137 [DER/CL]	(...) his eyes dull and <i>bleary</i> , (...) 103 [TRANSP]
_ <i>Ind’hoje?</i> Será? P. 138 [COMP/CL]	“ <i>Today</i> , maybe? P. 103 [OM]
Está <i>desdeixado</i> , (...) p. 139 [DER/CM]	It is <i>neglected</i> , (...) p. 105 [MOD]
Viu-a de vestido <i>azul-do-mar</i> ... p. 145 [COMP/CM]	He saw her wearing a <i>sea blue</i> dress.... p. 109 [TRANSP]
Teria ela adivinhado o seu <i>querer-bem?</i> P. 145 [COMP/CS]	Could she guessed his <i>love?</i> P. 110 [MOD]
(...) roupa de <i>dia-de-domingo</i> (...) 147 [COMP/CS]	(...) <i>Sunday</i> clothes, (...) p. 111 [OM]
(...) branco, <i>encaveirado</i> , (...) p. 152 [DER/CS]	(...) pale, <i>gaunt</i> , (...) p. 115 [MOD]
(...) um moço <i>bem-aparecido</i> , (...) p. 153 [COMP/CS]	(...) was a <i>likely lad</i> , (...) p. 116 [MOD]
(...) manhã de <i>dia-de-festa-de-santo</i> , (...) p. 153 [COMP/CR]	(...) morning of <i>saint’s day</i> , (...) p. 116 [OM-TRANSP]
Derruba frutinhas <i>fendilhadas</i> , (...) p. 154 [DER/EC]	(...) drops its <i>cleft</i> berries, (...) p. 117 [TRANSP]

4. DUELO / DUEL

E, tão modesto <i>papúsculo</i> , (...) p. 157 [DER/CL]	Nor did this modest <i>little goiter</i> , (...) p. 119 [TRANSP]
Comproou a besta <i>douradilha</i> ; (...) p. 161 [DER/EC]	He bought himself a <i>sorrel</i> mule. P. 122 [MOD]
(...) Cassiano tinha <i>descalculado</i> , (...) p. 162 [DER/CL]	(...) Cassiano had <i>misjudged</i> (...) p. 123 [MOD]
(...) porquanto o baralho fora <i>rebaralhado</i> (...) p. 162 [DER/CL]	(...) inasmuch the deck had been <i>reshuffled</i> (...) p. 123 [LIT]
(...) oscilava um <i>nadinha</i> , (...). p.169 [DER/CL]	(...) swayed a <i>tiny bit</i> , (...) p. 129 [MOD]
E os dois não se <i>desfitavam</i> , (...) p. 169 [DER/CL]	The two never <i>took their eyes off one another</i> , (...) p. 129 [ER]
(...) diante, <i>pachorro</i> , (...) p. 170 [DER/CS]	(...) <i>leisurely</i> in front of him, (...) p. 129 [TRANSP]
E o <i>balseador</i> , (...) p. 170 [DER/CS]	And the <i>boatman</i> , (...) p. 130 [ER]
(...) deu boas <i>varejoadas</i> , e proejou, <i>vindo-vindo</i> , (...) p. 171 [DER/CL]; [COMP/CL]	(...) <i>poled</i> vigorously, and <i>slowly</i> nosed (...) p. 130 [MOD] ; [TRANSP]
Turíbio Todo, <i>meiamente</i> ansioso, (...)p. 171 [DER/CL]	Turíbio Todo, <i>somewhat</i> uneasy, (...) p. 130 [MOD]
(...) <i>sobreassoalhado</i> e <i>guarnecido</i> (...) p. 171 [DER/CM]	(...) <i>a plank flooring</i> and low(...) p. 130 [TRANSP]
(...) dos de penacho, <i>aguiados</i> , (...) p. 173 [DER/EC]	(...) those with a topknot, <i>eaglelike</i> , (...) p. 132 [TRANSP]
(...) tabuleiro <i>abre-horizonte</i> , (...) p. 174 [COMP/EC]	(...) uplands which <i>opened on the horizon</i> , (...) p. 132 [TRANSP]
E ele tocava de <i>avança-peito</i> , (...) [COMP/CS]	And he <i>kept on</i> , (...) p. 132 [MOD]

(...) num cafundó de <i>entremorro</i> (...) p. 177 [COMP/EC]	(...) in a hollow in the <i>foothills</i> (...) p. 134 [ADP]
Passavam galinhas, <i>cloqueando</i> (...) p. 178 [DER/EC]	Hens went by, <i>clucking</i> , (...) p. 135 [LIT]
(...) – assim torto, pé-de-pato, <i>tropeçante</i> . p. 178 [DER/CL]	(...) – from side to side, flat-footed, <i>lurching</i> . P. 135 [MOD]
Nunca <i>murguêia</i> o corpo (...) p. 179 [DER/CL]	Doesn't your body ever <i>slouch</i> (...) p. 136 [MOD]
(...) pagar seu <i>doutor-médico</i> (...) p. 181 [COMP/CS]	(...) pay a <i>doctor</i> (...) p. 137 [OM]
Já mandei buscara <i>receita-de-informação</i> , (...) p. 181 [COMP/CS]	I have already sent to get the <i>prescription</i> , (...) p. 138 [OM]
(...) o meu compadre <i>mais-de-todos</i> , (...) p. 181 [COMP/CR]	(...) the godfather, and <i>the person to whom I owe the most</i> , (...) p. 138 [EXPL]
(...) cortada rente, <i>funga-funga</i> , (...) p. 183 [COMP/CM]	(...) clipped close, <i>its nostrils snuffling</i> , (...) p. 139 [TRANSP]
(...) na grenha <i>piolhífera</i> (...) p. 184 [DER/CS]	(...) his unkempt, <i>lousy hair</i> , (...) p. 140 [TRANSP]
(...) ficara quieto, <i>mesmando</i> , (...) p. 186 [DER/CS]	(...) quiet, too, <i>thinking his own thoughts</i> , (...) p. 141 [EXPL]

5. MINHA GENTE / MINE OWN PEOPLE

(...) picadas <i>milmalditas</i> (...) p. 191 [DER/EC]	(...) biting <i>like crazy</i> (...) p. 146 [MOD]
(...) – era o meu <i>sempre-encontrável</i> , o meu “ <i>até-as-pedras-se-encontram</i> ” (...) p.191 [COMP/CL]	(...) – was my <i>unfailing meeter</i> , my “ <i>even the stones meet</i> ” (...) p. 145 [TRANSP]; [LIT]
(...) do sistema <i>Sossegovitch-Sapatogoroff</i> (...) p. 194 [COMP/CL]	(...) the <i>Sossegovitch-Sapatogoroff</i> system (...) p. 146 [TRANSP]

Na serra, <i>verde-malaquita</i> , (...) p. 194 [COMP/EC]	The sierra, <i>malachite green</i> , (...) p. 147 [TRANSP]
(...) o bom <i>boium</i> (...) p. 195 [DER/EC]	(...) the good <i>cow smell</i> (...) p. 148 [MOD]
(...) <i>caudejante e ruminativa</i> , (...) p. 195 [DER/EC]; [DER/EC]	(...) <i>tail-switching, cud-chewing</i> (...) p. 148 [TRANSP]
(...) os anus, <i>transitantes</i> , (...) p. 196 [DER/EC]	(...) the anus, <i>running back and forth</i> , (...) p. 148 [TRANSP]
(...) poste ou árvore, e <i>problemiza</i> , (...) p. 197 [DER/CL]	(...) – post or tree – and <i>sets himself to working out problems</i> , (...) p. 149 [TRANSP]
(...) <i>convales tufados</i> (...) p. 197 [DER/EC]	(...) <i>valleys between the hills</i> (...) p. 149 [TRANSP]
(...) cotilédones de outeiros <i>verde-crisoberilo</i> ; (...) p. 197 [COMP/EC]	(...) cotyledons of <i>crysoberyl-green hillocks</i> ; (...) p. 148 [TRANSP]
(...) <i>sobrecruzou a crista</i> (...) p. 197 [DER/EC]	(...) it <i>crossed the ridge</i> (...) p. 150 [OM]
(...) está assim tão <i>safirento</i> , (...) p. 200 [DER/EC]	(...) are so <i>cocky</i> (...) p. 152 [ER]
(...) e <i>esgalopeia</i> : a <i>marimbondada</i> sai toda, (...) p. 200 [DER/EC]	(...) and <i>gallops off</i> ; the <i>whole swarm bursts out</i> (...) p. 152 [TRANSP]; [TRANSP]
Chegando ao alto do <i>morrete</i> (...) p. 200 [DER/EC]	When we reached the top of the <i>hill</i> (...) p. 152 [OM]
(...) muito bem <i>enraçados</i> (...) p. 204 [DER/EC]	(...) very good <i>stock</i> (...) p. 155 [TRANSP]
Aí, o outro <i>contramentiu</i> , (...) p. 204 [DER/CS]	Whereupon the other <i>counterlied</i> , (...) p. 155 [LIT]
(...) há <i>Soca-Fogo, Treme-Terra e Rompe-Racha</i> – intitulações <i>terroríferas</i>	(...) there were the <i>Hot Fists, the Earth Shakers, and the Tear 'Em to Pieces</i> –

(...) p. 205 [COMP/CS]; [COMP/CS]; [COMP/CS]; [DER/CL]	<i>horrisonant</i> appellations (...) p. 156 [MOD]; [TRANSP]; [TRANSP]; [MOD]
(...) rasgados <i>quasemente</i> (...) p. 206 [DER/CL]	(...) reaching <i>almost</i> (...) p. 157 [OM]
(...) um <i>infinitesimalzinho</i> irregulares; (...) p. 206 [DER/EC]	(...) and the <i>tiniest</i> mite askance. P. 157 [TRANSP]
(...) <i>comeria</i> , sanfona até. p. 210 [DER/CS]	(...) <i>provisions</i> , even an accordion. P.160 [ER]
<i>Companheirada</i> certa. p. 210 [DER/CS]	<i>The best of company</i> . P. 160 [MOD]
O Agripino, <i>rabicundo</i> , (...) p.210 [DER/CS]	Agripino, <i>furious</i> , (...) p. 160 [MOD]
(...) era mais <i>melancolizante</i> . p. 213 [DER/CL]	(...) even more <i>charged with melancholy</i> . P. 162 [TRANSP]
<i>Trilobitas</i> ... p. 213 [DER/CS]	<i>Trilobites</i> . P. 163 [LIT]
Um ramo <i>verde-maçã</i> (...) p. 214 [COMP/EC]	An <i>apple-green</i> branch (...) p. 163 [TRANSP]
(...) do <i>espirrão</i> de água. p. 214 [DER/EC]	(...) from the <i>splashing</i> water. P. 163 [TRANSP]
Tudo macio e <i>escorregoso</i> . p. 217 [DER/EC]	Everything smooth and <i>slippery</i> . P.166 [LIT]
(...) <i>císnea</i> e <i>junoniana</i> ; (...) p. 218 [DER/EC]	(...) swanlike and <i>Juno-esque</i> ; (...) p. 166 [LIT]
(...) e nas folhas <i>cloríneas</i> , <i>verde-aquarela</i> , (...) p. 219 [DER/EC]; [COMP/EC]	(...) and the <i>chlorine</i> leaves, <i>water-color-green</i> (...) p. 168 [TRANSP]; [TRANSP]
(...) <i>r-r-rolando</i> e estalando com a língua: p. 220 [DER/EC]	(...) <i>chirping</i> : p. 168 [ADP]
(...) com <i>cloqueios</i> e passos graves, (...) p. 220 [DER/EC]	(...) with <i>clucks</i> and measured steps (...) p. 168 [LIT]
(...) <i>aperuadas</i> ; e peruas <i>acucadas</i> ; p.	(...) <i>looking like turkeys</i> , and <i>bunchy</i>

220 [DER/EC]; [DER/EC]	<i>turkey hens</i> ; (...) p. 169 [TRANSP]
------------------------	--

6. SÃO MARCOS / WOODLAND WITCHERY

(...) eu era assim o <i>pior-de-todos</i> , (...) p. 242 [COMP/CS]	(...) I was the <i>worst of all</i> (...) p. 184 [LIT]
(...) e se curou de um <i>mal-de-engasgo</i> (...) p. 242 [COMP/CS]	(...) and was cured of an <i>obstruction of the throat</i> (...) p. 185 [MOD]
(...) até <i>meio-morrer</i> (...) p. 242 [COMP/CS]	(...) until they were <i>half dead</i> (...) p. 185 [TRANSP]
(...) liturgista ilegal e <i>orixá-pai</i> (...) p. 242 [COMP/CR]	(...) in religious rites and the <i>High Priest</i> (...) p. 185 [ADP]
(...) e mestre em artes do despacho, atraso, <i>telquinese</i> , vidro moído, <i>vuduísmo</i> , <i>amarramento</i> e <i>desamarração</i> . p. 242 [DER/CR]; [DER/CR]; [DER/CR]	(...) and master of the arts of macumba offerings, ground glass, <i>voodooism</i> , <i>telekinesis</i> , <i>casting</i> and <i>breaking spells</i> . P. 185 [LIT]; [LIT]; [ADP]; [ADP]
(...) o melhor <i>caso-exemplo</i> (...) p. 242 [COMP/CL]	Black Rita's most <i>cogent argument</i> (...) p. 185 [MOD]
(...) <i>gláceo</i> , emborcado, (...) p. 244 [DER/EC]	(...) <i>vitreous</i> , like the bottom (...) p. 186 [MOD]
(...) – um <i>massa-mel</i> amarelo, (...) p. 244 [COMP/EC]	(...) an overyellow <i>honeyed mass</i> (...) p. 187 [TRANSP]
(...) do jaburu <i>acromegálico</i> (...) p. 244 [DER/EC]	(...) the <i>acromegalic</i> jaburu stork; (...) p. 187 [TRANSP]
(...) que vão <i>corre-correndo</i> , <i>pernilongando</i> sobre a casca d'água (...) p. 244 [COMP/EC]; [DER/EC]	(...) that go <i>skim-skimming</i> over the surface of the pool (...) p. 187 [MOD/OM]
(...) eles são <i>mesmeiros</i> despóticos (...) p. 244 [DER/EC]	For they are <i>specialized despots</i> , (...) p. 187 [MOD]

(...) de nariz <i>destamanho</i> . p. 244 [DER/EC]	(...) with an <i>ousize</i> nose. P. 187 [TRANSP]
(...) – que eu ia do mais esquecido, <i>tropica-e-cai levanta-e-sai</i> , (...) p. 245 [COMP/CL]; [COMP/CL]	(...) I was moving along without a thing on my mind, <i>stumbling, not even looking where I went</i> , (...) p. 187 [ADP]
(...) bem por <i>detrasinho</i> de mim: p. 245 [DER/CL]	(...) well <i>behind</i> me: p. 187 [OM]
(...) com seis capadões <i>super- acolchoados</i> (...) p. 246 [COMP/EC]	(...) with six gelded boars, wallowing, <i>overstuffed</i> , (...) p. 189 [MOD]
(...) e educados <i>malissimamente</i> . p. 246 [DER/CL]	(...) and with <i>no manners at all</i> . P. 189 [TRANSP]
(...) e com <i>supersenso</i> de cor e casta. p.246 [DER/CL]	(...) and with an <i>exaggerated sense</i> of color and caste. P. 189 [TRANSP]
(...) que é homem <i>estinctado</i> , (...) p. 248 [DER/CS]	(...) who are an <i>extinguished</i> man (...) p. 190 [ER]
Ele andou morando <i>de-amigado</i> (...) p. 249 [COMP/CS]	He <i>had taken up with a drab</i> (...) p. 191 [ADAP]
(...) aquele carapina <i>velho-velhoso</i> (...) p. 249 [COMP/CS]; [DER/CL]	(...) that <i>oldish old</i> carpenter (...) p. 191 [TRANSP]
(...) alguma <i>valença</i> (...) p. 249 [DER/CR]	(...) some <i>help</i> in (...) p. 191 [MOD]
(...) ‘ <i>tá dissido!</i> ... p. 251 [DER/CL]	(...) <i>is good enough for me.</i> ’ p. 193 [MOD]
(...) uma folha <i>cheirã</i> (...) p. 251 [DER/EC]	(...) a <i>fragrant</i> leaf (...) p. 193 [TRANSP]
(...) de uma <i>sub-estória</i> , (...) p. 252 [COMP/CL]	(...) of a <i>substory</i> , (...) p. 194 [LIT]
(...) dizer-se apenas <i>drimirim</i> ou <i>amormeuzinho</i> é justo (...) p. 253 [DER/CL]; [COMP/CL]	(...) to say only “ <i>treelet</i> ” or “ <i>heart’s rest</i> ” (...)is fitting (...) p. 194 [ADP]

(...) – Ó <i>colossalidade!</i> (...) p. 253 [DER/CL]	(...) – Oh, <i>Colossality</i> (...) p. 195 [LIT]
“Me dá dez ‘ <i>tões</i> de biscoitos de <i>talxóts!</i> ” p. 253 [DER/CL]; [DER/CL]	“A <i>dime</i> ’s worth of <i>tinned</i> cookies, “ (...) p. 195 [ADP]; [ADP]
(...) a porta da <i>gruta-cofre</i> (...) p. 254 [COMP/EC]	(...) the <i>cave</i> swing wide. p. 195 [TRANSP]
Língua de turco <i>rabatacho</i> dos infernos. p. 254 [DER/CS]	Turkish <i>gibble-gabble!</i> P. 195 [ADP]
E “ <i>Quem-Será</i> ” ficou (...) p. 254 [COMP/CL]	And “ <i>Who-Could-It-Be</i> ” became (...) p. 196 [TRANSP]
(...) numa volta <i>quilometrosa</i> , (...) p. 255 [DER/CL]	(...) in a <i>kilometrish</i> detour, (...) p. 196 [TRANSP]
(...) com pétalas <i>desconformes</i> (...) p.255 [DER/EC]	(...) <i>uneven</i> petals, (...) p. 197 [MOD]
(...) bichos do mar <i>róseo-maculados</i> , e roxos, e <i>ambarinos</i> (...). p. 256 [COMP/EC]; [DER/EC]	(...) sea animals, with their <i>pink</i> , purple, and <i>amber splotches</i> (...) p. 197 [LIT]; [TRANSP]
(...) – ou máscaras <i>careteantes</i> , (...) p. 256 [DER/EC]	(...) or <i>grimacing</i> masks (...) p. 197 [TRANSP]
(...) <i>longe-longe</i> , porém, (...) p. 157 [COMP/CL]	(...) <i>far, far away</i> , however, (...) p. 197 [LIT]
(...) enquanto <i>entremete</i> o fino (...) p. 256 [DER/CL]	(...) while it <i>thrusts</i> its thin (...) p. 197 [OM]
(...) espirrando <i>asterismos</i> . p. 256 [DER/CL]	(...) sneezing <i>constellations</i> . P. 197 [MOD]
(...) <i>multicrescem</i> taboqueiras, (...) p. 256 [DER/EC]	(...) giant bamboo <i>proliferate</i> . P. 197 [MOD]
(...) <i>buritis-senhoras</i> , e, tocando ventarolas, <i>buritis-meninos</i> . p. 256 [COMP/EC]; [COMP/EC]	(...) <i>lady buritis</i> , and <i>child buritis</i> , waving fans. P. 197 [TRANSP]; [TRANSP]

(...) que deve ser <i>asmaticizante</i> . p. 257 [DER/CL]	(...) which must be <i>conductive to asthma</i> . P. 198 [TRANSP]
(...) <i>empenujado</i> de líquens (...) p. 257 [DER/EC]	(...) <i>feathered</i> with lichens (...) p. 198 [LIT]
Chegamos aos <i>sanctos-dos-sanctos</i> (...). p. 258 [COMP/CR]	(...) we have now arrived at the <i>holy-of-holies</i> (...) p. 199 [LIT]
(...) tão estáveis e <i>não-humanos</i> (...) p. 258 [COMP/CR]	(...) so stable and <i>nonhuman</i> , (...) p. 199 [LIT]
(...) toda <i>esfarinhenta</i> , (...) p. 258 [DER/EC]	(...) is all <i>flour-dusted</i> , (...) p. 199 [TRANSP]
(...) <i>tatalou</i> e caiu, (...) p. 258 [DER/EC]	<i>It lowers its landing gear</i> and descends (...) p. 199 [EXPL]
(...) <i>coinha</i> no alto, (...) p. 258 [DER/EC]	(...) it <i>quacks</i> (...) p. 199 [MOD]
(...) e <i>aquatiza</i> meigamente. p. 258 [DER/EC]	(...) and <i>aquatizes</i> gently. P. 199 [LIT]
(...) puxando um <i>enfielamento</i> de círculos (...) p. 258 [DER/CL]	(...) setting in motion <i>concentric</i> circles (...) p. 199 [MOD]
Mas, <i>de vezinha</i> (...) p. 259 [DER/CL]	But <i>from time to time</i> (...) p. 200 [TRANSP]
(...) caçadoras <i>amarimbondadas</i> (...) p. 260 [DER/EC]	(...) <i>black mud daubers</i> whose (...) p. 200 [MOD]
(...) esta <i>formiga-onça</i> rajada (...) p. 260 [COMP/EC]	(...) a striped <i>jaguar ant</i> , (...) p. 200 [TRANSP]
(...) é todo o clã das <i>quem-quem</i> (...) p. 260 [COMP/EC]	(...) the whole clan of the <i>quem-quem</i> <i>ants</i> (...) 201 [EMP]
(...) circulam <i>adoidadas</i> (...) p. 260 [DER/EC]	(...) circle about <i>wildly</i> (...) p. 201 [TRANSP]
(...) e o <i>sem-sol</i> dos galhos. p. 261 [COMP/EC]	(...) the <i>underside</i> of the branches. P. 201 [MOD]

Mas a brisa <i>arageava</i> , (...) p. 261 [DER/EC]	But the breeze <i>stirred</i> , (...) p. 201 [MOD]
(...) ensaia e <i>reensaia</i> (...) p. 261 [DER/CL]	(...) it rehearses and <i>rerehearses</i> (...) p.202 [LIT]
(...) um escurão de <i>transmundo</i> (...) p. 262 [DER/CL]	(...) by the blackness of the <i>pit of the earth</i> , (...) p. 203 [MOD]
(...) reis <i>assírio-caldaicos</i> (...) p. 263 [COMP/CL]	(...) <i>Assyrian-Chaldee</i> kings (...) p. 203 [TRANSP]
Vamos ver o <i>faz-não-faz</i> . p. 263 [COMP/CL]	Let's see <i>what to do and what not to do</i> . P. 203 [MOD]
Uma cigarra <i>sissibila</i> , (...) p. 264 [DER/EC]	A cicada <i>wh-whirs</i> (...) p. 204 [LIT]
(...) as palmas da <i>palmeira-leque</i> (...) p. 265 [COMP/EC]	(...) the fronds of the <i>traveler's palm</i> (...0 p. 205 [ADP]
Um canto <i>arapongado</i> (...) p. 266 [DER/EC]	A <i>bell-like</i> song (...) p. 206 [MOD]
Vou. <i>Pé por pé, pé por si... Pèporpé, pèporsi... Pepp or pepp, epp or see... Pêpe orpèpe, heppe Orcy...</i> p. 266 [DER-COMP/CL]	I move on. One foot before the other trusting in the feet. <i>Footfore foot trust... Footorether, trustfeet... Footor... trusinfee...</i> p. 206 [ADP]
(...) grosseiro <i>maninpaço</i> . p. 268 [DER/EC]	(...) a crude <i>fetish</i> . P. 207 [ADP]
(...) eram <i>concolores</i> . p. 268 [DER/EC]	(...) were <i>uniform in color</i> . P. 208 [TRANSP]

7. CORPO FECHADO / BULLETPROOF

(...) p'ra o <i>quincumbim</i> ... p. 273 [DER/CL]	(...) to the <i>potter's field</i> . P. 211 [ADP]
(...) minha <i>macheza</i> (...) p. 273	(...) the <i>kind of he-man</i> I was (...) p. 211

[DER/CS]	[MOD]
(...) gente <i>sem-que-fazer</i> , (...) p. 274 [COMP/CS]	(...) a gang of <i>trash</i> (...) p. 211 [MOD]
_ Mas, nesta <i>sobrança</i> , (...) p. 274 [DER/CS]	“But in the <i>meantime</i> (...) p. 212 [MOD]
Havia, sim , os <i>subvalentões</i> , (...) p. 275 [DER/CS]	There were, to be sure, the <i>subbullies</i> , (...) p. 212 [LIT]
Os <i>do-Quintiliano</i> , por exemplo. p. 275 [DER/CS]	<i>The Quintilianos</i> , for example. p. 213 [TRANSP]
(...) que o Quintiliano <i>envêm!</i> p. 275 [DER/CL]	(...) for Quintiliano <i>is coming</i> . p. 213 [MOD]
Grilos <i>finfininhos</i> (...) p. 276 [DER/EC]	The <i>fiber-fine chirping</i> of the crickets (...) p. 214 [TRANSP]
(...) assim <i>joão-gouveia-sapato-sem-meia</i> , (...) p. 277 [COMP/CS]	(...) some <i>in shoes without stockings</i> , or in stockings and bedroom slippers, (...) p. 214 [ER]
(...) família Veiga, de uma <i>veiguíssima veigaria molambo-mazelenta</i> , (...) p. 278 [DER/CS]; [DER/CS]; [COMP/CS]	(...) family of Véigas, <i>stemming from vague, vagrant, tatterdemalion progenitor</i> , (...) p. 215 [MOD]
(...) juntos, <i>centaurizavam</i> gloriosamente. p. 279 [DER/EC]	(...) together they <i>centaurized</i> gloriously. P. 216 [LIT]
(...) de <i>arreconhecer</i> o bicho! p. 283 [DER/CL]	(...) would not have <i>recognized</i> the animal. p. 219 [LIT]
(...) <i>aconforme</i> os casos... p. 284 [DER/CL]	(...) <i>depending on</i> the case. p. 220 [MOD]
(...) eu chamava nas <i>truvancas</i> , (...) p. 284 [DER/CS]	<i>I give them the spur, show them who was the boss</i> , (...) p. 221 [ADP]
(...) todo <i>repinicado</i> (...) p. 285 [DER/EC]	(...) so that <i>tossing its head</i> (...) p. 221 [EXPL]
... Quando eu larguei a <i>ciganagem</i> , (...) p.	“When I left the <i>gypsies</i> (...) p. 221

285 [DER/CS]	[MOD]
(...) p'ra se fazer <i>tratantagem</i> , (...) p. 285 [DER/CS]	To carry out a <i>swindle</i> (...) p. 221 [TRANSP]
(...) do <i>tal-um</i> esfriar (...) p. 285 [COMP/CL]	(...) <i>his anger</i> has cooled off, (...) p. 221 [TRANSP]
(...) é que eu ia <i>condizendo</i> ... p. 285 [DER/CL]	(...) what I was <i>explaining</i> . P. 221 [MOD]
(...) então eu <i>arresolvi</i> amostrar (...) p. 285 [DER/CL]	(...) and then I <i>made up my mind</i> to show (...) p. 221 [MOD]
Era um alazão <i>sopa-de-leite</i> (...) p. 286 [COMP/EC]	A <i>milk-soup</i> sorrel (...) p. 222 [TRANSP]
<i>Sem-andar</i> , manco (...) p. 286 [COMP/EC]	<i>With no kind of a gait</i> , lame (...) p. 222 [TRANSP]
(...) aquela <i>feieza</i> : (...) p. 286 [DER/EC]	And the <i>ugliness</i> of its gait, (...) p. 222 [LIT]
(...) eu sou mesmo <i>opiniúdo</i> (...) p. 286 [DER/CL]	(...) I am very <i>stubborn</i> , (...) p. 222 [MOD]
(...) montaram, <i>desamontaram</i> , (...) p. 288 [DER/CL]	(...) they mounted, <i>dismounted</i> , (...) p. 223 [LIT]
(...) dos dois <i>égua-velhas</i> , (...) p. 288 [COMP/EC]	(...) of those two <i>old crocks</i> , (...) p. 223 [TRANSP]
(...) as <i>miserinhas</i> dos deles... p. 289 [DER/EC]	(...) the <i>wretchedness</i> of those (...) p. 224 [TRANSP]
_ Rach' ou parta ô <i>melodência</i> ! p. 290 [DER/CL]	' <i>Split or cut the watermelon</i> ! p. 225 [ADP]
(...) roubando o <i>de-comer</i> (...) p. 292 [COMP/CS]	(...) taking <i>the food</i> out of (...) p. 226 [TRANSP]
(...) perto do <i>cacifre</i> ... p. 292 [DER/CS]	(...) near the <i>moneybox</i> . p. 227 [LIT]
(...) <i>gasturento</i> como faca em nervo, (...) p.293 [DER/CL]	(...) <i>sending a chill</i> like the touch of a knife, (...) p. 227 [MOD]

(...) <i>esfriante</i> como um sapo (...) p. 293 [DER/EC]	(...) <i>cold</i> as a toad (...). p. 227 [TRANSP]
E eu <i>impei</i> (...) p. 293 [DER/CL]	I <i>swelled with pride</i> (...) p. 227 [MOD]
_ <i>Porque-isquê!</i> p. 294 [COMP/CL]	" <i>Because, beshmause!</i> " p.228 [ADP]
_ <i>Que-inha?</i> p. 294 [COMP/CL]	" <i>What my?</i> " p. 229 [ADP]
_ <i>Que-oca?</i> p. 294 [COMP/CL]	" <i>What-outh?</i> " p. 229 [ADP]
Face ao <i>inajetável</i> , (...) p. 295 [DER/CL]	Faced with the <i>irremediable</i> , (...) p.229 [MOD]
Pois o Antônio <i>curandeiro-feiticeiro</i> , (...) p. 297 [COMP/CR]	So Antônio <i>healer-witch doctor</i> , (...) p. 231 [ADP]
(...) se <i>desapalermou</i> (...) p. 298 [DER/CL]	(...) <i>shook off her bemusement</i> (...) p. 232 [MOD]
Eu me <i>desdebrucei</i> um pouco (...) p.299 [DER/CL]	I <i>shrank back</i> a little (...) p. 233 [MOD]

8. CONVERSA DE BOIS / CONVERSATION AMONG OXEN

(...) – <i>nhein... nheinhein... renheinhein...</i> (...)p. 304 [DER/CM]	(...) – <i>e-e-eh, e-e-e-eh, re-e-e-eh.</i> P. 235 [ADP]
(...) com os caninos de cima <i>desbordando</i> , (...) p. 304 [DER/EC]	(...) with the <i>protruding</i> upper canines, (...) p. 235 [MOD]
(...) o <i>papa-mel</i> empouou-se (...) p. 304 [COMP/EC]	(...) the <i>grison</i> powdered itself, (...) p.235 [ADP]
(...) <i>arranhento</i> e fanhoso, (...) p. 304 [DER/CM]	(...) <i>long-drawn-out</i> and twangy, (...) p. 235 [ADP]
(...) estavam <i>camaradissimamente</i> <i>murchas</i> , (...) p. 304 [DER/EC]	(...) drooped in <i>comradely</i> complicity; (...) p.236 [TRANSP]
(...) cheiravam <i>maduramente</i> a maçãs. p.305 [DER/EC]	(...) which smells of <i>ripe</i> apples, (...) p. 236 [TRANSP]
(...) – Buscapé, <i>bi-amarelo, desdescendo</i>	(...) – Buscapé, <i>yellow on yellow</i> , his

entre mãos (...) p. 305 [COMP/EC]; [DER/EC]	thick pleated dewlap <i>hanging down</i> (...) p. 236 [TRANSP]; [LIT]
(...) junta do <i>pé-de-guia</i> : (...) p. 305 [COMP/CM]	(...) <i>yoke of the span</i> , (...) p. 236 [ADP]
(...) <i>mirim-malhado</i> de branco (...) p. 305 [COMP/EC]	(...) <i>finely brindled</i> in black and white: (...) p. 236 [TRANSP]
(...) Realejo, <i>laranjo-botineiro</i> , (...) p. 305 [COMP/EC]	(...) Realejo, <i>orange</i> , (...) p.236 [OM-TRANSP]
(...) e, na cor, <i>jaguanês</i> . p. 306 [DER/EC]	(...) <i>red-and-black-striped, dappled with white</i> , heavy-jowled, (...) p. 236 [EXPL]
(...) <i>homenção</i> ruivo, (...) p. 306 [DER/CL]	(...) a blond <i>hulk of man</i> , (...) p. 237 [TRANSP]
(...) mas gostando <i>maismente</i> (...) p. 306 [DER/CL]	(...) but <i>preferring</i> to keep (...) p. 237 [MOD]
(...) remoendo e <i>tresmoendo</i> (...) p. 237 [DER/CL]	(...) chewing and <i>rechewing</i> (...) p. 237 [LIT]
(...) <i>despalpebrado</i> , em relevo (...) p. 307 [DER/CL]	(...) <i>unwinking</i> , stark, (...) p.238 [MOD]
(...) <i>repisonga</i> e se repete,(...) p. 307 [DER/EC]	(...) <i>harping on the same subject</i> and repeating himself, (...) p.238 [EXPL]
(...) <i>gangorando</i> no cóis da brocha (...) p. 308 [DER/EC]	(...) the twisted leather strap <i>sawing</i> his chin; (...) p. 238 [MOD]
(...) pesando <i>de-quina</i> (...) p. 308 [COMP/CM]	(...) pressing <i>sidewise</i> (...) p. 238 [LIT]
<i>Rebufa</i> e sopra: (...) p.308 [DER/EC]	He <i>snorts</i> and whispers: (...) p. 238 [LIT]
(...) um <i>tempo-das-águas</i> (...) p.308 [COMP/EC]	(...) the <i>rainy season</i> (...) p. 238 [TRANSP]
(...) o <i>homem-do-pau-comprido-com-marimbondo-na-ponta...</i> (...) p. 308 [COMP/CS]	(...) the <i>man-with-the-long-stick-with-the-hornet-at-the-end,</i> ” (...) p. 239 [TRANSP]

(...) é um bicho <i>esmochado</i> , (...) p.308 [CER/EC]	(...) is a <i>deshorned</i> beast (...) p. 239 [TRANSP]
(...) o <i>homem-do-pau-comprido</i> correr (...) p.308 [DER/CS]	(...) the <i>man-with-the-long-stick</i> (...) p.239 [TRANSP]
(...) ele é <i>mogão e mal-armado</i> , (...) p.309 [DER/EC]; [COMP/EC]	(...) he is <i>blunt-horned</i> and poorly armed (...) p. 239 [MOD]; [LIT]
(...) o <i>boi-grande</i> pegar (...) p. 309 [COMP/EC]	(...) the <i>big ox</i> hook (...) p. 239 [TRANSP]
(...) um <i>pau-comprido</i> , (...) p. 309 [COMP/CM]	(...) a <i>long stick</i> , (...) p. 239 [TRANSP]
Foi o <i>boi-grande-que-berra-e-carrega-uma-cabaça-na-cacunda...</i> p. 309 [COMP/EC]	(...) the <i>big-ox-with-the-ugly-bellow-that-carries-a-calabash-on-its-hump...</i> ” p. 239 [TRANSP]
(...) retrato de <i>zebuíno-nelorino</i> : (...) p.309 [COMP/EC]	(...) recalled a <i>Nellore zebu</i> (...) p. 239 [TRANSP]
(...) um <i>pré-corpo</i> entroncado (...) p. 309 [COMP/EC]	(...) the <i>heavy forequarters</i> , (...) p. 239 [MOD]
Brabagato se <i>reajoelha</i> (...) p. 310 [DER/EC]	Brabagato <i>comes to his knees again</i> (...) p. 240 [TRANSP]
(...) Capitão é um <i>couro-grosso</i> mal <i>mestiçado</i> (...) p. 312 [COMP/EC]; [DER/EC]	(...) Capitão, being a <i>clumsy cross of thick-hide with longhorn</i> , (...) p. 241 [TRANSP]; [TRANSP]
(...) anda <i>pesa-pesando</i> (...) p. 312 [COMP/EC]	(...) who moves <i>heavily</i> , (...) p. 241 [TRANSP]
(...) Brabagato, <i>mal-castrado</i> , (...) p. 312 [COMP/EC]	(...) Brabagato, <i>only half gelded</i> , (...) p. 242 [TRANSP]
Mas o <i>cornil</i> resiste. p. 312 [DER/EC]	But the <i>rope</i> holds fast. p. 242 [LIT]
(...) coice e <i>contra-coice</i> , (...) p. 312 [COMP/CM]	(...) to the <i>two rear teams</i> , (...) p.242 [MOD]
Você, <i>o-que-gosta-de-pastar-à-beira-da-</i>	You, <i>the-one-who-likes-to-graze-beside-</i>

<i>cerca-do-pasto-das-vacas?! ...</i> p. 312 [COMP/EC]	<i>the-fence-of-the-pasture-of-the-cows?"</i> p. 242 [LIT]
_ <i>E o-que-deita-para-se-esconder-no-meio-do-meloso-alto?</i> p. 312 [COMP/EC]	" <i>And the-one-who-lies-down-to-hide-in-the-middle-of-the-tall-Guinea-grass?"</i> p. 242 [OM-TRANSP-EXPL]
_ <i>E o boi-da-noite-que-saiu-do-mato?</i> p. 313 [COMP/EC]	" <i>And the Ox-of-night-who-comes-out-of-the-woods?("</i> p. 242 [TRANSP]
(...) <i>de semi-arbustos,</i> (...) p. 313 [COMP/EC]	(...) <i>with second growth,</i> (...) p. 243 [MOD]
(...) <i>para o menino-guia.</i> p. 313 [COMP/CS]	(...) <i>at the child guide.</i> p. 243 [MOD]
(...) <i>mas vão afanados,</i> (...) p. 313 [DER/EC]	(...) <i>they are in a hurry</i> (...) p. 243 [TRANSP]
(...) <i>bijungidos, dois a dois paralelos,</i> (...) p. 313 [DER/CM]	(...) <i>parallel, two by two,</i> (...) p. 243 [OM]
(...) <i>fica novo, bocó-sem-sorte,</i> (...) p. 313 [COMP/CL]	(...) <i>wake up, you stupid fool,</i> (...) p. 243 [MOD]
Mas, <i>acolá, nos encangamentos,</i> (...) p. 314 [DER/CM]	(...) <i>among the teams.</i> p. 244 [MOD]
Alguma <i>mutuca voandeja</i> (...) p. 314 [DER/EC]	Some horsefly <i>flitting</i> by(...) p. 244 [MOD]
<i>Virou, raivado.</i> p.314 [DER/EC]	He whirled, <i>in a fury.</i> p. 244 [TRANSP]
<i>Reentestam.</i> p. 314 [DER/EC]	They <i>re-butted.</i> p.244 [LIT]
<i>Chora-não-chora,</i> (...) p. 315 [COMP/CL]	<i>Holding in his tears,</i> (...) p.244 [MOD]
O <i>caminho, descurvo,</i> (...) p. 316 [DER/CM]	The <i>uncurving</i> road (...) p. 245 [LIT]
<i>Arrepicam e voam</i> (...) p. 316 [DER/EC]	(...) <i>screeching sorrows,</i> they fly off. p. 246 [TRANSP]
(...) <i>as testorras e picando-os</i> (...) p. 317	(...) <i>in the head</i> and (...) p. 246 [MOD]

[DER/EC]	
(...) o boi <i>vermelhengo</i> , (...) p. 317 [DER/EC]	(...) the <i>reddish</i> ox (...) p. 246 [TRANSP]
(...) uma cornada <i>de-través</i> . p. 317 [COMP/CL]	(...) the guide <i>with the flat</i> of his horn. P. 246 [TRANSP]
(...) de <i>vara-de-marmelo</i> , (...) p. 317 [COMP/CM]	(...) with the <i>quince switch</i> , (...) p. 246 [TRANSP]
(...) de homem, <i>o-que-come-de-olho-aberto...</i> ” p. 318 [COMP/CS]	(...) man, <i>the-one-who-eats-with-his-eye-open...</i> ” p. 247 [TRANSP]
(...) sentindo <i>dor-por-dentro</i> no pescoço? p. 318 [COMP/CS]	Was that a <i>pain he was feeling</i> in the throat? P. 247 [MOD]
(...) capim-guiné <i>verde-azul</i> . p. 319 [COMP/EC]	(...) of <i>bluish-green</i> Guinea grass. P. 248 [TRANSP]
(...) boi Brilhante <i>desdorme</i> , (...) p. 319 [DER/EC]	(...) ox Brilhante <i>yawned and lapsed</i> (...) p. 248 [MOD]
(...) – o <i>sem-fim</i> da paisagem (...) p. 320 [COMP/EC]	(...) – the <i>endless</i> landscape (...) p. 248 [TRANSP]
(...) <i>azul-espreitante</i> , que esmiuça: (...) p. 320 [COMP/EC]	(...) of <i>watchful blue</i> that (...) p. 248 [TRANSP]
(...) um boneco <i>homem-polegar</i> , (...) p. 320 [COMP/CS]	(...) the body of a <i>Hop-o'-my-Thumb</i> , (...) p.249 [ADP]
(...) e os <i>boizinhos-de-carro</i> (...) p. 320 [COMP/CS]	(...) and the <i>wee oxen</i> (...) p. 248 [TRANSP]
(...) jequitibás <i>esmoitados</i> , (...) 321 [DER/EC]	(...) <i>naked</i> sapucaia-nut trees, (...) p. 250 [MOD]
(...) nele <i>de-em-antes</i> , (...) p. 321 [COMP/CL]	(...) about him <i>before</i> , (...) p. 250 [TRANSP]
(...) ele falava mais <i>em-mais</i> . p. 322 [COMP/CL]	(...) he talked <i>more and more</i> . P. 251 [TRANSP]
(...) está <i>embrajado</i> fundo ... (...) p. 324	(...) one <i>the mire</i> is deep.... (...) p. 252

[DER/CL]	[MOD]
(...) <i>escorre, chorrilhando</i> , (...) p. 324 [DER/EC]	(...) the dirty water <i>gushed in</i> , (...) p. 252 [TRANSP]
(...) <i>bufalões destamanhos</i> (...) p.325 [DER/EC]	(...) the <i>huge</i> buffaloes (...) p. 253 [TRANSP]
(...) <i>contraídas as falsas-ventas</i> . p. 326 [DER/EC]	(...) his inner nostrils dilated and the <i>outer</i> contracted. p. 253 [EXPL]
(...) e zelar a <i>contra-guia</i> na subida, (...) p. 329 [COMP/CM]	(...) the <i>second-last</i> going up hill (...) p.256 [ADP]
(...) todo <i>amontado no sem-jeito...</i> p. 329 [DER/CS]; [COMP/CS]	(...) everything <i>topsy-turvy</i> and <i>hindsight before....</i> ” p. 256 [ADP]; [ADP]
(...) todo <i>de-luxo</i> com os estragos(...) p. 329 [COMP/CL]	(...) <i>reveling</i> in the damage (...) p. 256 [ADP]
Sem <i>desageração</i> , (...) p. 330 [DER/CL]	Without <i>dexaggeration</i> , (...) p. 257 [LIT]
(...) que são <i>bois-mestres</i> (...) p. 331 [COMP/EC]	(...) who are a <i>master rear yoke</i> , (...) p. 258 [TRANSP]
(...) a cantoria <i>rezinguenta</i> . p. 332 [DER/CM]	(...) <i>squeaking</i> a <i>grumbling</i> accompaniment. P. 259 [TRANSP]
_ E o <i>bezerro-de-homem-que-caminha-sempre-na-frente-dos-bois?</i> p.332 [COMP/CS]	“And the <i>calf-man who always walks in front of the oxen?</i> ” p. 259 [TRANSP]
_ O <i>bezerro-de-homem-que-caminha-adiante</i> (...) p. 333 [COMP/CS]	“The <i>calf-man-who-walks-ahead</i> (...) p. 259 [TRANSP]
(...) <i>alto e escorregoso</i> (...) p. 333 [DER/EC]	(...) high and <i>slippery</i> , (...) p. 259 [LIT]
(...) separando as <i>regueiras</i> (...) p. 333 [DER/EC]	(...) separating the <i>rusts</i> (...) p. 259 [TRANSP]
(...) e pelas <i>rodeiras</i> de outros (...) p. 333 [DER/CM]	(...) and the <i>wheels</i> of other (...) p. 259 [MOD]
(...) do <i>chifre-do-carro!</i> ... p. 333	(...) off the <i>cart’s horn....</i> p. 260

[COMP/CM]	[TRANSP]
O dia <i>desesquentou</i> , (...) p. 333 [DER/CL]	<i>The heat of the day has beated</i> , (...) p. 260 [TRANSP]
(...)e <i>engrolou</i> : (...) p. 334 [DER/EC]	(...) and <i>mutters</i> : (...) p. 260 [MOD]
No nosso <i>mato-escuro</i> (...) p. 334 [COMP/CL]	In our <i>dark wood</i> (...) p. 260 [TRANSP]
No <i>mato-escuro-de-todos-os-bois</i> ... p. 334 [COMP/CL]	In the <i>dark-wood-of-all-oxen</i>p. 261 [TRANSP]
Sou <i>aquele-que-tem-um-anel-branco-aoredor-das-ventas!</i> ... p. 334 [COMP/CL]	I am <i>the one who has a white ring around his nostrils</i> p. 261 [TRANSP]
Não há <i>o-que-tem-cabeça-grande-e-murundu-nas-costas</i> ... p. 335 [COMP/CL]	There is not <i>the-one-who-has-a-big-head-and-a-hump-on-his-back</i> ... p. 261 [TRANSP]
(...)mesmo <i>mau-de-todo</i> , não... p. 337 [COMP/CL]	(...) but not <i>altogether bad</i> , no. P. 263 [TRANSP]

9. A HORA E VEZ DE AUGUSTO MATRAGA / AUGUSTO MATRGA'S HOUR AND TURN

(...) duas <i>mulheres-à-toa</i> (...) p. 341 [COM/CS]	(...) the two <i>drabs</i> (...) p. 265 [TRANSP]
(...) o <i>meio-riso</i> que trazia (...) p. 342 [COMP/CS]	(...) the <i>simper</i> dangling (...) p. 265 [TRANSP]
(...) uma <i>falta-de-lugar</i> , (...) 343 [COMP/CL]	(...) an <i>elbowroom</i> (...) p. 266 [ER]
_ Te <i>apessoa</i> para cá, (...) p. 344 [DER/CS]	"You <i>come over</i> here (...) p. 267 [MOD]
(...) fazendo o <i>em-nome-do-padre</i> , (...) p. 344 [COMP/CR]	(...) and made the sign of <i>In-the-name-of-the-Father</i> , (...) p. 267 [LIT]
(...) em ano <i>resseco</i> . p.345 [DER/EC]	(...) year of <i>withering drought</i> . P. 268

	[TRANSP]
Sentia, pelo <i>desdeixo</i> . p.346 [DER/CM]	(...) because of the <i>affront implied</i> . P. 268 [MOD]
(...) e sem <i>detença</i> , (...) p. 346 [DER/CS]	(...) and <i>unbridled</i> , like a huge (...) p. 268 [TRANSP]
(...) que um <i>qualquer-um</i> está no poder de fazer. p. 349 [COMP/CS]	(...) it is in <i>anybody's</i> power to do. P. 271 [TRANSP]
(...) ajuntar à <i>massa-mãe</i> do ódio (...) p. 351 [COMP/CL]	(...) with the <i>mother-mass</i> of deep hatred (...) p. 273 [TRANSP]
(...) num <i>desvencido</i> torpor. p. 356 [DER/CL]	(...) into an <i>overpowering</i> stupor. P. 277 [TRANSP]
(...) ainda mais <i>excelentemente</i> , (...) p. 356 [DER/CL]	(...) in <i>even more excellent</i> fashion, (...) p. 277 [EXPL]
(...) entre as <i>varjarias</i> (...) p. 358 [DER/EC]	(...) between <i>marshes</i> (...) p. 279 [LIT]
(...) para o <i>bom-parecer</i> (...) p. 359 [COMP/CS]	(...) toward the <i>attractions</i> (...) p. 280 [MOD]
(...) tão sem <i>homênciã</i> , (...) p. 361 [DER/CS]	(...) so devoid of <i>manliness</i> , (...) 282 [LIT]
(...) o <i>arranca-toco</i> , o <i>treme-terra</i> , o <i>come-brasa</i> , o <i>pega-à-unha</i> , o <i>fechatreta</i> , o <i>tira-prosa</i> , o <i>rompe-racha</i> , o <i>rompe-e-arrasa</i> : (...) p. 365 [COMP;CS]; [COMP;CS]; [COMP;CS]; [COMP;CS]; [COMP;CS]; [COMP;CS]; [COMP;CS]	(...) the <i>stump-puller</i> , the <i>earth-shaker</i> , the <i>fire-eater</i> , the <i>boast-stropper</i> , the <i>measure-taker</i> , the <i>question-settler</i> , the <i>no-obstacle-brooker</i> : (...) p. 285 [TRANSP]; [TRANSP]; [ADP]; [ADP]; [ADP]; [ADP]; [ADP]
(...) acertou a <i>sujigola</i> (...) p. 368 [DER/CL]	(...) settled his <i>chinstrap</i> (...) p. 287 [TRANSP]
(...) raiva <i>fora-de-hora</i> , (...) p. 368 [COMP/CL]	(...) get mad <i>at the wrong time</i> (...) p. 288 [MOD]
(...) muito <i>escandecido</i> (...) p. 368	(...) are <i>in bad shape</i> , (...) p. 288

[DER/CL]	[TRANSP]
(...) de <i>bicipitalidade</i> maciça. p. 369 [DER/CL]	(...) of a massive <i>bicipitality</i> . p. 288 [TRANSP]
(...) e os <i>do-lado-de-lá</i> (...) p. 370 [COMP/CS]	(...) and <i>those on the opposite side</i> (...) p. 289 [TRANSP]
(...) na sua <i>desgarração</i> . p. 372 [DER/CS]	(...) in his <i>downfall</i> . P. 291 [MOD]
(...) um sol, <i>talqualzinho</i> a bola de enxofre (...) p. 372 [DER/CL]	(...) a sun <i>like</i> a ball of sulphur (...) p.292 [TRANSP]
(...) <i>grulhantes, gralhantes</i> , (...) p. 374 [DER/EC]; [DER/EC]	(...) <i>chattering</i> , (...) p. 292 [ADP]
(...) <i>cascatas véus-de-noivas</i> (...) p. 376 [COMP/EC]	(...) <i>bridal veil cascades</i> (...) p. 295 [TRANSP]
(...) a <i>lália</i> lamúria (...) p. 378 [DER/CL]	(...) or the <i>lulling</i> whine (...) p. 296 [TRANSP]
(...) ou se <i>empescoçando</i> para a direita; (...) p. 378 [DER/EC]	(...) or <i>hawing</i> to the right; (...) p. 296 [ER]
(...) era <i>bem-assistido</i> , (...) p. 383 [COMP/CL]	(...) he was <i>on firm ground</i> , (...) [MOD]
_ Epa! <i>Nomopadrofilhospritossantamêin!</i> (...) p.383 [COMP/CR]	“Whoa there! <i>Name-of-the-Father-Son-Holy-Ghost-amem!</i> [LIT]

ANEXO

FOTOCÓPIA DA NOTA DA TRADUTORA HARRIET DE ONÍS

TRANSLATOR'S NOTE



DESPITE THE MANY EPIGRAPHS employed by Guimarães Rosa in *Sagarana*, which Franklin de Oliveira has so acutely analyzed in his introductory study, there is still another the author might have added, and one that I, the translator, would have appended. The first is John Maynard Keynes's remark: "Words ought to be a little wild, for they are the assaults of thought upon the unthinking." The other is Lewis Carroll's dictum, via Humpty-Dumpty, that "When I use a word it means just what I choose it to mean." Thus we see that the economist, the mathematician, and the poet—for Guimarães Rosa began his literary career as a poet—are "of imagination all compact." My problem throughout this translation has been the studied wildness of words the author has sought in his effort to eschew the conventional, the hackneyed, as well as the special nuance with which he has invested many of his terms and phrases.

I feel a great pride in Guimarães Rosa, not only because he is in my opinion one of the most skilled practitioners of the art of the short story in the world today—and I am using authors like Katherine Anne Porter, William Faulkner, and Jorge Luis Borges as my basis for comparison—but also because he was my own discovery. I came upon one of the stories in *Sagarana* several years ago in an Argentine literary review; the author was unknown to me, the translation left much to be desired, but the story, "Augusto Matraga's Hour and Turn," made such a deep impression on me that I immediately ordered the books listed in the bibliography, which included the novel *Grande Sertão: Veredas*¹ and two volumes of novelettes—*Corpo de Baile* as well as *Sagarana*.

¹ *The Devil to Pay in the Bacalandás*, translated by James L. Taylor and Harriet de Onís. New York: Alfred A. Knopf, 1963.

xvii

TRANSLATOR'S NOTES

But I seem to have spent my life discovering the Mediterranean. His books are now being, or have been, translated into German, Italian, French, and Swedish with great success and acclaim. He was one of the candidates for the Formentor Prize in 1965.

The translation of *Sagarana* has not been easy. I have been in constant communication with the author, and at times I have felt like a sick-bay steward delivering a baby by radioed instructions from a doctor on land. The author, incidentally, is a doctor, though at present attached to the Ministry of Foreign Affairs of Brazil with the rank of Minister. His work deals with the life of his native state, Minas Gerais, which, landlocked and highly conservative though it is, has been, thanks to its rich mining industry, in closer communication with Europe than many of the coastal states, and which was also the scene of Brazil's first attempts at Independence. What holds true of the state is equally true of the author. It is abundantly clear that he is aware of all the literary trends and ferments in the world today and employs them in his own way, yet nobody could be more Brazilian. One of the characters in "Mine Own People" says: "Minas Gerais . . . Minas goes from within to without, and from heaven to earth." Santana corrected me: "Why don't you say Brazil?" With writers like Guimarães Rosa, Jorge Amado, Gilberto Freyre, Clarice Lispector, Raquel Queiroz, not to mention such illustrious forerunners as Machado de Assis, Aluizio Azevedo, and Euclides da Cunha, Brazil now occupies a large place on the world's literary map.

Harriet de Onís